

COLEÇÃO LÉON DENIS

O problema do ser, do destino e da dor

O problema do Ser

- **Manifestações depois da morte**
- **Evolução e finalidade da alma**
- **A morte**
- **A vida no além**
- **A vida superior**

petit



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

LÉON DENIS

O problema do Ser,
do Destino e da Dor

O problema do Ser

O Problema do Ser

Copyright by © Petit Editora e Distribuidora Ltda. 2000

1ª edição: maio/00 - 15.000 exemplares

Direção editorial:

Flávio Machado

Coordenação editorial:

Sílvia Sampaio Ribeiro

Tradução:

Renata Barboza da Silva

Simone T. Nakamura Bele da Silva

Textos doutrinários conferidos e anotados por:

Mário Rasteiro da Fonseca

Capa (criação):

Flávio Machado

Diagramação:

Marcio da Silva Barreto

Revisão:

Sheila T. Fabre

Leticia Castello Branco Braun

Fotolito da capa:

Diarte

Impressão:

Cromosete Gráfica e Editora Ltda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Denis, Léon, 1846 - 1927.

O problema do ser: 1ª parte / Léon Denis;
[tradução Renata Barboza da Silva, Simone T. Nakamura
Bele da Silva]. – São Paulo : Petit, 2000. – (Coleção o
problema do ser, do destino e da dor)

Título original: Le probleme de l'être.

ISBN 85-7253-064-9

1. Espiritismo – Filosofia 2. Ontologia I. Título.
II. Série.

00-1422

CDD–133.901

Índices para catálogo sistemático:

1. Ser: Espiritismo: Filosofia 133.901

Direitos autorais reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização da editora. Ao reproduzir este ou qualquer livro pelo sistema de fotocopadora ou outro meio, você estará prejudicando a editora, o autor e você mesmo. Existem outras alternativas, caso você não tenha recursos para adquirir a obra. Informe-se, é melhor do que assumir débitos.

Impresso no Brasil, no outono de 2000.

LÉON DENIS

O problema do Ser

Nova Edição
Conforme edição de 1922
da União Espírita Francesa e Francófila

Estudos Experimentais sobre os Aspectos
Ignorados do Ser Humano – As Personalidades
Duplas – A Consciência Profunda – A Renovação
da Memória – As Vidas Anteriores e Sucessivas, etc.

petit
e d i t o r a

Rua Atuaí, 383 - Vila Esperança/Penha
CEP 03646-000 - São Paulo - SP
Fone: (0XX11) 6684-6000
Endereço para correspondência:
Caixa Postal 67545 - Ag. Almeida Lima
03102-970 - São Paulo - SP

www.petit.com.br
petit@petit.com.br



LÉON DENIS (1846/1927)

Um dos mais extraordinários espíritas de todos os tempos.

Sucessor e propagador da obra de Allan Kardec, a qual ampliou em termos filosóficos.

Seus elevados conceitos doutrinários, alicerçados na mais pura moral cristã e nos ensinamentos dos espíritos, lançaram novas luzes sobre a Doutrina Espírita, que enfrentava, na época, a contestação e o desprezo de grupos religiosos e científico-materialistas. Léon Denis a todos respondia com a sua mais pura naturalidade, baseando-se nos ensinamentos do Cristo e na mais alta inspiração dos seus mentores, que, como ele próprio confessava, nessas horas nunca o abandonaram.

Era também um orador excepcional que sempre atraía multidões. Sua vida era regrada pelos exemplos do Divino Mestre, tendo para todos e a qualquer momento sempre uma palavra de ânimo, quando não a própria ajuda material que para ele mesmo já era escassa.

Atrás de si deixou o exemplo da caridade, da renúncia e do trabalho.

Sua obra doutrinária é básica e enfoca os problemas da angústia e da dor, a destinação do homem e a maneira de compreender e equacionar os obstáculos da vida terrena.

Destacamos as seguintes obras de sua autoria: *Depois da morte*, *Cristianismo e Espiritismo*, *Joana D'Arc médium*, *O porquê da vida* e *No invisível*. Desencarnou trabalhando, aos 81 anos.



SUMÁRIO

Introdução	7
1 – A evolução do pensamento	19
2 – O critério da doutrina dos espíritos	27
3 – O problema do ser	49
4 – A personalidade integral	56
5 – A alma e os diferentes estados do sono	66
6 – Desprendimento e exteriorização. Projeções telepáticas	79
7 – Manifestações depois da morte	87
8 – Estados vibratórios da alma. A memória	96
9 – Evolução e finalidade da alma	101
10 – A morte	111
11 – A vida no além	126
12 – As missões, a vida superior	136





Esta introdução é a mesma para os três volumes da Coleção Léon Denis (*O problema do ser, O problema do destino e O problema da dor*).

INTRODUÇÃO

Uma observação dolorosa surpreende o pensador na velhice. Ela se torna ainda mais lastimável em consequência das impressões experimentadas em seu giro pelo mundo espiritual, e ele então reconhece que o ensinamento ministrado pelas instituições humanas em geral – religiões, escolas, universidades –, se nos ensinam muitas coisas supérfluas, em compensação não nos ensinam quase nada do que mais temos necessidade de conhecer para a nossa conduta: a direção da existência terrestre e a preparação para o além.

Apesar de ter sido escrito em 1908, o leitor notará ao longo deste e dos demais livros desta coleção que o autor estava tão bem assessorado pela espiritualidade que esta obra é tão atual quanto se tivesse sido escrita nos dias de hoje.

Aqueles a quem cabe a alta missão de esclarecer e guiar a alma humana parecem ignorar sua natureza e seus verdadeiros destinos.

Nos meios universitários, uma completa incerteza ainda reina sobre a solução do problema mais importante com que o homem se defronta no decorrer de sua passagem pela Terra. Essa incerteza se reflete em todo o ensino. Uma boa parte dos professores e pedagogos afasta sistematicamente de suas lições tudo o que se refere ao problema da vida, às questões de seu objetivo e finalidade.

Encontramos a mesma dificuldade nos líderes religiosos. Por suas afirmações desprovidas de provas, conseguem comunicar às almas sobre as quais têm responsabilidade apenas uma crença que não responde mais à lógica de uma crítica sã nem às exigências da razão.

A rigor, na universidade, assim como na Igreja, modernamente a alma encontra somente obscuridade e contradição em tudo que diz respeito ao problema de sua natureza e de seu futuro. É a esse estado de coisas que é preciso atribuir, em grande parte, os males



de nosso tempo: a incoerência das idéias, a desordem da consciência, a anarquia moral e social.

A educação dispensada às gerações é complicada: não lhes esclarece o caminho da vida e não as estimula para as lutas da existência. O ensino clássico habilita a cultivar, a ornar a inteligência, mas não ensina a agir, a amar, a se dedicar nem a alcançar uma concepção do destino que desenvolva as energias profundas do eu e oriente nossos impulsos, nossos esforços, para um objetivo elevado. No entanto, essa concepção é indispensável a todo ser, a toda sociedade, porque é o sustentáculo, a consolação suprema nas horas difíceis, a fonte das virtudes atuantes e das altas inspirações.

Carl du Prel* relata o seguinte fato¹:

“Um dos meus amigos, professor da universidade, sentiu a dor de perder sua filha, o que reavivou nele o problema da imortalidade. Ele se dirigiu aos seus colegas, professores de filosofia, esperando encontrar consolação em suas respostas. Teve uma amarga decepção: havia pedido pão e lhe ofereciam pedra; procurava uma afirmação e respondiam-lhe com um ‘talvez’.”

Francisque Sarcey, modelo completo do professor da universidade, escreveu²: *“Estou na Terra. Ignoro absolutamente como vim e como fui lançado aqui. Ignoro ainda mais como sairei daqui e o que acontecerá quando sair”*.

Não se pode confessar mais francamente: a filosofia da escola, após tantos séculos de estudo e trabalho, ainda é apenas uma doutrina sem luz, sem calor, sem vida³. A alma de nossos filhos, sacudida entre sistemas diversos e contraditórios – o positivismo de Augusto Comte, o naturalismo de Hegel, o materialismo de Stuart Mill, o ecletismo de Cousin**, etc. –, flutua incerta, sem ideal, sem um objetivo preciso.

* Carl du Prel (1839-1899): destacado filósofo alemão e um dos importantes pensadores modernos, grande defensor das idéias espíritas no seu tempo contra os materialistas. Deixou muitas obras publicadas (Nota do Editor).

1 - Carl du Prel. *La mort et l'au-delà (A morte e o além)*.

2 - *Petit Journal*, “Crônica”, 7 de março de 1894.

3 - A propósito dos exames universitários, M. Ducros, sub-reitor da Faculdade de Aix, escreveu no *Journal des Débats (Jornal dos Debates)*, em 3 de maio de 1912: “Parece que existe entre o discípulo e as coisas como que um anteparo, não sei que nuvem de palavras aprendidas, fatos dispersos e opacos. É sobretudo na filosofia que se prova esta triste impressão”.

** Augusto Comte (francês), J.G. Friedrich Hegel (alemão), J. Stuart Mill (inglês) e Victor Cousin (francês): filósofos de grande influência. Positivismo, naturalismo e materialismo são doutrinas filosóficas; ecletismo é um método que consiste em reunir teses de doutrinas diversas (N.E.).



Daí o desânimo precoce e o pessimismo desanimador, doenças das sociedades decadentes, ameaças terríveis para o futuro, às quais se acrescenta o ceticismo amargo e zombeteiro de tantos jovens que acreditam apenas no dinheiro e honram apenas o sucesso.

Note que, apesar de este livro ter sido escrito no início do século 20 (a 1ª edição é de 1908), o assunto ainda é bastante atual nos dias de hoje.

O ilustre professor Raoul Pictet assinala esse estado de espírito na introdução de sua última obra sobre as ciências psíquicas⁴. Ele fala do efeito desastroso produzido pelas teorias materialistas sobre a mentalidade de seus alunos e conclui assim:

“Esses pobres jovens admitem que tudo o que se passa no mundo é efeito necessário e fatal de condições primárias, em que a vontade não intervém. Consideram que sua própria existência é, forçosamente, joguete da fatalidade inevitável, à qual estão ligados, de pés e mãos atados. Esses jovens param de lutar logo que encontram as primeiras dificuldades. Não acreditam mais em si mesmos. Tornam-se túmulos vivos, onde guardam, confusamente, suas esperanças, seus esforços, seus desejos, fossa comum de tudo o que lhes fez bater o coração até o dia do envenenamento. Tenho visto esses cadáveres diante de suas carteiras e no laboratório, e têm-me causado pena.”

Tudo isso não é somente aplicável a uma parte de nossa juventude, mas também a muitos homens de nosso tempo e de nossa geração, nos quais podemos constatar um sintoma de cansaço moral e de abatimento.

F. Myers* também o reconhece: *“Há como que uma inquietude, um descontentamento, uma falta de confiança no verdadeiro valor da vida. O pessimismo é a doença moral de nosso tempo”*⁵.

As teorias de além-Reno**, as doutrinas de Nietzsche, de Schopenhauer, Haeckel***, dentre outros, muito contribuíram para desenvolver esse estado de coisas. Sua influência se espalha por toda parte. Deve-se atribuir a eles, em grande parte, esse

4 - *Étude critique du matérialisme et du spiritualisme, pour la physique expérimentale (Estudo crítico do materialismo e do espiritualismo pela física experimental)*.

* Friedrich Myers (1834-1901): professor da Universidade de Cambridge (Inglaterra). Seus estudos contribuíram para o entrelaçamento da ciência com a idéia de um Criador. No meio científico defendeu postulados espíritas, como as vidas sucessivas e a reencarnação. Ferrenho opositor do materialismo, é considerado uma das *inteligências brilhantes* de sua época (N.E.).

5 - F. Myers. *Human personality (Personalidade humana)*.

** O autor, ao usar o termo além-Reno, refere-se à Alemanha (N.E.).

*** Nietzsche, Schopenhauer, Haeckel: os dois primeiros filósofos e o último biólogo alemães (N.E.).

lento trabalho, obra obscura de ceticismo e desencorajamento que se desenvolve na alma contemporânea.

É tempo de reagir com vigor contra essas doutrinas funestas e de procurar, fora da órbita oficial e das velhas crenças, novos métodos de ensino que respondam às imperiosas necessidades do momento presente. É preciso preparar os espíritos para as necessidades, os combates da vida atual e das vidas futuras; é preciso, sobretudo, ensinar o ser humano a se conhecer, a desenvolver, em vista de seus objetivos, as forças latentes que nele dormem.

Até aqui, o pensamento esteve limitado a círculos estreitos: religiões, escolas ou sistemas que se digladiam e se combatem reciprocamente. Daí essa divisão profunda das idéias, essas correntes violentas e contrárias que perturbam e transtornam o meio social.

Aprendamos a sair desses círculos rígidos e a dar livre expansão ao pensamento. Cada sistema contém uma parte de verdade; nenhum contém a realidade por completo. O universo e a vida possuem aspectos bastante variados, bastante numerosos para que algum sistema possa abarcar todos. Dentre essas concepções absurdas, é preciso recolher os fragmentos de verdade que elas contêm, aproximá-los e colocá-los de acordo. Depois, unindo-os aos novos e múltiplos aspectos da verdade que descobrimos a cada dia, caminharmos rumo à unidade majestosa e à harmonia do pensamento.

A crise moral e a decadência de nossa época provêm, em grande parte, do fato de o espírito humano ter se imobilizado durante muito tempo. É preciso tirá-lo da inércia, das rotinas seculares, levá-lo às mais elevadas altitudes, sem perder de vista as bases sólidas que vêm oferecer-lhe uma ciência engrandecida e renovada. É essa ciência do amanhã que trabalhamos para que seja constituída. Ela nos fornecerá o critério indispensável, os meios de verificação e de comparação sem os quais o pensamento, entregue a si mesmo, sempre correrá o risco de se perder.

*

A perturbação e a incerteza que verificamos no ensino repercutem e se encontram, como dissemos, em toda ordem social.

Por toda parte, há um estado de crise inquietante. Sob a superfície brilhante de uma civilização refinada, esconde-se um mal-estar profundo. A irritação cresce nas classes sociais. O conflito de interesses, a luta pela vida tornam-se, dia a dia, mais ásperos. O sentimento do dever tem-se enfraquecido na consciência popular a tal ponto que muitos homens nem mesmo



sabem onde está o dever. A lei do número, ou seja, da força cega, domina mais do que nunca. Retóricos* mentirosos dedicam-se a desencadear as paixões, os maus instintos da multidão, a espalhar teorias nocivas, às vezes criminosas. Depois, quando a maré sobe e o vento sopra em tempestade, eles se escondem e afastam de si toda responsabilidade.

Onde está, então, a explicação desse mistério, dessa contradição notável entre as aspirações generosas de nosso tempo e a realidade brutal dos fatos? Por que um regime que havia despertado tantas esperanças ameaça chegar à anarquia, à ruptura de todo o equilíbrio social?

A implacável lógica vai nos responder: a democracia, radical ou socialista, nas massas profundas e em seu espírito dirigente, inspirando-se nas doutrinas negativistas, podia chegar somente a um resultado negativo para a felicidade e a elevação da humanidade. Tal o ideal, tal o homem; tal a nação, tal o país!

As doutrinas negativistas, em suas conseqüências extremas, levam fatalmente à anarquia, ou seja, ao vácuo, ao nada social. A história humana já teve, diversas vezes, essa dolorosa experiência.

Enquanto se tratou de destruir os restos do passado, de dar o último golpe nos privilégios que restavam, a democracia serviu-se habilmente de seus meios de ação. Porém, hoje, o que importa é construir a cidade do futuro, o vasto edifício que deve abrigar o pensamento das gerações. E, diante dessas tarefas, as doutrinas mostram sua insuficiência e revelam sua fragilidade; vemos os melhores operários se debaterem em uma espécie de impotência material e moral.

Nenhuma obra humana pode ser grande e durável se não se inspirar, na teoria e na prática, em seus princípios e em suas aplicações, nas leis eternas do universo. Tudo o que é concebido e edificado fora das leis superiores se constrói na areia e afunda.

Acontece que as doutrinas do socialismo atual têm um erro essencial. Elas querem impor uma regra em contradição com a natureza da verdadeira lei da humanidade: o nível igualitário.

A evolução gradual e progressiva é a lei fundamental da natureza e da vida. É a razão de ser do homem, a norma do universo. Posicionar-se contra ela, substituir-lhe por outro fim, seria tão insensato quanto querer parar o movimento da Terra ou o fluxo e refluxo das marés.

* Retórico: nesse caso, orador que faz discurso pomposo e sem conteúdo (N.E.).

O lado mais fraco da doutrina socialista é a ignorância absoluta do homem, de seu princípio essencial, das leis que dirigem o seu destino. E quando se ignora o homem individual, como se poderia governar o homem social?

A origem de todos os nossos males está em nossa falta de saber e em nossa inferioridade moral. Toda sociedade permanecerá fraca e dividida enquanto a desconfiança, a dúvida, o egoísmo, a inveja e o ódio a dominarem. Não se transforma uma sociedade por meio das leis. As leis e as instituições não seriam nada sem os costumes, sem as crenças elevadas. Quaisquer que sejam a forma política e a legislação de um povo, se ele possui bons costumes e convicções firmes, será sempre mais feliz e mais poderoso do que um outro povo de moralidade inferior.

Para melhorar a forma de uma sociedade, sendo ela o resultado das forças individuais, boas ou más, é preciso agir inicialmente sobre a inteligência e a consciência dos indivíduos.

Porém, para a democracia socialista, o homem interior, o homem da consciência individual, não existe; a coletividade o absorve por completo. Os princípios que adota não passam de uma negação de toda filosofia elevada e de toda causa superior. Não se procura outra coisa a não ser conquistar direitos. Entretanto, o gozo dos direitos não pode ser obtido sem a prática dos deveres. O direito sem o dever, que o limita e o corrige, produz apenas novas aflições, novos sofrimentos.

Eis por que o impulso formidável do socialismo não faz nada mais do que deslocar os apetites, as ambições, as causas das doenças e substituir as opressões do passado por um despotismo* novo, ainda mais intolerável. Vemos isso no exemplo da Rússia.

Já podemos medir a extensão dos desastres causados pelas doutrinas negativistas. O determinismo, o materialismo, ao negar a liberdade humana e a responsabilidade, minam as próprias bases da ética universal. O mundo moral não passa de um anexo da fisiologia, ou seja, o reinado, a manifestação da força cega e irresponsável. Os espíritos de elite professam o niilismo metafísico**, e a massa humana, o povo, sem crenças, sem princípios determinados com exatidão, fica entregue a homens que exploram suas paixões e especulam com suas ambições.

* Despotismo: sistema de governo que se funda no poder de dominação sem freios (N.E.).

** Nihilismo metafísico: doutrina materialista segundo a qual só haverá progresso e avanço para o homem após a destruição social dos conhecimentos ligados à crença, que se baseiam em um poder criador de onde derivam a vida e todas as coisas (N.E.).



O positivismo*, apesar de ser menos absoluto, não é menos prejudicial em suas conseqüências. Por sua teoria do desconhecido, suprime as noções de objetivo e de larga evolução. Ele pega o homem na fase atual de sua vida, simples fragmento de seu destino, e o impede de ver para diante e para trás de si; método estéril e perigoso, feito, parece, para cegos de espírito e que se tem proclamado, muito falsamente, como a mais bela conquista do espírito moderno.

Esse é o estado atual da sociedade. O perigo é imenso e se alguma grande renovação espiritualista e científica não se produzisse, o mundo acabaria na incoerência e na confusão.

Nossos homens de governo já sentem o que lhes custa viver numa sociedade em que as bases essenciais da moral estão abaladas, em que as leis são brandas, frágeis ou superficiais, em que tudo se confunde, até mesmo a noção elementar do bem e do mal.

É verdade que as Igrejas, apesar de suas fórmulas antiquadas e de seu espírito contrário ao progresso, ainda agrupam ao redor de si muitas almas sensíveis; porém, tornaram-se incapazes de afastar o perigo pela impossibilidade em que se colocaram de fornecer uma definição precisa do destino humano e do além, apoiada em fatos comprovados.

A humanidade, cansada de dogmas** e de especulações sem provas, mergulhou no materialismo ou na indiferença. Não há salvação para o pensamento, senão por uma doutrina baseada na experiência e no testemunho dos fatos.

De onde virá essa doutrina? Que poder nos livrará do abismo em que nos arrastamos? Que ideal novo virá dar ao homem a confiança no futuro e o fervor pelo bem? Nas horas trágicas da História, quando todos pareciam desesperados, o socorro nunca faltou. A alma humana não pode afundar inteiramente e morrer. No momento em que as crenças do passado se esgotam, uma concepção nova da vida e do destino, baseada na ciência dos fatos, reaparece. A grande tradição revive sob formas engrandecidas, mais jovens e mais belas. Ela mostra a todos um futuro

* Positivismo: doutrina filosófica do francês Augusto Comte (1798–1875) baseada na investigação científica. Ensina que é pelo conhecimento científico (aplicação da ciência) que se resolvem os problemas sociais. Essa filosofia teve, de início, grande influência sobre os militares, políticos e intelectuais brasileiros no século 18. A divisa "Ordem e Progresso", da bandeira brasileira, é um conceito da filosofia positivista. Do positivismo deriva o que conhecemos hoje como sociologia (N.E.).

** Dogma: ensinamento, conceito ou regra formulada por dirigente religioso ou associação religiosa por meio do qual se impõem aos seus seguidores de forma autoritária e indiscutível as regras de conduta e sua maneira de interpretar os textos sagrados (N.E.).



cheio de esperança e de promessas. Saudemos o novo reino da idéia vitoriosa da matéria e trabalhemos para preparar seus caminhos!

A tarefa a cumprir é grande, e a educação do homem deve ser totalmente refeita. Essa educação, como vimos, nem a universidade nem a Igreja estão em condições de fornecer, uma vez que não possuem mais as sínteses necessárias para esclarecer a marcha das novas gerações. Apenas uma doutrina pode oferecer essa síntese: a do Espiritismo; ela já sobe no horizonte do mundo intelectual e parece iluminar o futuro.

A essa filosofia, a essa ciência livre, independente, desprovida de toda pressão oficial, de todo compromisso político, as descobertas contemporâneas trazem a cada dia novas e preciosas contribuições. Os fenômenos do magnetismo, da radioatividade, da telepatia são aplicações de um mesmo princípio, manifestações de uma mesma lei que rege, ao mesmo tempo, o ser e o universo.

Mais alguns anos de trabalho paciente, de experimentação conscienciosa, de pesquisas contínuas e a nova educação terá encontrado sua fórmula científica, sua base essencial. Esse acontecimento será o maior fato da História desde o aparecimento do Cristianismo.

A educação, sabemos, é o fator mais poderoso do progresso; ela contém a origem do futuro. Mas, para ser completa, deve se inspirar no estudo da vida sob suas duas formas alternantes, visível e invisível, em sua plenitude*, em sua evolução crescente em direção aos cimos da natureza e do pensamento.

Os mestres dirigentes da humanidade têm um dever imediato a cumprir. É o de recolocar o espiritualismo na base da educação, de trabalhar para refazer o homem interior e a saúde moral. É preciso despertar a alma humana, adormecida por uma teoria destrutiva, mostrar-lhe seus poderes ocultos, fazê-la ter consciência de si mesma, para realizar seu glorioso destino.

A ciência moderna analisou o mundo exterior; suas descobertas no universo objetivo são profundas: isso será sua honra e sua glória; mas ainda não sabe nada sobre o universo invisível e o mundo interior. É esse o império ilimitado que lhe resta conquistar. Saber por quais laços o homem se liga ao conjunto, descer às sinuosidades** misteriosas do ser, onde a

* Plenitude: qualidade daquilo que é completo, inteiro (N.E.).

** Sinuosidade: que apresenta curvas irregulares. Nesse caso, que não se manifesta com franqueza (N.E.).



sombra e a luz se misturam como na caverna de Platão*, percorrer seus labirintos, os redutos secretos, procurar conhecer o “eu” moral e o “eu” profundo, a consciência e a subconsciência: não há estudo mais necessário que esse. Enquanto as escolas e as academias não o tiverem introduzido em seus programas, nada terão feito pela educação definitiva da humanidade.

Porém, já vemos surgir e constituir-se uma psicologia totalmente maravilhosa e imprevista, da qual vão derivar uma nova concepção do ser e a noção de uma lei superior, que engloba e resolve todos os problemas da evolução e do futuro.

Quando Léon Denis escreveu este livro, ele se referia ao século que se iniciava. Realmente, houve a expansão de vários setores, principalmente da ciência e da tecnologia. O Espiritismo, por sua vez, encontrou no Brasil terreno propício para se desenvolver. Estamos para iniciar um novo século, que será o século da descoberta da espiritualidade.

*

Um tempo se acaba; novos tempos se anunciam. A hora em que estamos é de crise, de parto doloroso. As formas esgotadas do passado empalidecem e se desfazem para dar lugar a outras, de início vagas e confusas, mas que se definem cada vez mais. Nelas se esboça o pensamento crescente da humanidade.

O espírito humano está em trabalho, por toda parte, sob a aparente decomposição das idéias e dos princípios. Em tudo, na ciência, na arte, na filosofia e até mesmo no seio das religiões, o observador atento pode constatar que uma lenta e trabalhosa gestação se faz. A ciência, especialmente, lança em abundância sementes de ricas promessas. O século que começa será o de poderosas descobertas.

As formas e as concepções do passado, dizíamos, não são suficientes. Por mais respeitável que pareça essa herança, apesar do sentimento piedoso com que se podem considerar os ensinamentos legados por nossos pais, sente-se, geralmente, compreende-se, que eles não foram suficientes para desfazer o mistério sufocante do porquê da vida.

Entretanto, atualmente, pode-se viver e agir com mais intensidade do que nunca. Mas é possível viver e agir plenamente sem ter consciência do objetivo a ser atingido? O estado da alma contemporânea pede, reclama, uma ciência, uma arte, uma reli-

* No seu livro *A República*, Platão desenvolve a idéia de *O mito da caverna*, na qual um espectador, apreciando as imagens refletidas no fundo da caverna onde está, julga ver o que é real, quando o que de fato vê são imagens que vêm de um mundo exterior, que ele não vê. A vida na Terra seria, assim, a imagem refletida na parede do fundo da caverna, onde nós estamos vivendo; é ilusória. E a vida real é a do Espírito, que nós não vemos, mas que existe (N.E.).



gião de luz e liberdade que venham dissipar-lhe as dúvidas, libertá-la das velhas servidões e das misérias do pensamento, guiá-la para os horizontes radiosos aonde se sente levada por sua própria natureza e pelo impulso de forças irresistíveis.

Muito se fala sobre progresso, mas o que se entende por progresso? É uma palavra vazia e sonora na boca dos oradores, para a maior parte dos materialistas, ou possui um sentido determinado? Vinte civilizações passaram sobre a Terra, iluminando com suas luzes a marcha da humanidade. Seus grandes focos brilharam na noite dos séculos e depois se apagaram. E o homem ainda não distingue, atrás dos horizontes limitados de seu pensamento, o além sem limites para onde o destino o leva; sem condições de solucionar o mistério que o rodeia, usa sua força nas obras da Terra e foge aos esplendores de sua tarefa espiritual, que fará sua verdadeira grandeza.

A fé no progresso não caminha sem a fé no futuro, no futuro de cada um e de todos. Os homens só progridem e só avançam se acreditarem nesse futuro e se marcharem com confiança, com certeza, para o ideal entrevisto.

O progresso não consiste somente nas obras materiais, na criação de máquinas poderosas e de todo equipamento industrial; não consiste, igualmente, em descobrir processos novos de arte, de literatura ou de formas de eloquência. Seu objetivo mais alto é agarrar, atingir a idéia primordial, a idéia-mãe que fecundará toda a vida humana, a fonte elevada e pura de onde derivarão, ao mesmo tempo, as verdades, os princípios, os sentimentos que inspirarão as obras importantes e as nobres ações.

É tempo de compreendê-lo: a civilização só poderá engrandecer-se, a sociedade só poderá subir se um pensamento sempre mais elevado, se uma luz mais viva vierem inspirar, esclarecer os espíritos e tocar os corações, renovando-os. Somente a idéia e o pensamento levam à ação. Somente a vontade de realizar a plenitude do ser, cada vez melhor, cada vez maior, pode nos conduzir aos cimos longínquos em que a ciência, a arte e toda obra humana, em uma palavra, encontrarão sua expansão, sua regeneração.

Tudo nos diz isso: o universo é regido pela lei de evolução; é isso o que entendemos pela palavra progresso. E nós mesmos, em nosso princípio de vida, em nossa alma e nossa consciência, estamos sempre submetidos a essa lei. Não se pode desconhecer hoje essa força soberana que conduz a alma e suas obras através do infinito do tempo e do espaço, rumo a um objetivo



sempre mais elevado; mas uma lei assim só pode concretizar-se por nossos esforços.

Para fazer obra útil, para cooperar com a evolução geral e recolher dela todos os frutos, é preciso antes aprender a distinguir, a reconhecer a razão, a causa e o objetivo dessa evolução, saber aonde ela conduz, a fim de participar, na plenitude das forças e das faculdades que dormem em nós, dessa ascensão grandiosa.

Nosso dever é o de traçar o caminho à humanidade futura da qual ainda faremos parte integrante, como nos ensina a comunhão das almas, a revelação dos grandes instrutores invisíveis, do mesmo modo que a natureza ensina, por suas milhares de vozes e pela renovação eterna de todas as coisas, àqueles que sabem estudá-la e compreendê-la.

Vamos rumo ao futuro, rumo à vida sempre renascente, pelo caminho imenso que nos abre o Espiritismo!

Tradições, ciências, filosofias, religiões, iluminai-vos com uma chama nova; sacudi vossos velhos sudários* e as cinzas que os cobrem. Escutai as vozes reveladoras do túmulo, elas nos trazem uma renovação do pensamento com os segredos do além, que o homem tem necessidade de conhecer para melhor viver, melhor agir e melhor morrer!

LÉON DENIS

* Sudário: espécie de lençol com o qual antigamente se envolviam os corpos dos mortos para o sepultamento. Mortalha (N.E.).





O PROBLEMA DO SER

1

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO

Uma lei, já o dissemos, rege a evolução do pensamento, assim como a evolução física dos seres e dos mundos; a compreensão do universo se desenvolve com o progresso do espírito humano.

Essa concepção geral do universo e da vida foi expressa de mil maneiras, sob mil formas diferentes no passado. Ela o é hoje, em termos mais amplos, e o será sempre, com mais amplitude, à medida que a humanidade escalar os degraus de sua ascensão.

A ciência vê alargar-se sem cessar o seu campo de exploração. Todos os dias, com a ajuda de seus poderosos instrumentos de observação e de análise, ela descobre novos aspectos da matéria, da força e da vida, mas o que ela constata o espírito já havia percebido há muito tempo, pois o vôo do pensamento está sempre adiante e supera os meios de ação da ciência positiva. Os instrumentos não seriam nada sem a inteligência, sem a vontade que os dirige.

A ciência é incerta e mutável, renova-se sem cessar. Seus métodos, suas teorias e seus cálculos, edificados com bastante dificuldade, desabam diante de uma observação mais atenta ou uma indução mais profunda, para dar lugar a outras teorias que por sua vez não serão definitivas⁶. A ciência nuclear, por exemplo,

6 - O professor Charles Richet assim o reconhece: "A ciência nunca deixou de ser uma série de erros e aproximações, constantemente evoluindo para constantemente cair com rapidez tanto maior quanto mais elevado o seu grau de adiantamento" (*Annales des Sciences Psychiques – Anais das Ciências Psíquicas*, janeiro de 1905).

Nota do editor: o autor citou, na nota acima, Charles Richet (1850-1935), que foi um notável médico fisiologista francês (prêmio Nobel de 1913), que com sua inteligência prestou grande serviço à ciência.



derrubou a teoria do átomo indivisível que, há dois mil anos, servia de base à física e à química. Quantas descobertas semelhantes demonstraram no passado a fraqueza do espírito científico! Este só chegará à realidade quando se elevar acima da miragem dos fatos materiais, rumo à região das causas e das leis.

Foi dessa maneira que a ciência pôde determinar os princípios imutáveis da lógica e da matemática. Não acontece o mesmo com os outros campos de pesquisa. O sábio, na maior parte das vezes, para ela leva os seus preconceitos, tendências e rotinas e todos os elementos de uma personalidade pouco desenvolvida, como podemos constatar no domínio dos estudos psíquicos, sobretudo na França, onde até agora foram encontrados poucos sábios corajosos e verdadeiramente esclarecidos para seguir uma estrada já amplamente trilhada pelas mais belas inteligências de outras nações.

Apesar de tudo, o espírito humano avança passo a passo no conhecimento do ser e do universo. Nossas informações sobre a força e a matéria se modificam a cada dia; a personalidade humana se revela sob aspectos inesperados. Em presença de tantos fenômenos experimentalmente constatados, em presença de testemunhos que se acumulam de todas as partes⁷, nenhum espírito inteligente e perspicaz pode continuar a negar a realidade da sobrevivência do espírito; nada mais pode escapar às consequências morais e às responsabilidades que ela acarreta.

O que dizemos da ciência, poderíamos igualmente dizer da filosofia e das religiões que surgiram no decurso dos séculos. Elas constituem outras tantas etapas ou trechos percorridos pela humanidade, ainda criança, elevando-se a planos espirituais cada vez mais vastos e ligados entre si. Em seu encadeamento, essas crenças diversas nos aparecem como o desenvolvimento gradual do ideal divino, refletido no pensamento, com tanto mais brilho e pureza quanto melhor e mais puro vai se tornando.

É essa a razão pela qual as crenças e o conhecimento de um tempo ou de um meio parecem ser, para o tempo ou o meio em que reinam, a representação da verdade como os homens dessa época podem alcançá-la e compreendê-la, até que o desenvolvimento de suas faculdades e de sua consciência os torne aptos a perceber uma forma mais elevada, uma radiação mais intensa dessa verdade.

7 - Ver a minha obra *No invisível*, Ed. FEB.

Sob esse ponto de vista, o próprio fetichismo* se explica, apesar de seus ritos sangrentos. São as primeiras palavras da alma infantil, tentando soletrar a linguagem divina e fixando, em traços grosseiros, sob as formas apropriadas ao seu estado mental, sua concepção vaga, confusa, rudimentar, de um mundo superior.

O paganismo representa um conceito mais elevado, embora bastante antropomórfico**. Nele, os deuses são semelhantes aos homens; possuem todas as paixões, todas as fraquezas. Mas, agora, a noção do ideal se purifica com a do bem. Um raio da eterna beleza vem fecundar as civilizações no berço.

Mais acima vem a idéia cristã, repleta de sacrifício, de renúncia em sua essência. O paganismo grego era a religião da natureza radiosa; o Cristianismo é a da humanidade sofredora, religião das catacumbas, das criptas*** e dos túmulos, que teve seu início na perseguição e na dor, e guarda a marca de sua origem. Reação necessária contra a sensualidade pagã, se tornará, por seu próprio exagero, impotente para vencê-la, porque com o ceticismo**** a sensualidade renascerá.

O Cristianismo, em sua origem, deve ser considerado como o maior esforço tentado pelo mundo invisível para se comunicar ostensivamente com a nossa humanidade. É, segundo a expressão de F. Myers, “a primeira mensagem autêntica do além”. Já as religiões pagãs eram ricas em fenômenos ocultos de todos os gêneros e de adivinhações. Mas a ressurreição, ou seja, as aparições do Cristo materializado após sua morte, constitui a manifestação mais poderosa de que os homens têm sido testemunhas. Ela foi o sinal da entrada em cena do mundo dos espíritos, que se produziu de mil maneiras nos primeiros tempos cristãos. Dissemos, aliás, em outra obra⁸, como e por que, pouco a pouco, o véu do além foi se abaixando e o silêncio se fez, salvo para alguns privilegiados: videntes, extáticos***** e profetas.

* Fetichismo: culto de objetos materiais, considerados como a encarnação de um espírito, ou em ligação com ele, e possuidores de poderes sobrenaturais (N.E.).

** Antropomórfico: que tem forma semelhante à do homem (N.E.).

*** Cripta: nesse caso, galeria subterrânea na qual se encontravam os cristãos perseguidos na época em que o Cristianismo era proibido (N.E.).

**** Ceticismo: descrença, estado de quem duvida de tudo (N.E.).

8 - Ver *Cristianismo e Espiritismo*, capítulo 5, Ed. FEB.

***** Extático: que entra em transe. É quando o espírito do médium alcança estados de extraordinária independência em relação ao corpo físico e penetra mundos desconhecidos, enquanto nos sonhos e no sonambulismo o espírito percorre o mundo terrestre. - Ver *O Livro dos Espíritos*, questão 455 (N.E.).





Catedral de Chartres, França.



Catedral de Notre-Dame, França.

Gótico: estilo caracterizado principalmente pelo uso de ogivas, ou seja, figuras formadas por dois arcos iguais que se cortam, formando um ângulo agudo, e que possibilitavam a construção de estruturas elevadas.

Assistimos hoje a um novo impulso do mundo invisível na História. As manifestações do além, de passageiras e isoladas, tendem a tornar-se permanentes e universais. Um caminho se estabelece entre os dois mundos, a princípio simples pista, atalho estreito, mas que se alarga, melhora pouco a pouco até se tornar uma estrada larga e segura. O Cristianismo teve como ponto de partida fenômenos de natureza semelhante àqueles constatados em nossos dias no domínio das ciências psíquicas. É por meio desses fatos que se revelam a influência e a ação de um mundo espiritual, verdadeira morada e eterna pátria das almas. Por eles, um imenso azul se abre sobre a vida infinita; a esperança vai renascer nos corações angustiados, e a humanidade irá se reconciliar com a morte.

*

As religiões têm contribuído de forma determinante para a educação humana; têm colocado um freio às paixões violentas, à barbárie das idades do ferro e gravado fortemente a noção moral no fundo da consciência.

A estética religiosa criou obras-primas em todos os domínios; participou de forma ativa na revelação da arte e da beleza que se manifestaram no decorrer dos séculos. A arte grega criou maravilhas. A arte cristã atingiu o sublime nas catedrais góticas, que se erguem, bíblias de pedra sob o céu, com suas notáveis torres esculpidas, suas naves imponentes, cheias de vibração da música dos órgãos e dos cânticos sagrados, suas altas ogivas, de onde a luz desce em ondas e se derrama pelos afrescos e estátuas; mas seu papel está se acabando, porque hoje ela repete a si mesma, ou descansa, exausta.

O erro religioso, principalmente o católico, não pertence à ordem estética, que não se engana: ele é de ordem lógica. Consiste em encerrar a religião em dogmas estreitos, em formas rígidas. Uma vez que o movimento constitui a própria lei da vida, o Catolicismo imobilizou o pensamento, em vez de provocar sua expansão.

Está na natureza do homem esgotar todas as formas de uma idéia, de ir até os extremos antes de retomar o curso inicial de



sua evolução. Cada verdade religiosa, afirmada por um inovador, se enfraquece e se altera com o tempo, por serem os discípulos quase sempre incapazes de se manter à altura a que o Mestre os atraía. A doutrina torna-se, desde esse momento, uma fonte de abusos e provoca, pouco a pouco, um movimento contrário, no sentido do ceticismo e da negação. Depois da fé cega vem a incredulidade; o materialismo faz sua obra, e somente quando ele mostra toda a sua impotência na ordem social é que uma renovação idealista se torna possível.

Desde os primeiros tempos do Cristianismo, correntes diversas – judaica, helênica*, gnóstica** – se misturam e se chocam no leito da religião nascente. Cismas vêm à luz; as rupturas e os conflitos se sucedem, no meio dos quais o pensamento do Cristo vai pouco a pouco se encobrendo e se obscurecendo. Mostramos de quais alterações, de quais modificações sucessivas a doutrina cristã foi objeto no decorrer dos tempos⁹. O verdadeiro Cristianismo foi uma lei de amor e liberdade; as Igrejas fizeram dele uma lei de temor e escravidão. Daí os pensadores se afastarem gradualmente da Igreja; daí o enfraquecimento do espírito religioso.

Por causa da perturbação que invadiu os espíritos e as consciências, o materialismo ganhou terreno. Sua moral, dita científica, que proclama a necessidade da luta pela vida, o desaparecimento dos fracos e a seleção dos fortes, reina hoje soberanamente na vida pública e na individual. Todas as atividades se voltam para a conquista do bem-estar e dos prazeres físicos. Por falta de preparação moral e de disciplina, a alma perde sua força; o mal-estar e a discórdia se espalham por toda parte, nas famílias, nas nações. É, dizíamos, um período de crise. Nada morre, apesar das aparências; tudo se transforma e se renova. A dúvida que persegue as almas em nossa época prepara o caminho para as convicções de amanhã, para a fé inteligente e esclarecida que reinará sobre o futuro e se estenderá a todos os povos, a todas as raças.

Embora ainda jovem e dividida pelas necessidades de território, de distância e de clima, a humanidade começou a tomar consciência de si mesma. Acima e fora das incompatibilidades

* Helênico: relativo ou pertencente à Grécia antiga (N.E.).

** Gnóstico: que segue os ensinamentos da gnose (busca interior ou autoconhecimento), cujas origens estão nas antigas religiões orientais e nos filósofos gregos, especialmente em Sócrates e Platão (N.E.).

9 - *Cristianismo e Espiritismo*, primeira parte, Ed. FEB.



políticas e religiosas, agrupamentos de inteligências se constituem. Homens preocupados com os mesmos problemas, instigados pelos mesmos cuidados, inspirados pelo invisível, trabalham numa obra comum e perseguem as mesmas soluções. Pouco a pouco os elementos de uma ciência psicológica e de uma crença universal aparecem, fortificam-se e aumentam. Um grande número de testemunhas imparciais vê nisto o início de um movimento do pensamento que tende a abranger todas as sociedades da Terra¹⁰.

A idéia religiosa acaba de percorrer seu ciclo inferior, e os planos de uma espiritualidade mais alta vão se esboçando. Pode-se dizer que a religião é o esforço da humanidade para se comunicar com a essência eterna e divina. Eis por que sempre haverá religiões e cultos cada vez maiores e de acordo com as leis superiores da estética, que são a expressão da harmonia universal. O belo, em suas regras mais elevadas, é uma lei divina, e suas manifestações, ligadas à idéia de Deus, revestirão forçosamente um caráter religioso.

À medida que o pensamento evolui, missionários de todas as ordens vêm provocar a renovação religiosa no seio da humanidade. Assistimos ao começo de uma dessas renovações, bem maior e bem mais profunda que as anteriores. Já não tem somente homens por representantes e intérpretes, o que tornaria essa revelação tão precária quanto as outras. São os espíritos inspiradores, os gênios do espaço, que exercem ao mesmo tempo sua ação sobre toda a superfície do globo e em todos os domínios do pensamento. Sobre todos os pontos, aparece o Espiritismo. E logo surge a pergunta: *“O que é você? Ciência ou religião? Espíritos de pouco alcance, vocês julgam que o pensamento deve seguir eternamente os caminhos abertos pelo passado?”*

Até aqui, todos os domínios intelectuais têm sido separados uns dos outros, cercados de barreiras, de muralhas, a ciência de um lado, a religião de outro; a filosofia e a metafísica* estão eriçadas de espinhos impenetráveis. Quando tudo é simples, vasto e profundo no domínio da alma como no do universo, o espírito de sistema tudo complica, diminui, divide. A religião foi emparedada

10 - Sir O. Lodge, reitor da Universidade de Birmingham, membro da Academia Real, vê nos estudos psíquicos o próximo advento de uma nova e mais livre religião (*Anais das Ciências Psíquicas*, dezembro de 1905). Ver também Maxwell, procurador-geral na Corte de Apelação de Paris (*Les phénomènes psychiques – Os fenômenos psíquicos*).

* Metafísica: segundo Aristóteles, estudo do ser como ser e sobre os princípios e causas primeiras do ser (N.E.).

no sombrio cárcere dos dogmas e dos mistérios; a ciência, aprisionada nas mais baixas camadas da matéria. Essa não é a verdadeira religião, nem a verdadeira ciência. Bastará elevar-se acima dessas classificações arbitrárias* para compreender que tudo se concilia e se reconcilia em uma visão mais alta.

Nos dias de hoje, nossa ciência, ainda que elementar, quando estuda o espaço e os mundos, não provoca imediatamente um sentimento de entusiasmo, de admiração quase religiosa? Lede as obras dos grandes astrônomos, dos matemáticos de gênio. Eles vos dirão que o universo é um prodígio de sabedoria, de harmonia, de beleza e que, no conjunto dessas leis superiores, se realiza a união da ciência, da arte e da religião pela visão de Deus em sua obra. Chegado a essas alturas, o estudo torna-se uma meditação profunda e o pensamento se transforma em prece!

O Espiritismo vai acentuar, desenvolver essa tendência, dar-lhe um sentido mais claro e mais preciso. Pelo lado experimental, é apenas uma ciência; pelo objetivo de suas pesquisas, penetra nas regiões invisíveis e se eleva até as fontes eternas, de onde saem toda a força e vida. Dessa forma, une o homem ao poder divino e torna-se uma doutrina, uma filosofia religiosa. É, além disso, o laço que reúne duas humanidades. Por meio dele, os espíritos prisioneiros na carne e os que estão livres comunicam-se, estabelecendo uma verdadeira comunhão entre si.

Não se deve, portanto, ver nele uma religião no sentido restrito, no sentido atual dessa palavra. As religiões de nosso tempo querem dogma, padres e rituais, e a nova doutrina não os comporta. Ela está aberta a todos os investigadores; o espírito de livre crítica, de exame e de verificação preside às suas investigações.

Os dogmas, os sacerdotes e os pastores são necessários, e ainda o serão por muito tempo às almas jovens e tímidas que penetram a cada dia no círculo da vida terrestre e não se podem reger no caminho do conhecimento nem analisar suas necessidades e sensações.

O Espiritismo dirige-se sobretudo às almas evoluídas, aos espíritos livres e emancipados, que querem encontrar por si mesmos a solução dos grandes problemas e a fórmula de seu credo. Ele lhes oferece uma concepção, uma interpretação das verdades e das leis universais, baseada na experimentação, na razão e no ensinamento dos espíritos. Acrescentai a isso a

* Arbitrário: que resultou do desejo de alguém; que não respeita regras (N.E.).



revelação dos deveres e das responsabilidades que, por si sós, dão uma base sólida ao nosso instinto de justiça. Depois, com a força moral, as satisfações do coração, a alegria de se reencontrar, pelo menos em pensamento, algumas vezes até com a forma¹¹, os seres amados que julgávamos perdidos. À prova de sua sobrevivência junta-se a certeza de reencontrá-los e de reviver com eles vidas inumeráveis, vidas de ascensão, de felicidade ou de progresso.

Assim, gradualmente, os problemas mais obscuros se esclarecem; o além se entreabre; o lado divino dos seres e das coisas se revela. Pela força desses ensinamentos, cedo ou tarde, a alma humana subirá e, nas alturas que atingir, verá que tudo se liga, que as diferentes teorias, contraditórias e hostis em aparência, são apenas aspectos diversos de um mesmo todo. As leis dos majestosos universos se resumirão, para ela, numa lei única, força ao mesmo tempo inteligente e consciente, modo de pensamento e de ação. E, por ela, todos os mundos, todos os seres se acharão ligados numa mesma unidade poderosa, associados numa mesma harmonia, arrastados para um mesmo objetivo.

Chegará o dia em que todos os pequenos sistemas, limitados e ultrapassados, se fundirão em uma vasta síntese, abrangendo todos os reinos da idéia. Ciência, filosofia, religião, hoje divididas, se reunirão na luz, e será então a vida, o esplendor do espírito, o reino do conhecimento.

Nesse acordo magnífico, as ciências fornecerão a precisão e o método na ordem dos fatos; as filosofias, o rigor de suas deduções lógicas; a poesia, a irradiação de suas luzes e a magia de suas cores. A religião acrescentará a tudo isso as qualidades do sentimento e a noção da estética elevada. Assim se realizará a beleza na força e na unidade do pensamento. A alma se orientará para os mais altos cimos, mantendo sempre o equilíbrio de relação necessário que deve regular a marcha paralela e ritmada da inteligência e da consciência, em sua ascensão à conquista do bem e da verdade.

11 - Ver *No invisível*, "Aparições e materializações dos espíritos", capítulo 20, Ed. FEB.





2

O CRITÉRIO DA DOCTRINA DOS ESPÍRITOS

O Espiritismo baseia-se num completo conjunto de fatos: uns simplesmente físicos nos têm revelado a existência e o modo de ação de forças há muito tempo desconhecidas; outros têm um caráter inteligente. São eles: a escrita direta ou automática, a tiptologia*, os discursos pronunciados em transe ou por incorporação. Todas essas manifestações, já as passamos em revista e já as analisamos em outras publicações¹². Vimos que elas são freqüentemente acompanhadas de sinais, de provas que estabelecem a identidade e a intervenção das almas humanas que viveram na Terra e que foram libertadas pela morte.

Foi por meio desses fenômenos que os espíritos¹³ espalharam seus ensinamentos no mundo, e esses ensinamentos foram, como veremos, confirmados experimentalmente em muitos lugares.

O Espiritismo se dirige, portanto, ao mesmo tempo aos sentidos e à inteligência. Experimental, quando estuda os fenômenos que lhe servem de base; racional, quando verifica os ensinamentos que deles derivam. Constitui um instrumento poderoso para a busca da verdade, uma vez que pode servir simultaneamente em todos os domínios do conhecimento.

As revelações dos espíritos, dizíamos, são confirmadas pela experiência. Sob o nome de fluidos, os espíritos nos têm

* Tiptologia: manifestação dos espíritos por meio de toques, pancadas ou arranhões. Foi assim que em Rochester (Estados Unidos) se iniciou, com as irmãs Fox, a fase atual do espiritualismo, que com Allan Kardec (na França) viria a resultar na codificação da Doutrina Espírita (N.E.).

12 – Ver *No invisível*, segunda parte. Falamos aqui somente dos fatos espíritas e não dos fatos de animismo ou manifestações dos vivos a distância.

13 - Chamamos espírito a alma revestida apenas de seu corpo sutil sem o corpo carnal.



ensinado teoricamente e demonstrado na prática, desde 1850¹⁴, a existência das forças incalculáveis que a ciência rejeitava a priori*. Sir W. Crookes, entre os sábios que tinham grande autoridade, foi o primeiro que constatou depois a realidade dessas forças, e a ciência atual reconhece nelas, a cada dia, a importância e a variedade, graças às descobertas célebres de Roentgen, Hertz, Becquerel, Curie, G. Le Bon**, etc.

Os espíritos afirmavam e demonstravam a ação possível da alma sobre a alma, em todas as distâncias, sem o auxílio dos órgãos, e essa ordem de fatos gerou oposição e incredulidade.

Acontece que os fenômenos da telepatia, da sugestão mental, da transmissão dos pensamentos, observados e provocados hoje em todos os meios, vieram, aos milhares, confirmar essas revelações.

Os espíritos ensinavam a preexistência, a sobrevivência, as vidas sucessivas da alma.



William Crookes (1832-1919): cientista inglês considerado o pai da física. Contribuiu muito para a ciência moderna como descobridor dos raios catódicos e do estado radiante da matéria. Incumbido pela Real Academia Britânica de pesquisar os fatos espíritos (na verdade a Academia desejava vê-los desmentidos por um nome respeitável), após três anos de pesquisa, apresentou um relatório com fotos do espírito materializado de Katie King, que conviveu com Crookes em casa e nos laboratórios, comprovando todos os fatos espíritos a que ele, seus colaboradores e amigos cientistas assistiram. (Veja págs. 84 e 88.)

14 - Ver *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec.

Pode-se ler na *Revista Espírita* de 1860 uma mensagem do espírito do doutor Vignal, declarando que os corpos irradiam luz obscura. Não está aí a radioatividade constatada pela ciência atual, mas que era ignorada pela ciência da época?

Eis o que foi escrito em 1867 por Allan Kardec, na *Gênese* (os fluidos):

“Quem conhece a constituição íntima da matéria palpável? Talvez ela só seja compacta em relação aos sentidos e o que disso poderia ser prova é a facilidade com a qual é atravessada pelos fluidos espirituais e os espíritos, aos quais não opõe mais obstáculo que os corpos transparentes aos raios de luz.

“A matéria tangível, tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, deve poder, ao se desagregar, retornar ao estado gasoso, como o diamante, o mais duro dos corpos, pode se transformar em gás impalpável. A solidificação da matéria é na realidade apenas um estado

transitório do fluido universal, que pode retornar ao seu estado primitivo quando as condições de união param de existir.”

* A priori: diz-se de afirmação anterior à experiência (N.E.).

** Conrad Roentgen: físico alemão, descobriu os raios X, de largo emprego nas atividades industriais e particularmente na medicina. Prêmio Nobel de Física de 1901.

Gustav Hertz: engenheiro eletricitista alemão. Descobriu as ondas hertzianas da radio-transmissão e da telegrafia.

H. Becquerel: físico francês, prêmio Nobel de Física.

Pierre Curie: físico e químico francês. Junto com sua mulher Marie Curie descobriu os elementos químicos rádio e polônio. Ambos receberam o prêmio Nobel de Física em 1903.

Gustav Le Bon: médico e sociólogo francês (N.E.).



E eis que as experiências de F. Colavida, E. Marata*, as do coronel De Rochas, as minhas, etc. estabeleceram que não apenas as lembranças dos menores detalhes da vida atual até a mais tenra infância e mais ainda as das vidas anteriores estão gravadas nas profundezas da consciência. Um passado inteiro, ocultado no estado de vigília, reaparece, revive no estado de transe. De fato, essas lembranças puderam ser reconstituídas num certo número de pacientes adormecidos, como mais tarde o estabeleceremos, quando abordarmos mais especificamente essa questão¹⁵.

Vê-se que o Espiritismo não poderá, a exemplo da antigas doutrinas espiritualistas, ser considerado um puro conceito metafísico. Ele se apresenta com um caráter muito diverso e responde às exigências de uma geração educada na escola do criticismo e do racionalismo, que se tornou desconfiada dos exageros de um misticismo mórbido e agonizante.

Hoje, já não basta crer; quer-se saber. Nenhuma concepção filosófica ou moral tem a chance de ter sucesso se não se apoiar sobre uma demonstração ao mesmo tempo lógica, matemática e positiva e se, além disso, não a coroar uma sanção que satisfaça a todos os nossos instintos de justiça.

Pode-se observar que essas condições foram perfeitamente preenchidas por Allan Kardec na magistral exposição feita por ele em *O Livro dos Espíritos*.

Esse livro é o resultado de um imenso trabalho de classificação, coordenação e seleção que teve por base inúmeras mensagens, vindas de fontes diversas, desconhecidas umas das outras, obtidas em todas as partes do mundo e que o importante compilador reuniu, após ter se certificado de sua autenticidade. Ele teve o cuidado de afastar as opiniões isoladas, os testemunhos duvidosos, para conservar apenas os pontos sobre os quais as afirmações estavam de acordo.

Falta muito tempo para que esse trabalho fique terminado. Ele tem continuidade todos os dias, desde a morte do grande iniciador. Já possuímos uma síntese poderosa, da qual Kardec traçou as grandes linhas, e que os herdeiros de seu pensamento se esforçam por desenvolver com o concurso do mundo invisível. Cada um deles traz seu grão de areia ao edifício comum, a esse

* F. Colavida, E. Marata (espanhóis) e coronel De Rochas (francês): pesquisadores espíritas (N.E.).

15 - Ver *Compte rendu du congrès spirite (Relatório do Congresso Espírita)* de 1900. Ver também A. de Rochas, *Les vies successives (As vidas sucessivas)*. Chacornac, 1911.



edifício cujas bases se fortificam a cada dia pela experimentação científica, mas cujo remate se elevará cada vez mais alto.

Eu mesmo, posso dizer, fui privilegiado com os ensinamentos de guias espirituais, cuja assistência e conselhos nunca me faltaram nestes 30 anos. Suas revelações tomaram um caráter particularmente didático no decorrer de sessões que se sucederam durante oito anos e das quais falei freqüentemente numa obra anterior¹⁶.

Na obra de Allan Kardec, o ensinamento dos espíritos é acompanhado, para cada questão, de considerações, comentários e esclarecimentos que fazem sobressair, com mais nitidez, a beleza dos princípios e a harmonia do conjunto. É aí que se mostram as qualidades do autor. Ele se preocupou em, antes de tudo, dar um sentido claro e preciso às expressões que habitualmente emprega em seu raciocínio filosófico; depois, em definir bem os termos que poderiam ser interpretados em sentidos diferentes. Ele sabia que a confusão reinante na maior parte dos sistemas provém da falta de clareza das expressões empregadas pelos seus autores.

Uma outra regra, não menos essencial em toda exposição metódica e que Allan Kardec observou cuidadosamente, é a que consiste em descrever as idéias e apresentá-las em condições que as tornem compreensíveis para qualquer leitor. Enfim, após ter desenvolvido essas idéias numa ordem e num encadeamento que as ligavam entre si, soube deduzir conclusões, que já constituem, na ordem racional e na medida dos conceitos humanos, uma realidade, uma certeza.

É por essa razão que nos propusemos a adotar aqui os termos, as visões, os métodos utilizados por Allan Kardec como sendo os mais certos, reservando-nos a acrescentar ao nosso trabalho todos os desenvolvimentos resultantes de 50 anos de pesquisas e de experimentação que aconteceram desde a aparição de suas obras.

Por tudo isso, vemos que a doutrina dos espíritos, da qual Kardec foi o intérprete e o compilador sensato, reúne, do mesmo modo que os sistemas filosóficos mais apreciados, as qualidades essenciais de clareza, lógica e rigor.

Mas o que nenhum outro sistema podia oferecer era o importante conjunto de manifestações com a ajuda das quais essa doutrina a princípio se afirmou no mundo, e em seguida pôde ser

16 - Ver *No invisível*, Ed. FEB.



verificada, a cada dia, em todos os lugares. Ela se dirige aos homens de todas as classes, de todas as condições, e não apenas aos seus sentidos, à sua inteligência, mas também ao que há de melhor neles, à sua razão, à sua consciência.

Não constituem essas potências, íntimas em sua união, um critério do bem e do mal, do verdadeiro e do falso, mais ou menos claro ou velado, sem dúvida, segundo o adiantamento das almas, mas que se encontra em cada uma delas como um reflexo da razão eterna, da qual elas emanam?

*

Há duas coisas na doutrina dos espíritos: uma revelação do mundo espiritual e uma descoberta humana; ou seja: de uma parte, um ensinamento universal, extraterrestre, idêntico a si mesmo em suas partes essenciais e seu sentido geral; de outra, uma confirmação pessoal e humana, que continua a ser feita segundo as regras da lógica, da experiência e da razão. A convicção que daí deriva se fortifica e fica cada vez mais definida, à medida que as comunicações tornam-se mais numerosas e à medida que, por isso mesmo, os meios de verificação se multiplicam e se ampliam.

Até agora tínhamos conhecido apenas sistemas pessoais, revelações particulares. Hoje são milhares de vozes, as vozes dos desencarnados, que se fazem ouvir. O mundo invisível entra em ação e, no número dos seus agentes, espíritos elevados se deixam reconhecer pela força e pela beleza de seus ensinamentos. Os grandes gênios do mundo dos espíritos, movidos por um impulso divino, vêm guiar o pensamento para cumes radiosos¹⁷.

Não há aí uma manifestação vasta e grandiosa diferente das do passado? A diferença dos meios só encontra outra igual na diferença dos resultados. Comparemos:

A revelação pessoal é falível. Todos os sistemas filosóficos humanos, todas as teorias individuais, como as de Aristóteles, Tomás de Aquino, Kant, Descartes, Spinoza*, como as de nossos

17 - Ver as comunicações publicadas por Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos* e em *O Céu e o Inferno; Ensinos espiritualistas*, obtidos por Stainton Moses. Indicamos também *Le problème de l'au-delà - Conseils des invisibles (O problema do além - Conselhos dos invisíveis)*, coleção de mensagens publicadas pelo general Amade. Paris, Leymarie, 1902. *Sur le chemin... (No caminho...)*, de Albert Pauchard, e *La vie continue de l'ame (A vida continua da alma)*, de A. Naschitz-Rousseau, coleções de mensagens de grande interesse (Paris, Edições Jean Meyer, 1922).

* Aristóteles, Tomás de Aquino, Kant, Descartes, Spinoza: filósofos de grande destaque (N.E.).



contemporâneos, são necessariamente influenciadas pelas opiniões, tendências, preconceitos e sentimentos do revelador. O mesmo acontece com as condições de tempo e de lugar em que elas se produzem. O mesmo poderia ser dito das doutrinas religiosas.

A revelação dos espíritos, impessoal e universal, escapa à maior parte dessas influências e ao mesmo tempo reúne a maior quantidade de probabilidades, senão de certezas. Não pode ser nem abafada, nem desnaturalizada. Nenhum homem, nenhuma nação, nenhuma Igreja tem o privilégio dela. Ela desafia todas as inquisições e acontece onde menos se espera encontrá-la. Têm-se visto homens que lhe eram os mais hostis, convertidos às suas idéias pelo poder das manifestações, comovidos até o fundo da alma pelos desafios e exortações de seus parentes falecidos, tornando-se voluntariamente instrumentos de uma propaganda ativa.

No Espiritismo, muitos foram avisados, como no caso de São Paulo, e são fenômenos semelhantes ao do caminho de Damasco que provocaram a mudança de opinião deles.

Os espíritos têm provocado o surgimento de numerosos médiuns em todos os lugares, no seio de todas as classes e dos mais diversos grupos sociais, e até mesmo no íntimo dos santuários. Padres e pastores têm recebido suas instruções e as têm propagado abertamente ou, então, sob o véu do anonimato¹⁸. Seus parentes, seus amigos falecidos, desempenhavam junto deles as funções de mestres e de reveladores, acrescentando a seus ensinamentos provas formais e irrecusáveis de sua identidade.

Foi assim, dessa forma, que o Espiritismo pôde tomar conta do mundo e derramar sobre ele suas luzes. Existe um majestoso

18 - Ver Rafael. *Le doute (A dúvida)*; P. Marchal. *O espírito consolador*. Paris: Didier et Cie. 1878.) Reverend Stainton Moses, *Ensinos espiritualistas*.

O padre Didon escrevia (4 de agosto de 1876), nas suas *Lettres a Mlle. Th. V. (Plon-Nourrit, Ed. Paris, 1902)*: "Acredito na influência que os mortos e os santos exercem misteriosamente sobre nós. Vivo em profunda comunhão com esses invisíveis e sinto agradavelmente os benefícios de sua secreta convivência".

M. Alfred Benézech, importante pastor da Igreja reformada da França, escrevia-nos à respeito desses fenômenos observados por ele mesmo: "Pressinto que o Espiritismo poderia vir realmente a se tornar uma religião positiva, não à maneira das religiões reveladas, mas na qualidade de religião estabelecida sobre fatos de experiência e plenamente de acordo com o racionalismo e a ciência. Coisa estranha! Na nossa época de materialismo, em que as Igrejas parecem estar a ponto de se desorganizar e se dissolver, o pensamento religioso volta a nós por sábios, acompanhado do maravilhoso dos tempos antigos. Mas esse maravilhoso, que distingo do milagre, uma vez que é apenas um fato natural superior e raro, não estará mais a serviço de uma Igreja particularmente honrada com os favores da divindade; será propriedade da humanidade, sem distinção de cultos. Quanto maior grandeza e moral!"



acordo em todas essas vozes que se têm elevado simultaneamente para que nossa sociedade descrente e apática ouça a boa nova da sobrevivência, e forneça a explicação dos problemas da morte e da dor. A revelação tem chegado por via mediúnica no coração das famílias até o fundo dos antros e infernos sociais. Os condenados da prisão de Tarragona não foram vistos dirigir ao Congresso Espírita Internacional de Barcelona, em 1888, uma adesão tocante em favor de uma doutrina que, diziam eles, tinha-os convertido ao bem e os reconciliado com o dever¹⁹?

No Espiritismo, a multiplicidade das fontes de ensinamento e de difusão constitui um controle permanente que frustra e torna estéreis todas as oposições e as intrigas. Por sua própria natureza, a revelação dos espíritos furta-se a todas as tentativas de monopólio ou de falsificação. Perante ela, o espírito de dissidência ou de dominação permanece impotente, porque se conseguissem extingui-la ou desnaturá-la num ponto, ela imediatamente reviveria em cem pontos diferentes, frustrando assim ambições nocivas e traiçoeiras.

Nesse imenso movimento revelador, as almas obedecem a ordens vindas do alto; elas próprias o declaram. Sua ação é regulada de acordo com um plano traçado anteriormente e que se desenrola com majestosa amplidão. Um conselho invisível preside à sua execução, do seio dos espaços. É composto de grandes espíritos de todas as raças, de todas as religiões, de almas da mais elevada origem que viveram neste mundo seguindo a lei de amor e de sacrifício. Essas potências benfazejas pairam entre o céu e a Terra, unindo-os num traço de luz pelo qual as preces sobem sem cessar e por onde descem as inspirações.

No que diz respeito aos ensinamentos espíritas, há, entretanto, um fato, uma exceção que impressionou certos observadores e do qual se serviram como de um argumento fundamental contra o Espiritismo: por que os espíritos que, no conjunto dos países latinos, ensinam a lei das vidas sucessivas e as reencarnações da alma na Terra negam-na ou deixam-na passar em branco nos países anglo-saxões? Como explicar uma contradição tão flagrante? Não há aí um fundo capaz de destruir a unidade de doutrina que caracteriza a revelação nova?

Notemos que não há nenhuma contradição, mas simplesmente uma graduação originada dos preconceitos de casta, de raça e de religião profundamente enraizados em certos países.

19 - Ver *Compte rendu du Congrès Spirite de Barcelona (Relatório do Congresso Espírita de Barcelona)*, 1888. Paris, 42, rua Saint-Jacques, Livraria das Ciências Psíquicas.



O ensinamento dos espíritos, mais completo, mais extenso desde o princípio nos meios latinos, foi, em sua origem, restringido e graduado em outras regiões por motivos de oportunidade. Pode-se constatar que o número de comunicações espíritas que afirmam o princípio das reencarnações sucessivas aumenta todos os dias na Inglaterra, nos Estados Unidos e nos demais países. Muitas delas fornecem até mesmo argumentos preciosos na discussão aberta entre espiritualistas de diferentes escolas. A idéia reencarnacionista tem adquirido tanto terreno além do Atlântico que um dos principais órgãos espiritualistas americanos lhe é inteiramente favorável. O *Light*, de Londres, após ter afastado por muito tempo essa questão, discute-a hoje abertamente.

Portanto, se a princípio houve sombras e contradições, elas eram apenas aparentes e não oferecem nenhuma resistência a um exame sério.

*

Como todas as novas doutrinas, a revelação espírita levantou muitas objeções e críticas. Consideremos algumas.

Antes de mais nada, acusam-nos de querer logo filosofar; de ter edificado sobre a base dos fenômenos um sistema antecipado, uma doutrina prematura, e de ter comprometido assim o caráter positivo do Espiritismo.

Um renomado escritor, fazendo-se intérprete de um certo grupo de psiquistas*, resumia suas críticas nestes termos: “Uma objeção séria contra a hipótese espírita é a que se refere à filosofia que certos homens muito apressados atribuíram ao Espiritismo. O Espiritismo, que deveria ser uma ciência no seu início, é agora uma filosofia imensa, para a qual o universo não tem segredos”.

Poderíamos lembrar a esse autor que os homens de quem ele fala representaram em tudo isso apenas papel de intermediários, limitando-se a coordenar e a publicar os ensinamentos que os espíritos transmitiam por via mediúnica.

Por outro lado, devemos notar, sempre haverá indiferentes, descrentes, espíritos contrários ao progresso, prontos a achar que nós andamos com muita pressa. Nenhum progresso seria possível caso se tivesse que esperar pelos retardatários. É realmente engraçado ver pessoas que começaram há pouco tempo a se interessar pelas questões espíritas pretender ditar regras a

* Psiquistas: eram assim designados os adeptos da teoria metapsíquica desenvolvida por Charles Richet (1850-1935), da qual deriva o que hoje conhecemos como psicologia e parapsicologia (N.E.).

homens como Allan Kardec, por exemplo. Este só se atreveu a publicar seus trabalhos após anos de laboriosas pesquisas e de maduras reflexões, obedecendo a ordens formais e bebendo em fontes de informação das quais nossos excelentes críticos nem sequer parecem ter idéia.

Todos os que seguem com atenção o desenvolvimento dos estudos psíquicos podem constatar que os resultados adquiridos vieram confirmar em todos os pontos e fortalecer cada vez mais a obra de Kardec.

Friedrich Myers, o importante professor de Cambridge, que foi durante 20 anos, no dizer de Charles Richet, a alma da Sociedade de Pesquisa de Londres, e que o Congresso Oficial Internacional de Psicologia de Paris elevou, em 1900, à dignidade de presidente honorário, declarou, nas últimas páginas de sua obra magistral *La personnalité humaine; sa survivance (A personalidade humana; sua sobrevivência)*, cuja publicação produziu no meio dos sábios uma sensação profunda: *“Para todo pesquisador esclarecido e consciencioso, essas pesquisas resultam, lógica e necessariamente, em uma vasta síntese filosófica e religiosa”*. Partindo desses dados, ele consagra seu décimo capítulo a uma *“generalização ou conclusão que estabelece uma relação mais clara entre as novas descobertas e os esquemas já existentes do pensamento e das crenças dos homens civilizados”*²⁰.

Termina assim a exposição de seu trabalho:

“...Bacon havia previsto a vitória progressiva da observação e da experiência em todos os domínios dos estudos humanos; em todos, salvo um: o domínio das ‘coisas divinas’. Devo mostrar que essa grande exceção não se justifica. Afirmo que existe um método para atingir o conhecimento dessas coisas divinas com a mesma certeza, a mesma segurança com que temos alcançado o progresso no conhecimento das coisas terrestres. A autoridade das Igrejas será assim substituída pela da observação e da experiência. Os impulsos da fé se transformarão em convicções racionais e firmes que farão nascer um ideal superior a todos aqueles que a humanidade houver conhecido até esse momento.”

Assim, o que certos críticos com a visão limitada consideram uma tentativa prematura, aparece a F. Myers como “uma evolução necessária e inevitável”. A síntese filosófica que conclui sua obra recebeu as mais altas aprovações. Para Sir Oliver

20 - F. Myers. *La personnalité humaine; sa survivance, ses manifestations supranormales. (A personalidade humana; sua sobrevivência, suas manifestações sobrenaturais)*. Paris: Ed. Félix Alcan, 1905.



Lodge, o acadêmico inglês, *ela constitui verdadeiramente um dos esquemas mais vastos, mais compreensíveis e bem fundados da existência jamais vistos*²¹.

O professor Flournoy, de Genebra, fez a isso o maior elogio em seus *Archives de Psychologie de la Suisse Romande – Arquivos de Psicologia da Suíça* (junho de 1903).

Na França, outros homens de ciência, sem serem espíritas, chegaram a conclusões idênticas.

M. Maxwell, doutor em medicina, procurador-geral junto à corte de apelação de Bordeaux, exprimia-se assim²²:

“O Espiritismo vem a seu tempo e responde a uma necessidade geral... A extensão que essa doutrina está tomando é um dos mais curiosos fenômenos da época atual. Assistimos ao que me parece ser o nascimento de uma verdadeira religião, sem cerimônias rituais e sem clero, mas tendo assembléias e práticas. Pelo que me diz respeito, tenho um extremo interesse nessas reuniões e tenho a impressão de assistir ao nascimento de um movimento religioso predestinado a um grande futuro.”

Perante tais testemunhos, as recriminações de nossos opositores caem por si mesmas. A que devemos atribuir sua aversão à doutrina dos espíritos? Será pelo fato de que o ensinamento espírita, com sua lei de responsabilidades, com o encadeamento de causas e efeitos que ele nos mostra no domínio moral e com os exemplos de penalidades e recompensas que nos traz, ter se tornado um terrível embaraço para a quantidade de pessoas que dão pouca importância à filosofia?

*

Falando dos fatos psíquicos, F. Myers disse: *“Essas observações, experiências e induções abrem a porta a uma revelação”*²³. É evidente que o dia em que as relações com o mundo dos espíritos se estabeleceram, pela própria força das coisas, o problema do ser e do destino levantou-se imediatamente com todas as suas conseqüências e sob novos aspectos.

De qualquer forma, não era possível nos comunicarmos com nossos parentes e amigos falecidos, fosse qual fosse o seu modo de existência, sem nos interessar por sua situação, forçosamente ampliada e diferente do que era na Terra, pelo menos para as almas já evoluídas.

21 - A síntese de F. Myers pode se resumir assim: evolução gradual e infinita, em numerosas etapas, da alma humana, na sabedoria e no amor. A alma humana tira a sua força e graça de um universo espiritual. Esse universo é animado e dirigido pelo espírito divino, o qual é acessível à alma e está em comunicação com ela.

22 - J. Maxwell, *Les phénomènes psychiques*. Paris, F. Alcan, 1903.

23 - F. Myers. *La personnalité humaine*.



Em nenhuma época da História o homem pôde subtrair-se aos grandes problemas da vida, da morte e da dor. Apesar de sua impotência para resolvê-los, eles o têm preocupado incessantemente, voltando sempre com mais força, a cada vez que tenta afastá-los, insinuando-se em todos os acontecimentos da vida, em todas as partes de seu entendimento, batendo, por assim dizer, às portas de sua consciência. E quando uma fonte nova de ensinamentos, de consolação, de força moral, quando vastos horizontes se abrem ao pensamento, como pode ele ficar indiferente? Não ocorrerá exatamente conosco a mesma coisa que estão passando os nossos parentes? Não é, portanto, nossa sorte futura, nossa sorte de amanhã que está em jogo?

Eis a questão! Esse tormento, essa angústia do desconhecido que persegue a alma através dos tempos, essa intuição confusa de um mundo melhor, pressentido, desejado, essa procura de Deus e de sua justiça podem ser, em uma nova e mais larga compreensão, acalmados, esclarecidos, satisfeitos, e devemos então desprezar os meios de o conseguir? Não há, nesse desejo, nessa necessidade do pensamento de sondar o grande mistério, um dos mais belos privilégios do ser humano? Não é isso que constitui a dignidade, a beleza, a razão de ser da sua vida?

E a cada vez que desconhecemos esse direito, esse privilégio, a cada vez que renunciamos por algum tempo a voltar a vista para o além, a dirigir o pensamento a uma vida mais elevada, a cada vez que o homem quis restringir seu horizonte à vida presente, não vimos, ao mesmo tempo, as misérias morais se agravarem, o fardo da existência cair com mais peso sobre os ombros dos desventurados, o desespero e o suicídio multiplicarem a área de sua devastação e a sociedade se encaminhar para a decadência e a anarquia?

*

Há ainda uma outra objeção: a filosofia espírita, dizem os nossos críticos, não tem consistência. As comunicações sobre as quais se funda provêm, o mais freqüentemente, do próprio médium, de seu inconsciente ou então dos assistentes. O médium em transe *lê no espírito dos consulentes as doutrinas que aí se acham acumuladas, doutrinas ecléticas, tomadas de todas as filosofias do mundo e, especialmente, do hinduísmo.*

O autor dessas linhas terá refletido bem nas dificuldades que uma experiência dessas deve apresentar? Ele seria capaz de nos explicar os processos para se poder ler, à primeira vista, no cérebro das outras pessoas, as doutrinas que nele estão



“acumuladas”? Se o pode, que o faça, senão deveremos tomar suas alegações como palavras, nada mais do que palavras, empregadas levemente, fruto de uma crítica apaixonada. Aquele que não quer parecer ser enganado pelos sentimentos é, muitas vezes, enganado pelas palavras. A incredulidade sistemática num ponto torna-se credulidade ingênua em outro²⁴.

Lembre-mo-nos inicialmente de que a maior parte dos médiuns, no início das manifestações, era inteiramente contrária às opiniões expressas nas mensagens. Quase todos haviam recebido educação religiosa e estavam impregnados de idéias de paraíso e de inferno. Suas idéias sobre a vida futura, quando as tinham, eram muito diferentes daquelas expostas pelos espíritos, o que, ainda hoje, é o caso mais freqüente. Era o que acontecia com três médiuns de nosso grupo, damas católicas e praticantes que, apesar dos ensinamentos filosóficos que recebiam e transmitiam, jamais renunciaram completamente à sua religião.

Quanto aos assistentes, aos ouvintes, às pessoas designadas pelo nome de “consulentes”, tampouco nos esqueçamos de que, ao alvorecer do Espiritismo na França, ou seja, na época de Allan Kardec, os homens que possuíam noções de filosofia, fosse oriental, fosse druídica*, que aceitavam a idéia da transmigração** ou vidas sucessivas da alma, constituíam reduzidíssimo número, e era preciso ir procurá-los no seio das academias ou em alguns meios científicos bastante restritos.

Perguntaremos aos nossos opositores como é que médiuns inumeráveis, espalhados por todos os pontos da Terra, desconhecidos uns dos outros, conseguiram constituir por si mesmos as bases de uma doutrina sólida o suficiente para resistir a todos os ataques, a todos os assaltos; exata o suficiente para que seus princípios tenham sido confirmados e tenham recebido a cada dia a confirmação da experiência, como estabelecemos no início deste capítulo.

Em relação à sinceridade das comunicações mediúnicas e ao seu alcance filosófico, lembremos as palavras de um orador,

24 - É notório que a sugestão e a transmissão do pensamento só podem exercer ação sobre pessoas preparadas há muito tempo e por pessoas que, sobre eles, tomaram certo ascendente. Até agora, essas experiências trazem apenas palavras ou séries de palavras, e nunca um conjunto de “doutrinas”. Um médium ledor de pensamentos que se inspira nas opiniões dos assistentes tiraria daí, se isso fosse possível, não noções precisas sobre um princípio qualquer de filosofia, mas os dados mais confusos e mais contraditórios.

* Druidico: relativo aos druidas, ou seja, aos antigos sacerdotes entre os gauleses e bretões (N.E.).

** Transmigração: passagem da alma de um corpo para outro (N.E.).



cujas opiniões não parecerão suspeitas aos olhos de todos os que conhecem a aversão que a maior parte dos dirigentes das Igrejas tem pelo Espiritismo.

Num sermão pronunciado a 7 de abril de 1899, em Nova York, o reverendo J. Savage, pregador de renome, dizia:

“As supostas bobagens que, dizem, vêm do além, formam legião. E, ao mesmo tempo, existe toda uma literatura moral das mais puras e ensinamentos espiritualistas incomparáveis. Sei de um livro, por exemplo, cujo autor era graduado em Oxford, pastor da igreja inglesa, e que se tornou espírita e médium²⁵. Seu livro foi escrito automaticamente. Às vezes, para desviar o pensamento do trabalho que a mão realizava, ele lia Platão em grego. E seu livro, contrariamente ao que se admite, em geral, para obras desse gênero, expõe idéias e princípios em oposição absoluta às suas próprias crenças religiosas, ainda que tivesse se convertido antes de o ter concluído. Essa obra contém ensinamentos morais e espirituais dignos de qualquer bíblia do mundo.*

“As primeiras idades do Cristianismo, vós vos lembrais disso e lestes São Paulo, eram compostas de gente com quem as pessoas de consideração não queriam ter nada em comum. O espiritualismo dos últimos tempos estreou por uma forma semelhante. Mas, nos dias de hoje, muitos nomes famosos se enfileiram sob essa bandeira, e encontram-se os melhores e mais inteligentes homens. Lembrai-vos que é, em geral, um grande movimento bastante sincero”²⁶.

Em seu discurso, o reverendo Savage soube colocar cada coisa em seu lugar. É verdade que as comunicações mediúnicas não oferecem todas o mesmo interesse. Muitas são um conjunto de banalidades, de repetições, de lugares-comuns. Nem todos os espíritos estão aptos a nos dar ensinamentos úteis e profundos**. Assim como na Terra, e mais ainda, a escala dos seres no além comporta graus infinitos. Ali se encontram as mais nobres inteligências, assim como as almas mais vulgares. Mas, às vezes, os próprios espíritos inferiores, ao nos descreverem sua situação moral, suas impressões em relação à morte e ao além, iniciam-

25 - Trata-se do livro de Stainton Moses, *Ensinos espiritualistas*.

* O livro foi escrito automaticamente, ou seja, por via mediúnica. – Veja *O Livro dos Médiums*, 2ª parte, capítulo 15 (N.E.).

26 - Reproduzido pela *Revue du Spiritualisme Moderne* (*Revista do Espiritualismo Moderno*), 25 de outubro de 1901. Devemos fazer notar que em casos como o de Stainton Moses, como em alguns outros, as mensagens não são somente obtidas pela escrita automática, mas ainda pela escrita direta, sem o intermédio de nenhuma mão humana.

** Veja *O Livro dos Espíritos*, questão 100 (N.E.).



do-nos nas particularidades de sua nova existência, nos fornecem materiais preciosos para determinar as condições de sobrevivência, de acordo com as diversas categorias de espíritos. Há, portanto, elementos de instrução a serem considerados em nossas relações com eles, porém nem tudo deve ser aproveitado. Cabe ao experimentador prudente e observador inteligente saber separar o ouro da ganga*. A verdade nem sempre nos chega pura, e a ação do alto deixa às faculdades e à razão do homem o campo necessário para se exercitarem e desenvolverem.

Em tudo isso, sérias precauções devem ser tomadas, um contínuo e atento exame deve ser exercido. É preciso se pôr em guarda contra as fraudes, conscientes ou inconscientes, e ver se não há nas mensagens escritas um simples caso de animismo**. Com esse objetivo, convém certificar-se de que as comunicações são, pela forma e pelo fundo, superiores à capacidade do médium. É preciso exigir provas de identidade da parte dos manifestantes e não abrir mão de todo rigor, a não ser nos casos em que os ensinamentos, por sua superioridade e majestosa amplitude, se impõem por si mesmos e estão muito acima da capacidade do médium.

Mesmo quando a autenticidade das comunicações é reconhecida, ainda assim é preciso compará-las e submeter a exames severos os princípios científicos e filosóficos que expõem, e aceitar apenas os pontos em que há unanimidade.

Além das fraudes de origem humana, há também as mistificações de origem oculta. Todos os experimentadores sérios sabem que podemos considerar duas espécies de Espiritismo: um, praticado a torto e a direito, sem método, sem elevação de pensamento, e que atrai para nós os tolos do espaço, os espíritos levianos e zombeteiros, que são numerosos na atmosfera terrestre; o outro, considerável, praticado com seriedade, com um sentimento de respeito, nos põe em relação com os espíritos adiantados, desejosos de socorrer e esclarecer aqueles que os chamam com fervor no coração. É esse Espiritismo que as religiões têm conhecido e designado em todos os tempos sob o nome de “comunicação dos santos”.

Pergunta-se também: como, nesse vasto conjunto de comunicações, cujos autores são invisíveis, podemos distinguir o que

* Ganga: resíduo ou sobra imprestável do minério de onde se extraiu ouro, prata, minerais raros ou pedras preciosas (N.E.).

** Animismo: comunicação proveniente do próprio médium (seja consciente ou inconscientemente) e que é tida como sendo de um espírito (N.E.).

provém de entidades superiores e deve ser conservado? Para essa pergunta, há apenas uma resposta: como distinguimos os bons dos maus livros dos autores falecidos há muito tempo? Não temos nós um julgamento, uma regra para medir a qualidade dos pensamentos, mesmo que venham de outro mundo ou do nosso? Podemos julgar as mensagens mediúnicas principalmente por seus efeitos moralizadores, que inúmeras vezes têm melhorado muito o caráter e purificado a consciência das pessoas. Esse é o critério mais seguro de todo ensinamento filosófico.

Em nossas relações com os espíritos, existem também sinais de reconhecimento para distinguir os bons dos atrasados. Os sensitivos reconhecem facilmente a natureza dos fluidos: sutis e agradáveis nos bons; violentos, glaciais e difíceis de suportar nos espíritos maus. Um de nossos médiuns sempre anunciava com antecipação a chegada do “espírito azul”, que se revelava por vibrações harmoniosas e de radiações brilhantes. Há alguns que se distinguem pelo odor, o que é percebido por alguns médiuns. Delicados e suaves em alguns, esses odores são repugnantes em outros²⁷. A elevação de um espírito se mede pela pureza de seus fluidos, pela beleza de sua forma e de sua linguagem.

Algumas vezes o que mais impressiona, persuade e convence são as conversas estabelecidas com nossos parentes e amigos que nos precederam na vida espiritual. Quando provas incontestáveis de identidade nos dão a certeza de sua presença, quando a intimidade de outrora, a confiança e a abnegação reinam novamente entre eles e nós, as revelações, obtidas nessas condições, assumem um caráter dos mais sugestivos. Diante delas, as últimas hesitações da descrença desaparecem forçosamente para dar lugar aos impulsos do coração.

É possível resistir, na realidade, às vozes, aos chamados daqueles que compartilharam nossa vida, cercaram nossos primeiros passos de terna solicitude, aos chamamentos dos companheiros de nossa infância, de nossa juventude, de nossa vida adulta, que, um por um, sumiram na morte, deixando nosso caminho, a cada partida, mais solitário e mais desolado? Eles voltam no transe, com atitudes, inflexões de voz, evocações de lembrança, com milhares e milhares de provas de identidade, banais em seus detalhes para os estranhos, mas tão comovedoras para os interessados! Eles nos dão instruções em relação aos problemas do além, exortam-nos e consolam-nos. Os homens mais frios,

27 - Ver Maxwell. *Les phénomènes psychiques*.





Jerônimo de Praga (1360 – 1416): reformador tcheco, discípulo e seguidor de João Huss e igualmente contestador dos dogmas da Igreja Romana. A exemplo de seu mestre, foi perseguido e condenado à fogueira da Inquisição pelo Vaticano – Concílio de Constança.

os mais sábios experimentadores, como o professor Hyslop, não puderam resistir a essas influências do além-túmulo²⁸. Isso demonstra que, no Espiritismo, como alguns o pretendem, não há apenas práticas frívolas e abusivas, mas que nele se encontra um móvel nobre e generoso, ou seja, a afeição pelos nossos mortos, o interesse que temos por sua memória. Não é esse um dos lados mais respeitáveis da natureza humana, um dos sentimentos, uma das forças que elevam o homem acima da matéria e o diferencia dos irracionais?

Depois, ao lado disso, e acima dos conselhos comovidos de nossos parentes, de-

vemos assinalar as aparições poderosas dos espíritos de gênio, as páginas escritas febrilmente, na meia obscuridade, por médiuns comprovadamente incapazes de compreender-lhes o valor e a beleza, mas nas quais o esplendor do estilo se alia à profundidade das idéias, ou então os discursos impressionantes, como muitas vezes ouvimos em nosso grupo de estudos, pronunciados por um médium bastante modesto de saber, e por intermédio de um espírito nos falava sobre o eterno enigma do mundo e das leis que regem a vida espiritual. Aqueles que tiveram a honra de assistir a essas reuniões sabem que influência penetrante exerciam sobre todos nós. Apesar das tendências à dúvida e do espírito zombador dos homens de nossa geração, há modos, formas de linguagem, impulsos de eloquência aos quais eles não poderiam resistir. Os mais prevenidos seriam obrigados a reconhecer neles a característica, a marca incontestável de uma grande superioridade moral, a marca da verdade. Na presença desses espíritos, que por alguns momentos desceram ao nosso mundo obscuro e atrasado para nele fazerem brilhar um clarão de seu gênio, o criticismo mais exigente se inquieta, hesita e se cala.

Durante 20 anos recebemos, em Tours, comunicações dessa ordem. Elas diziam respeito a todos os grandes problemas, a todas as questões importantes de filosofia e de moral, e compunham diversos volumes manuscritos. Foi o resumo desse trabalho, bastante extenso, muito grande para ser publicado integralmente, que quis apresentar aqui. Jerônimo de Praga, meu amigo, meu guia do presente e do passado, o espírito magnânimo

28 - Ver *No invisível*, capítulo 19, as conversações do professor Hyslop, da Universidade de Columbia, com seu pai, irmãos e tios falecidos.



que dirigiu os primeiros vôos de minha inteligência infantil em idades remotas, é seu autor. Quantos outros espíritos elevados não espalharam assim seus ensinamentos pelo mundo, na intimidade de alguns grupos! Quase todos anônimos, revelam-se apenas pelo alto valor de suas concepções! Foi-me dado erguer alguns dos véus que encobriam sua verdadeira personalidade. Mas devo guardar seu segredo, pois os espíritos mais elevados são reconhecidos precisamente por essa particularidade, que é a de se esconder sob designações emprestadas e a de querer ficar ignorados. Os nomes célebres que encontramos assinando certas comunicações, ocas e vazias, não passam, na maioria das vezes, de um enganador esperto.

A partir de todos esses detalhes, quis demonstrar uma coisa: esta obra não é exclusivamente minha, e sim o reflexo de um pensamento mais alto que procuro interpretar. Ela está de acordo, em todos os pontos essenciais, com os princípios expressos pelos instrutores de Allan Kardec; entretanto, foram abordados nela alguns pontos que eles haviam deixado obscuros. Levei também em consideração o movimento dos pensamentos e da ciência humana, de suas descobertas, e o cuidado de assinalá-los nesta obra. Em certos casos, acrescentei-lhe minhas impressões pessoais e meus comentários; porque, no Espiritismo, nunca é demais dizê-lo, não há dogmas, e cada um de seus princípios pode e deve ser discutido, julgado e submetido ao exame da razão.

Considerarei um dever conseguir que meus irmãos da Terra tirassem proveito desses ensinamentos. Uma obra vale pelo que é. O que quer que se pense e se diga da revelação dos espíritos, não posso admitir que, quando em todas as universidades se ensinam sistemas metafísicos feitos pelo pensamento dos homens, se possa negligenciar e rejeitar os princípios divulgados pelas nobres inteligências do espaço.

Se damos valor aos mestres da razão e da sabedoria humana, não há motivo para deixarmos de dar o verdadeiro valor aos mestres da razão sobre-humana, representantes da mais alta e mais profunda sabedoria. O espírito do homem, comprimido pela carne, privado da plenitude de seus recursos e de suas percepções, não pode chegar por si só ao conhecimento do universo invisível e de suas leis. O círculo em que se agitam nossa vida e nosso pensamento é limitado, e nosso ponto de vista é restrito. A insuficiência dos dados que possuímos torna toda nossa generalização impossível ou improvável. Faltam-nos guias para penetrar no domínio desconhecido e infinito das leis. É com a colaboração



dos grandes pensadores dos dois mundos, das duas humanidades, que as mais altas verdades serão alcançadas, ou pelo menos vislumbradas, e que os mais nobres princípios serão estabelecidos. Muito melhor e com muito mais segurança que nossos mestres terrestres, os do além sabem nos colocar em presença do problema da vida, do mistério da alma, ajudar-nos a adquirir consciência de nossa grandeza e de nosso futuro.

*

Às vezes, uma pergunta é feita, uma nova objeção é apontada. Em presença da infinita variedade de comunicações e da liberdade que cada um tem de apreciá-las, de verificá-las de acordo com sua vontade, o que será, dizem-nos, da unidade de Doutrina Espírita, essa unidade poderosa que tem feito a força, a grandeza e assegurado a duração das religiões sacerdotais?

O Espiritismo, já o dissemos, não dogmatiza*. Ele não é nem uma seita**, nem uma ortodoxia***. É uma filosofia viva, aberta a todos os espíritos livres, e que progride por evolução. Ele não faz nenhuma imposição; ele propõe, e o que propõe apóia-se em fatos de experiências e provas morais. Não exclui nenhuma das outras crenças, mas se eleva acima delas e abraça-as numa fórmula mais ampla, numa expressão mais elevada e extensa da verdade.

As inteligências superiores nos abrem o caminho. Elas nos revelam os princípios eternos que cada um de nós adota e assimila, na medida de sua compreensão, de acordo com o grau de desenvolvimento atingido pelas faculdades de cada um na sucessão de suas vidas.

Em geral, a unidade das doutrinas é obtida somente à custa da submissão cega e passiva a um conjunto de princípios, de fórmulas fixadas em moldes inflexíveis. É a petrificação do pensamento, o divórcio entre a religião e a ciência, e estas não podem desenvolver-se e prosperar sem liberdade e movimento.

Essa imobilidade, essa inflexibilidade dos dogmas, priva a religião, que as impõe a si mesma, de todos os benefícios do movimento social e da evolução do pensamento. Considerando-se como a única crença boa e verdadeira, chega a ponto de condenar tudo o que está fora dela, e se enclausura, assim, num túmulo, para dentro do qual pretende arrastar consigo a vida intelectual e o gênio das raças humanas.

* Dogmatizar: ensinar dogmas, os fundamentos inquestionáveis de uma doutrina (N.E.).

** Seita: grupo (geralmente religioso) que professa a mesma doutrina (N.E.).

*** Ortodoxia: fidelidade absoluta a uma doutrina ou filosofia. Que não aceita conceitos ou idéias novas (N.E.).



A maior preocupação do Espiritismo é evitar as conseqüências funestas da ortodoxia.

Sua revelação é uma exposição livre e sincera das doutrinas que nada têm de imutáveis, mas que constituem uma etapa nova em relação à verdade eterna e infinita. Cada um tem o direito de analisar-lhe os princípios, que são aprovados apenas pela consciência e pela razão. Mas, ao adotá-los, cada um deve pautar por eles a sua vida e cumprir as obrigações que deles derivam. Quem não os cumpre não pode ser considerado como verdadeiro espírita.

Allan Kardec sempre nos advertiu sobre o dogmatismo e o espírito de seita*. Ele nos recomenda incessantemente, em suas obras, não deixarmos cristalizar o Espiritismo e evitar os métodos destrutivos que arruinaram o espírito religioso.

Nos nossos tempos de discórdia e de lutas políticas e religiosas, em que a ciência e a ortodoxia estão em guerra, gostaríamos de demonstrar aos homens de boa vontade de todas as opiniões, de todas as crenças, assim como a todos os pensadores verdadeiramente livres e dotados de uma ampla compreensão, que há um terreno neutro, o do Espiritismo, em que podemos nos encontrar e nos dar as mãos. Chega de dogmas! Chega de mistérios! Abramos nosso entendimento a todos os sopros do espírito; bebamos em todas as fontes do passado e do presente. Digamos que, em toda doutrina, há parcelas de verdade; mas nenhuma contém a verdade inteiramente, visto que, em sua plenitude, ela é mais ampla que o espírito humano.

É somente no acordo das boas vontades, dos corações sinceros, dos espíritos desinteressados que se realizarão a harmonia do pensamento e a conquista da grande soma de verdade assimilável para o homem da Terra, no atual período da História.

Chegará o dia em que todos compreenderão que não há oposição entre a ciência e a verdadeira religião. Há apenas mal-entendidos. A oposição se dá entre a ciência e a ortodoxia, o que nos é provado pelas recentes descobertas da ciência, que nos aproximam sensivelmente das doutrinas sagradas do Oriente e da Gália, no que diz respeito à unidade do mundo e à evolução da vida. Eis por que podemos afirmar que, perseguindo sua marcha paralela na grande estrada dos séculos,

* Os dogmas, pontos fundamentais e indiscutíveis de algumas religiões, sempre foram decretados pelos dirigentes religiosos para submeter cegamente os seus seguidores a um domínio inquestionável. A Doutrina Espírita apóia-se na lógica e na razão e é antidogmática (N.E.).



a ciência e a crença irão forçosamente se encontrar um dia, porque seus objetivos são os mesmos, e elas acabarão por se irmanar reciprocamente. A ciência será a análise; a religião irá se tornar a síntese. Nelas, o mundo dos fatos e o mundo das causas se unirão; os dois termos da inteligência humana irão se vincular; o véu do invisível será rasgado; a obra divina aparecerá a todos os olhares em seu esplendor majestoso!

*

As alusões que acabamos de fazer às doutrinas antigas poderiam levantar uma outra objeção: os ensinamentos do Espiritismo, poderiam nos dizer, não são inteiramente novos? Não, sem dúvida. Em todos os tempos da humanidade, relâmpagos têm brilhado, lampejos iluminaram o pensamento em marcha e as verdades necessárias têm aparecido aos sábios e aos pesquisadores. Os homens de gênio, assim como os sensitivos e os videntes, sempre têm recebido do além revelações apropriadas às necessidades da evolução humana²⁹.

É pouco provável que os primeiros homens pudessem ter chegado por si mesmos e apenas com seus recursos mentais à noção de leis e até mesmo às primeiras formas de civilização. Consciente ou não, a comunhão entre a Terra e os espíritos tem existido sempre.

Enquanto a ciência com as suas descobertas vai desvendando para o homem os quadros fantásticos do universo em que estamos, desde a múltipla divisão do átomo até a grandeza inimaginável das galáxias, a crença num criador supremo cada vez mais alicerça a fé, com a certeza de mundos superiores à nossa Terra e, por lógica, a continuação da vida. (Veja *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 2:8, e *O Livro dos Espíritos*, parte 1, caps. 2 e 3.)

Por isso mesmo encontraríamos facilmente nas doutrinas do passado a maior parte dos princípios dados nos ensinamentos dos espíritos. Além do que, esses princípios, reservados a um pequeno número de pessoas, não haviam penetrado até a alma das multidões. Essas revelações produziam-se, de preferência, sob a forma de comunicações isoladas, de manifestações que apresentavam um caráter pouco frequente e eram consideradas, o mais das vezes, como miraculosas. Mas após 20 ou 30 séculos de um lento trabalho e de uma gestação silenciosa, o espírito crítico se

desenvolveu e a razão elevou-se até o conceito de leis superiores. Esses fenômenos, com o ensinamento a eles ligado, reaparecem, generalizam-se, vêm guiar as sociedades hesitantes na árdua via do progresso.

29 - Ver *No invisível*, capítulo 24: "A mediunidade gloriosa".



É sempre nas horas de perturbação da História que as grandes concepções sintéticas se formam no seio da humanidade, quando as religiões antigas e as filosofias bastante abstratas já não são suficientes para consolar os aflitos, para levantar os ânimos abatidos, para arrastar as almas para os altos cimos. Entretanto, ainda há nelas muita força latente e focos de calor que podem ser reavivados. É por isso que não compartilhamos da opinião de certos teóricos que, nesse domínio, pensam mais em demolir do que em restaurar. Isso seria um erro. Há distinções a serem feitas na herança do passado e até mesmo nas religiões esotéricas*, criadas para espíritos infantis, e que correspondem às necessidades de uma categoria de almas. A sabedoria consistiria em recolher as parcelas da vida eterna, os elementos de direção moral que contêm, eliminando ao mesmo tempo os exageros e afetações inúteis que a ação das idades e das paixões lhes foi acrescentando.

Quem poderia executar essa obra de análise, de triagem, de renovação? Os homens estavam mal preparados para isso. Apesar dos avisos imperiosos dos últimos anos, apesar da decadência moral de nosso tempo, nenhuma voz autorizada se tem elevado, nem no santuário, nem nas cátedras** acadêmicas, para dizer as palavras fortes e graves que o mundo esperava.

O impulso só podia vir do alto. Ele veio. Todos aqueles que têm estudado o passado com atenção sabem que há um plano no drama dos séculos. O pensamento divino manifesta-se de maneiras diferentes e a revelação é graduada de mil maneiras, de acordo com as exigências das sociedades. Foi por isso que, havendo chegado a hora de uma nova revelação, o mundo invisível saiu de seu silêncio. Por toda a Terra as comunicações dos mortos afluíram, trazendo os elementos de uma doutrina em que se resumem e se fundem as filosofias e as religiões de duas humanidades. O propósito do Espiritismo não é destruir, mas unificar e completar, renovando. Ele vem separar, no domínio das crenças, o que está vivo do que está morto. Recolhe e reúne, dos numerosos sistemas em que até agora a consciência da humanidade se tem encerrado, as verdades relativas que eles contêm, para uni-las às verdades de ordem geral proclamadas por ele. Em resumo, o Espiritismo vincula à alma humana, ainda

* Esoterismo: estudo e/ou prática de artes divinatórias e de fenômenos que parecem não poder ser explicados pelas leis naturais como, por exemplo, a astrologia, a quiromancia, etc. (N.E.).

** Cátedra: cargo ou função de professor de disciplina de nível universitário (N.E.).



incerta e débil, as poderosas asas dos espaços infinitos e, por esse meio, eleva-a às alturas de onde pode abranger a vasta harmonia das leis e dos mundos e, ao mesmo tempo, obter uma visão clara do seu destino.

E esse destino encontra-se incomparavelmente superior a tudo que as doutrinas da Idade Média e as teorias de outro tempo secretamente lhe haviam falado. É um futuro de imensa evolução que se abre para ela e que continua de esferas em esferas, de claridades em claridades, para um objetivo sempre mais belo, sempre mais iluminado pelos raios da justiça e do amor.





3

O PROBLEMA DO SER

O primeiro problema que ocorre ao pensamento é o do próprio pensamento, ou, antes, o do ser pensante. Isto é, para todos nós, um assunto capital, que domina todos os outros, e cuja solução nos reconduz às próprias origens da vida e do universo.

Qual é a natureza de nossa personalidade? Ela comporta um elemento capaz de sobreviver à morte? A essa questão estão ligadas todas as crenças, todas as esperanças da humanidade.

O problema do ser e o problema da alma fundem-se num só; é a alma³⁰ que fornece ao homem seu princípio de vida e de movimento. A alma humana é uma vontade livre e soberana; é a unidade consciente que domina todos os atributos, todas as funções, todos os elementos materiais do ser, assim como a alma divina domina, coordena e liga todas as partes do universo para harmonizá-las.

A alma é imortal, porque o nada não existe, e nenhuma coisa pode ser destruída, nenhuma individualidade pode deixar de existir. A dissolução das formas materiais prova simplesmente que a alma é separada do organismo por meio do qual se comunicava com o meio terrestre. Ela não deixa, por esse fato, de prosseguir na sua evolução em novas condições, sob formas mais perfeitas e sem perder nada de sua identidade. Cada vez que abandona o corpo terrestre, encontra-se novamente na vida do espaço, unida ao seu corpo espiritual, o perispírito, do qual é inseparável, à forma imponderável que preparou para si com os seus pensamentos e obras.

30 - Nós o demonstraremos mais adiante com a ajuda de todo um conjunto de fatos observados, de experiências e de provas objetivas.



Esse corpo sutil, essa duplicação fluidica, existe em nós em estado permanente. Embora invisível, serve, entretanto, de molde para nosso corpo material. Esse não representa, no destino do ser, o papel mais importante. O corpo visível, o corpo físico varia. Formado de acordo com as necessidades da etapa terrestre, é temporário e perecível; desagrega-se e se dissolve com a morte. O corpo sutil permanece; existe antes do nascimento, sobrevive às decomposições do túmulo e acompanha a alma em suas transmigrações. É o modelo, a matriz original, a verdadeira forma humana que vêm incorporar-se, por um tempo, nas moléculas da carne, e que se mantém no meio de todas as variações e de todas as correntes materiais. Mesmo durante a vida, essa forma sutil pode se separar do corpo carnal em certas condições e também agir, aparecer, manifestar-se a distância, como veremos adiante, provando, de maneira irrecusável, sua existência independente³¹.

*

As provas da existência da alma são de duas espécies: morais e experimentais.

Vejamos primeiramente as provas morais e as de ordem lógica que, apesar de terem servido muitas vezes, conservam toda a sua força e seu valor.

De acordo com as escolas materialista e monista*, a alma não passa da resultante de funções cerebrais. “*As células do*

31 – A ciência fisiológica, a que escapa ainda a maior parte das leis da vida, entreviu, no entanto, a existência do perispirito ou corpos fluidicos, que é ao mesmo tempo o molde do corpo material, o vestuário da alma e o intermediário obrigatório entre eles. Claude Bernard escreveu *Recherches sur les problèmes de la physiologie* (Pesquisas sobre os problemas da fisiologia): “Há como um desenho preestabelecido de cada ser e de cada órgão, de modo que, se considerado isoladamente, cada fenômeno do organismo é tributário das forças gerais da natureza, parecem eles revelar um laço especial, parecem dirigidos por alguma condição invisível no caminho que seguem, na ordem que os relaciona”.

Fora dessa noção do corpo fluidico, a união da alma com o corpo material permanece incompreensível. Daí veio o enfraquecimento de certas teorias espiritualistas que consideravam a alma um “espírito puro”. Nem a razão nem a ciência podem admitir um ser desprovido de forma. Leibniz, no prefácio de suas *Nouvelles recherches sur la raison humaine* (Novas pesquisas sobre a razão humana), dizia: “Acredito, como a maioria dos antigos, que todos os espíritos, todas as almas, todas as substâncias simples, ativas, estão sempre unidas a um corpo e que nunca existem almas que sejam completamente desprovidas deles”.

De resto, existem numerosas provas objetivas e subjetivas da existência do perispirito. São, em primeiro lugar, as sensações chamadas “de integridade”, que acompanham sempre a amputação de um membro qualquer. Alguns magnetizadores afirmam que podem influenciar seus doentes, magnetizando a prolongação fluidica dos membros amputados (Carl du Prel. *La doctrine monistique de l’âme – A doutrina monística da alma*, capítulo 6). Vêm depois as aparições dos fantasmas dos vivos. Em muitos casos, o corpo fluidico, concretizado, impressionou placas fotográficas, deixou impressões e moldagens nas substâncias moles, traços no pó e na fuligem, provocou o deslocamento de objetos, etc. (Ver *No invisível*, capítulos 12 e 20).

* Monismo: doutrina filosófica segundo a qual o conjunto das coisas pode ser resumido à unidade (N.E.).



cérebro, disse Haeckel, são os verdadeiros órgãos da alma. Está ligada à integridade delas. Cresce, decai e desaparece com elas. O germe material contém o ser completo, físico e mental.”

Responderemos à questão fundamental: a matéria não pode gerar qualidades que não tem. Átomos, sejam triangulares, circulares ou curvos, não podem representar a razão, o gênio, o amor puro, a sublime caridade. O cérebro, dizem, cria a função; mas é possível compreender que uma função possa se conhecer, possuir consciência e sensibilidade? Como explicar a consciência, a não ser pelo espírito? Ela vem da matéria?

Mas consciência e matéria não se combatem freqüentemente?

Ela vem do interesse e do instinto de conservação?

Então por que se revolta contra eles e nos leva muitas vezes ao sacrifício?

O organismo material não é o princípio da vida e das faculdades; é, ao contrário, seu limite. O cérebro não passa de um instrumento com a ajuda do qual o espírito registra as sensações; poderia ser comparado a um teclado, em que cada tecla representaria um gênero especial de sensações. Quando o instrumento está perfeitamente afinado, essas teclas, sob a ação da vontade, dão o som que lhes é próprio, e a harmonia reina em nossas idéias e em nossos atos. Mas se essas teclas estiverem faltando ou destruídas, o som produzido será falso, a harmonia incompleta: resultará daí uma desafinação, apesar dos esforços da inteligência do artista, que não pode mais obter desse instrumento defeituoso um conjunto de manifestações regulares. Assim se explicam as doenças mentais, as neuroses, a perda temporária da fala ou da memória, a loucura, etc. sem que, por isso, a existência da alma fique comprometida. Em todos esses casos o espírito subsiste, mas suas manifestações são desfiguradas e, às vezes, até aniquiladas por falta de correlação com seu organismo.

Sem dúvida, de uma maneira geral, o desenvolvimento do cérebro denota altas faculdades. Uma alma delicada e poderosa precisa de um instrumento mais perfeito, que se preste a todas as manifestações de um pensamento elevado e fecundo. As dimensões e as circunvoluções* do cérebro estão, freqüentemente, em relação direta com o grau de evolução

* Circunvolução: saliência sinuosa na superfície cerebral (N.E.).



do espírito³². Não se deve daqui deduzir que a memória é apenas um simples jogo das células cerebrais. Estas se modificam e se renovam incessantemente, diz a ciência, a tal ponto que o cérebro e o corpo humano são renovados em poucos anos³³. Nessas condições, como explicar que possamos nos recordar dos fatos que remontam há 10, 20, 30 anos? Como os velhos rememoram com uma facilidade surpreendente os menores detalhes de sua infância? Como a memória, a personalidade, o “eu”, podem persistir e manter-se no meio de contínuas destruições e reconstruções orgânicas?

Quantos problemas insolúveis para o materialismo!

O único meio de atingir a alma são os sentidos, dizem os psicólogos, e a suspensão deles leva ao desaparecimento da outra. Notemos, entretanto, que o estado de anestesia, ou seja, a supressão momentânea da sensibilidade, não suprime de modo algum a ação da inteligência; esta se ativa, ao contrário, em casos que, segundo as doutrinas materialistas, deveria estar aniquilada.

Buisson* escreveu: *“Se existe alguma coisa que possa demonstrar a independência do ‘eu’, é certamente a prova que nos fornecem os pacientes submetidos à ação do éter, e nos quais as faculdades intelectuais resistem aos agentes anestésicos”*.

Velpeau**, tratando do mesmo assunto, dizia: *“Que mina fecunda não são para a fisiologia e para a psicologia fatos como esses, que separam o espírito da matéria, a inteligência do corpo!”*

Veremos também de que forma, no sono comum ou no provocado, no sonambulismo e na exteriorização, a alma pode viver, perceber e agir sem o auxílio dos sentidos.

*

Se a alma, como quer Haeckel, representasse unicamente a soma dos elementos corporais, sempre haveria no homem correlação entre o físico e o mental. A relação seria direta e

32 - A regra não é absoluta. O cérebro de Gambetta, por exemplo, pesava apenas 1246 gramas, ao passo que a média humana é de 1500 a 1800 gramas. Acrescentamos, aliás, que a teoria das localizações cerebrais que predominava na fisiologia foi posta em sério revés por casos famosos e frequentes das lesões estendidas nas regiões essenciais, não acompanhadas de nenhum problema psíquico grave, nem de nenhuma restrição da personalidade”. Ver o caso célebre publicado pelo doutor Guépin em março de 1917 e os numerosos fatos das feridas de guerra especialmente estudadas pelo doutor Troude (*Revue Métapsychique – Revista Metapsíquica*), nº 1, 1921-1922.

Nota do editor: o autor cita, na nota acima, Leon Gambetta (1838-1882), célebre e importante homem público francês, reconhecido pela sua inteligência e cultura.

33 - Claude Bernard. *La science expérimentale: phénomènes de la vie (A ciência experimental; fenômenos da vida)*.

* François A. Buisson: escritor e acadêmico francês (N.E.).

** Alfred A. Marie Velpeau: cirurgião e fisiologista francês (N.E.).



constante, e o equilíbrio, perfeito entre as faculdades, as qualidades morais, de uma parte, e a constituição material, de outra. Os mais bem-dotados, sob o ponto de vista físico, também possuíam as almas mais inteligentes e mais dignas. Sabemos que isso não acontece, pois, muitas vezes, almas muito elevadas habitaram corpos débeis. A saúde e a força não implicam necessariamente, naqueles que as possuem, um espírito sutil e de brilhantes qualidades.

Diz-se, é bem verdade: *mens sana in corpore sano*. Mas há tantas exceções para essa máxima que não é possível considerá-la como regra absoluta. A carne sempre cede à dor. O mesmo não acontece com a alma, que, muitas vezes, resiste, exalta-se no sofrimento e triunfa sobre os agentes externos.

Os exemplos de Antígona*, de Jesus, de Sócrates, de Joana d'Arc, os dos mártires cristãos, dos hussitas e tantos outros que embelezam a história e enobrecem a raça humana estão aí para nos lembrar de que as vozes do sacrifício e do dever podem se elevar muito acima dos instintos da matéria. A vontade, nos heróis, sabe dominar as resistências do corpo nas horas decisivas.

Se o homem estivesse contido por inteiro no gérmen físico, nele seriam encontradas unicamente as qualidades e os defeitos de seus progenitores, e na mesma proporção. Mas, ao contrário, vêem-se por toda parte crianças diferentes de seus pais, superiores ou inferiores a eles. Irmãos gêmeos, de uma forte semelhança física, apresentam, sob o ponto de vista mental e moral, caracteres diferentes entre si e entre os seus antepassados.

As teorias do atavismo** e da hereditariedade são impotentes para explicar os casos célebres de crianças artistas ou sábias: os músicos como Mozart ou Paganini, os calculistas como Mondeux e Inaudi, os pintores de dez



Hussitas: seguidores da doutrina de Jan Hus ou João Huss (foto) – 1369-1415, reitor da Universidade de Praga (Tchecoslováquia). Excomungado pelo papa Alexandre V, foi queimado vivo em praça pública por sentença do concílio de Constança. Apesar disso, João Huss é considerado herói de sua pátria. A Igreja armou os nobres em várias cruzadas e deu-lhes implacável perseguição, acabando por aniquilar barbaramente os hussitas em lutas que duraram até 1471. As idéias de João Huss e de seu seguidor e discípulo Jerônimo de Praga, igualmente condenado à fogueira, são o estopim do grande movimento que culmina com a luta de Martinho Lutero contra a Igreja Romana, a Reforma Protestante.

* Antígona: heroína grega considerada o modelo da piedade filial e fraternal. Foi imortalizada por Sófocles, clássico autor grego, na peça teatral que leva o seu nome. Deu em sacrifício sua vida por amor a seu pai, Édipo, e seu irmão Polínices (N.E.).

** Atavismo: reaparecimento de um fator do caráter, tendência ou talento herdado ou que esteve presente em antepassado familiar muito antigo (N.E.).



anos, como Van de Kerkhove, e tantos outros meninos prodígios, cujas aptidões não se encontram nos pais ou só estão presentes em antepassados distantes, como foi o caso de Mozart.

As propriedades da substância material transmitida pelos pais se manifesta na criança pela semelhança física e pelas doenças congênitas. Mas a semelhança só dura no primeiro período da vida. Desde que o caráter se define, logo que a criança se torna adulta, vêem-se as feições se modificarem pouco a pouco; ao mesmo tempo, as tendências hereditárias vão diminuindo e dando lugar a outros elementos, que constituem uma personalidade diferente, um “eu” às vezes bastante distinto pelos gostos, pelas qualidades, pelas paixões, de tudo quanto se encontra nos antepassados. Não é, pois, o organismo material que faz a personalidade, e sim o homem interior, o ser psíquico. À medida que este se desenvolve e se afirma por sua própria ação na existência, vê-se a herança física e mental dos pais se enfraquecer pouco a pouco, e, muitas vezes, desaparecer.

*

A noção do bem, gravada no fundo da consciência, é ainda uma prova evidente de nossa origem espiritual. Se o homem viesse do pó ou se fosse o resultado das forças mecânicas do mundo, nós não poderíamos conhecer nem o bem, nem o mal, nem sentir remorso ou dor moral. Dizem-nos: *“estas noções vêm dos vossos antepassados, da educação, das influências sociais!”* Mas se são heranças exclusivas do passado, de onde as recebemos? E por que elas se multiplicam em nós, se não encontram terreno favorável nem alimento?

Se tendes sofrido com a constatação do mal, se tendes chorado por vós e pelos outros, nessas horas de tristeza, de dor reveladora, pudestes entrever as secretas profundezas da alma, as suas ligações misteriosas com o além, e compreendestes o encanto amargo e o objetivo elevado da existência, de todas as existências. Esse é o processo da educação dos seres pela dor; é a ascensão das coisas finitas para a vida infinita.

Não, o pensamento e a consciência não derivam de um universo químico e mecânico. Ao contrário, eles o dominam, o dirigem e o advertem. De fato, não é o pensamento que pesa os mundos, mede a extensão, que diferencia as harmonias do cosmo? Pertencemos ao mundo material apenas por um lado. É por isso que experimentamos tão vivamente os males. Se pertencêssemos a ele por completo, nós nos sentiríamos muito mais ambientados e muitos sofrimentos nos seriam poupados.



A verdade sobre a natureza humana, sobre a vida e o destino, o bem e o mal, a liberdade e a responsabilidade não se descobrem no fundo das retortas* nem na ponta dos bisturis. A ciência material não pode julgar coisas do espírito. Apenas o espírito pode julgar e compreender o espírito, e isso em razão do grau de sua evolução. É a consciência das almas superiores, dos seus pensamentos, dos seus trabalhos, dos seus exemplos, dos seus sacrifícios que fazem jorrar a luz mais intensa e o mais nobre ideal que podem guiar a humanidade em seu caminho.

O homem é, ao mesmo tempo, espírito e matéria, alma e corpo. Mas talvez espírito e matéria sejam apenas palavras que exprimem, de forma imperfeita, as duas formas da vida eterna, que dormita na matéria bruta e acorda na matéria orgânica, adquire atividade, se expande e se eleva no espírito.

É possível haver, como alguns filósofos admitem, apenas uma essência única das coisas, ao mesmo tempo forma e pensamento, sendo a forma um pensamento materializado, e o pensamento a forma do espírito³⁴? É possível. O saber humano é limitado e mesmo os olhares do gênio não passam de um rápido clarão no domínio infinito das idéias e das leis.

Todavia, o que caracteriza a alma e a diferencia absolutamente da matéria é sua unidade consciente. A matéria se dispersa e se dissipa sob a ação da análise. O átomo físico se subdivide em subátomos que, por sua vez, fragmentam-se indefinidamente. A matéria – como estabeleceram as recentes descobertas de Becquerel, Curie e Le Bon – é inteiramente desprovida de unidade. No universo, apenas o espírito representa o elemento uno, simples, indivisível, e, por isso, logicamente indestrutível, impecível, imortal!

* Retorta: vaso de vidro ou de louça com o gargalo recurvado, voltado para baixo, apropriado para operações químicas (N.E.).

34 - Entendemos aqui por espírito o princípio da inteligência.





4

A PERSONALIDADE INTEGRAL

A consciência, o “eu”, é o centro do ser, a própria essência da personalidade.

Ser uma pessoa é ter uma consciência, um “eu” que reflete, examina-se, recorda-se. Porém, podem-se conhecer, analisar e descrever o “eu”, seus mistérios ocultos, suas forças latentes, seus gérmenes fecundos, suas atividades silenciosas? As psicologias, as filosofias do passado o tentaram em vão e apenas tocaram de leve a superfície do ser consciente. Suas camadas internas e profundas permaneceram obscuras, inacessíveis, até o dia em que as experiências do hipnotismo, do Espiritismo, da regressão da memória finalmente projetaram aí alguma luz.

Então se pôde ver que em nós se reflete, se repercute todo o universo, em sua dupla imensidade de espaço e de tempo. Dizemos “de espaço”, pois a alma, em suas livres e plenas manifestações, não conhece as distâncias. Dizemos “de tempo”, pois um passado inteiro dorme nela, onde o futuro, ao seu lado, permanece no estado de embrião.

As escolas antigas admitiam a unidade e a continuidade do “eu”, a permanência, a identidade perfeita da personalidade humana e sua sobrevivência. Seus estudos eram baseados no sentir íntimo, no que, hoje em dia, chamamos de introspecção.

A nova psicologia experimental considera a personalidade como um agregado, um composto, uma “colônia”. Para ela, a unidade do ser é apenas aparente e pode se decompor. O “eu” é uma coordenação passageira, disse Th. Ribot³⁵. Essas afirmações baseiam-se em fatos de experiência, que não podem ser deixados à parte, tais como: vida intelectual inconsciente, alterações da personalidade, etc.

35 - Th. Ribot. *Les maladies de la personnalité* (As doenças da personalidade).



Como aproximar e conciliar teorias tão diferentes e contudo baseadas, ambas, na ciência da observação? De uma maneira bem simples. Pela própria observação, mais atenta, mais rigorosa. F. Myers disse-o por estes termos³⁶:

“Uma pesquisa mais profunda, mais ousada, na própria direção que os psicólogos (materialistas) recomendam, mostra que eles se enganaram ao afirmar que a análise não provava a existência de nenhuma faculdade acima das que a vida terrestre, tal como eles a concebem, é capaz de produzir, e o meio terrestre de utilizar. Mas, em realidade, a análise revela os traços de uma faculdade que a vida material ou planetária nunca poderia ter gerado e cujas manifestações implicam e fazem necessariamente supor a existência de um mundo espiritual.

“Por outro lado, e em favor dos partidários da unidade do ‘eu’, pode-se dizer que os novos dados são de natureza a fornecer às suas pretensões uma base mais sólida e uma prova presumível que se avanta em força a todas as que eles poderiam ter imaginado, a prova, especialmente, de que o ‘eu’ pode sobreviver, e de fato sobrevive, não apenas às desintegrações secundárias que o afetam no decorrer de sua vida terrestre, mas também à desintegração final que resulta da morte corporal. O ‘eu consciente’ de cada um de nós está longe de compreender a totalidade de nossas faculdades. Existem uma consciência mais vasta e faculdades mais profundas, em que a maior parte permanece virtual no que se relaciona à vida terrestre, de onde a consciência e as faculdades se desprenderam apenas em consequência de uma seleção, e que se afirmam de novo em toda a sua plenitude após a morte.*

“Tenho sido, há cerca de 14 anos, lentamente levado a essa conclusão, que revesti para mim sua forma atual em consequência de uma longa série de reflexões baseadas em provas cujo número ia aumentando progressivamente.”

Em certos casos, vê-se aparecer em nós um ser totalmente diferente do normal, possuindo não apenas conhecimentos e aptidões mais extensos que os da personalidade comum, mas, além disso, dotado de modos de percepção mais poderosos e mais variados. Às vezes, até mesmo nos fenômenos de “segunda

36 - F. Myers. *La personnalité humaine, sa survivance, ses manifestations supranormales*. Essa obra representa um dos mais magníficos esforços que têm sido experimentados pelo pensamento para resolver os problemas do ser.

* Virtual: nesse caso, potencial, predeterminada, aguardando a condição ou o momento ideal para se manifestar (N.E.).



personalidade”, o caráter se modifica e difere a tal ponto do caráter habitual que observadores se julgaram na presença de um outro indivíduo.

É preciso fazer bem a distinção entre esses casos e o fenômeno de incorporação dos espíritos. Os médiuns, no estado de desdobramento sonambúlico, às vezes podem servir de canal livre para entidades do além, para espíritos desencarnados que deles se servem para se comunicar com os homens. Mas, então, os nomes, os detalhes, as provas de identidade fornecidas pelos manifestantes não permitem nenhuma confusão. A individualidade que se manifesta difere radicalmente da do indivíduo. Os casos de G. Pelham³⁷, de Robert Hyslop, de Fourcade, etc. nos demonstram que as comunicações ou a incorporação dos espíritos não podem ser confundidas com os casos de dupla personalidade.

Entretanto, o erro é possível; de fato, da mesma forma que as incorporações dos espíritos, a intervenção das personalidades secundárias é precedida de um sono curto. Estas surgem, na maioria das vezes, em um acesso de sonambulismo ou, até mesmo, após uma emoção. O período de manifestação, inicialmente de fraca duração, prolonga-se pouco a pouco, repete-se e vai se destacando até adquirir e constituir uma cadeia de recordações particulares que se distinguem do conjunto de recordações registradas na consciência normal. Esse fenômeno pode ser facilitado ou provocado pela sugestão hipnótica. É até provável que nos casos espontâneos, em que nenhuma vontade humana intervém, o fenômeno seja uma ação de agentes invisíveis, guias e protetores do indivíduo; eles então agem, como veremos, com um objetivo curativo, terapêutico.

No caso de Félicita, estudado pelo doutor Azam³⁸, os dois estados de consciência, ou variações da personalidade, são claramente estabelecidos:

“Quase todos os dias, sem causa conhecida, ou sob o domínio de uma comoção, ela é tomada pelo que chama ‘a sua crise’. De fato, entra em seu segundo estado; fica sentada, com um trabalho de costura à mão; de repente, sem que nada o possa fazer prever, e após uma dor nas fontes, mais violenta que de costume, a cabeça cai sobre o peito, suas mãos ficam inativas e descem inertes ao longo de seu corpo; ela dorme, ou parece

37 - Ver *No invisível*, capítulo 19.

38 - Binet, *Les altérations de la personnalité (As alterações da personalidade)*. Paris, Ed. F. Alcan.



dormir, mas é um sono especial, pois nenhum barulho, nenhuma excitação, nenhum beliscão ou picada poderia acordá-la; além disso, essa espécie de sono surge subitamente. Dura dois ou três minutos; antes durava muito mais.

“Depois Félida acorda; mas não está mais no estado intelectual em que estava antes de adormecer. Tudo parece diferente. Ergue a cabeça e, ao abrir os olhos, cumprimenta sorrindo as pessoas que a cercam, como se tivesse acabado de chegar; a fisionomia, antes triste e silenciosa, ilumina-se, e respira alegria; sua palavra é breve e ela continua, cantarolando, a obra de agulha que havia começado. Levanta-se, seu andar é ágil, e quase não se queixa das mil dores que, momentos antes, faziam-na sofrer; cuida dos afazeres domésticos, anda pela rua, etc. Seu caráter está completamente mudado: de triste, tornou-se feliz; sua imaginação está mais exaltada; o menor motivo a entristece ou alegra; de indiferente, tornou-se sensível em excesso.

“Nesse estado, lembra-se perfeitamente de tudo o que se passou nos outros estados semelhantes anteriores e também durante sua vida normal. Nessa vida, assim como na outra, suas faculdades intelectuais e morais, ainda que diferentes, estão incontestavelmente na sua integridade: nenhuma idéia delirante, nenhuma falsa apreciação, nenhuma alucinação. Félida é outra, nada mais. Pode-se até mesmo dizer que, nesse segundo estado, nessa segunda condição, como chama M. Azam, todas as suas faculdades parecem mais desenvolvidas e completas.

“Essa segunda vida, em que a dor física não se faz sentir, é muito superior à outra; principalmente pelo fato notável de que, enquanto dura, Félida se lembra não somente do que se passou nos acessos anteriores, mas também de toda a sua vida normal, enquanto, durante sua vida normal, não tem nenhuma lembrança do que se passou durante seus acessos.”

Vê-se que aí não estão em jogo várias personalidades, mas simplesmente vários estados da mesma consciência. A relação persiste entre esses diversos aspectos do ser psíquico. Pelo menos, o segundo estado, o mais completo, não ignora nada do que fez o primeiro, ao passo que este conhece o outro apenas por ouvir dizer. O modo de existência número 2 trata o número 1 com algum desdém. Félida, no segundo estado, fala da “moça estúpida” da mesma maneira que falaríamos de nós mesmos, do menino desajeitado, do bebê trapalhão que fomos em outro tempo.



No caso de Louis Vivé³⁹, encontramos-nos em presença de um fenómeno de “regressão da memória”. O indivíduo, sob a influência da sugestão hipnótica, revive todas as cenas de sua vida, diz F. Myers, “*com a rapidez e a facilidade de imagens cinematográficas. Não apenas os estados mentais passados e esquecidos vêm à memória ao mesmo tempo que as impressões físicas dessas variações, mas também um estado mental passado e esquecido é sugerido ao paciente como sendo seu estado atual, ele recebe imediatamente as impressões físicas correspondentes*”.

Veremos adiante que, graças a experiências da mesma ordem, se têm podido reconstituir as existências anteriores de certos indivíduos com a mesma nitidez, o mesmo poder de impressões e de sensações. E por isso seremos levados a reconhecer que a ciência profunda do ser nos reserva muitas surpresas.

Em Mary Reynolds⁴⁰, assistimos a uma transformação completa do caráter, que apresenta três fases distintas: uma, marcada pelo desleixo; a outra, com disposições para a tristeza e com tendência para fundir-se com um terceiro estado, superior aos dois anteriores.

Não podemos deixar de notar as observações do mesmo gênero feitas pelo doutor Morton-Prince em relação à senhorita Beauchamp⁴¹. Esta apresenta diversos aspectos de uma mesma personalidade, que se revelaram sucessivamente e que foram denominados, à medida que apareciam, de B1, B2, B4 e B5.

B1 é a senhorita Beauchamp no estado normal, pessoa séria, reservada, extremamente escrupulosa. B2 é ela em estado de hipnose, com mais desembaraço, simplicidade e memória mais extensa. B4, que se revela mais tarde, distingue-se das anteriores por um estado completo de unidade harmoniosa e de equilíbrio normal, mas a quem faz falta a memória dos seis últimos anos, por conseqüência de uma emoção violenta. E, por fim, B5, que reúne como uma síntese a memória dos estados já descritos.

A originalidade desse caso consiste na intervenção, em meio aos diversos aspectos da personalidade da senhorita Beauchamp, de uma individualidade que lhe é, como nos parece, completa-

39 - F. Myers. *La personnalité humaine*. Ver também Camuset. *Annales Médico-Psychologiques (Anais Médico-Psicológicos)*, 1882.

40 - W. James. *Principles of psychology (Princípios da psicologia)*.

41 - Morton-Prince. Ver *The association of a personality (A associação de uma personalidade)*, bem como a obra do coronel A. de Rochas. *Les vies successives (As vidas sucessivas)*. Paris, Ed. Chacornac, 1911.



mente estranha. Trata-se de B3, que se diz chamar Sally, ser esperta, travessa, na verdade faceira, dominando a senhorita Beauchamp, pregando-lhe peças repetidas, uma vida bem difícil. Sally se adapta, fisiologicamente, muito mal aos órgãos da médium; parece estranha à sua própria vida.

Essa misteriosa Sally seria, segundo nós, uma entidade espiritual, conseguindo substituir-se no sono à pessoa normal, e dispor, por um lapso de tempo, de um organismo cujo estado de equilíbrio está momentaneamente perturbado. Esse fenômeno pertence à categoria das incorporações de espíritos, de que tratamos especialmente em outra obra⁴².

Finalmente, F. Myers relata em sua obra magistral⁴³, segundo o doutor Mason, um caso de “múltipla personalidade”, que acreditamos dever reproduzir:

“Alma Z... era uma moça muito sã e inteligente, de um caráter sólido e insinuante, de um espírito de iniciativa em tudo o que empreendia, estudos, esporte, relações sociais. Em seguida a um cansaço intelectual e a uma indisposição a que não deu importância, sua saúde encontrou-se seriamente comprometida, e, após dois anos de grande sofrimento, uma segunda personalidade fez uma súbita aparição. Numa linguagem meio infantil e alegre, essa personalidade anunciava-se como sendo a número 2, que vinha para aliviar os sofrimentos da número 1. Acontece que o estado da número 1 era, naquele momento, dos mais deploráveis: dores, debilidade, desmaios freqüentes, insônias, estomatite mercurial de origem medicamentosa que tornava a alimentação impossível. A número 2 era alegre e terna, de uma conversa sutil e espirituosa, revelando todo o seu conhecimento, alimentando-se bem e abundantemente, com maior proveito do que a número 1. A conversa, por mais aprimorada e interessante que fosse, não deixava suspeitar nada dos conhecimentos adquiridos pela primeira personalidade. Ela manifestava uma inteligência muito além do normal relativamente ao que se passava na vizinhança. Foi nessa época que o autor começou a observar esse caso, e não o perdi de vista durante seis anos consecutivos. Quatro anos após a aparição da segunda personalidade, apareceu uma terceira, que se anunciou sob o nome de ‘moleque’. Era completamente distinta e diferente das duas outras e havia tomado o lugar da número 2, que esta ocupara por quatro anos.*

42 - Ver *No invisível*, capítulo 19.

43 - F. Myers. *La personnalité humaine*.

* Estomatite mercurial: inflamação da membrana mucosa da boca, decorrente da ingestão de remédios que contêm mercúrio (N.E.).



“Todas essas personalidades, embora absolutamente distintas, eram, cada qual em seu gênero, interessantes, e a número 2, em particular, foi, e ainda é, a alegria de seus amigos todas as vezes que aparece e que podem se aproximar dela; sempre surge nos momentos de fadiga excessiva, de excitação mental, de abatimento; sobrevém, então, e persiste às vezes durante alguns dias. O ‘eu’ original sempre afirma sua superioridade, as outras revelam-se apenas em atenção a ela e para seu proveito. A número 1 não tem nenhum conhecimento pessoal das duas outras personalidades; contudo, conhece-as bem, sobretudo a número 2, pelas narrativas das outras e pelas cartas que muitas vezes dela recebe; e a número 1 admira as mensagens sutis, espirituosas e muitas vezes instrutivas que lhe trazem essas cartas ou as narrativas das amigas.”

Iremos nos limitar a citar apenas esses fatos, para não nos alongarmos demais. Existem muitos outros da mesma natureza, cuja descrição o leitor poderá encontrar nas obras especiais⁴⁴.

No seu conjunto, esses fenômenos demonstram uma coisa: que acima do nível da consciência normal, fora da personalidade comum, existem em nós planos de consciência, camadas ou zonas dispostas de tal forma que, em certas condições, podem-se constatar alternâncias entre esses planos. Vêm-se então emergirem à superfície e manifestarem-se, durante certo tempo, atributos, faculdades que pertencem à consciência profunda; depois, logo desaparecem, para voltarem ao lugar e tornarem a mergulhar na sombra e na inércia.

Nosso “eu” comum, superficial, limitado pelo organismo, parece ser apenas um fragmento de nosso “eu” total. Neste, está registrado um mundo inteiro de fatos, conhecimentos, lembranças referentes ao longo passado da alma. Durante sua vida normal, todas essas reservas permanecem latentes, como que sepultadas embaixo do envoltório material. Elas reaparecem no estado sonambúlico. O apelo da vontade e a sugestão as mobilizam, entram em ação e produzem esses fenômenos estranhos, que a psicologia constata sem poder explicar.

44 - Ver, entre outras: Bourru e Burot. *Les changements de la personnalité e de la suggestion mentale* (As mudanças da personalidade e da sugestão mental). Paris: Bibl. Cientif. Contemporânea, 1887. Binet. *Les altérations de la personnalité*. Berjon. *La grande histeria chez l’homme* (A grande histeria do homem). Osgood Mason. *Double personnalité; ses rapports avec l’hypnotisme et la lucidité* (Dupla personalidade; suas relações com o hipnotismo e a lucidez).

Ver ainda, em *Proceedings S.P.R.* (Procedimentos da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres), o caso da senhorita Beauchamp, estudado por Morton, o caso de Annel Bourne, descrito pelo doutor Hodgson, e o de Mollie Faucher, observado pelo juiz americano Cain Dailey.



Todos os casos de desdobramento da personalidade, todos os fenômenos de clarividência, telepatia, premonição, aparecimento de novos sentidos e de faculdades desconhecidas, todo esse conjunto de fatos cujo número aumenta e já constitui um extraordinário amálgama* deve ser atribuído à intervenção das forças e dos recursos da personalidade oculta.

O estado sonambúlico, que permite a sua manifestação, não é um estado “regressivo” ou mórbido, como acreditaram alguns observadores; é, antes, um estado superior e, segundo a expressão de F. Myers, “evolutivo”. É verdade que o estado de definhamento e de enfraquecimento orgânico facilita em alguns indivíduos a revelação, o afloramento das camadas profundas do “eu”, o que foi designado pelo nome de histeria. De maneira geral, é preciso notar que tudo o que deprime o corpo físico favorece o desprendimento, o desembaraço do espírito. A lucidez dos moribundos nos forneceria sobre esse ponto inúmeros testemunhos. Mas, para avaliar bem esses fatos, convém considerá-los sobretudo sob o ponto de vista psicológico; toda a sua importância está aí.

A ciência materialista viu nesses fenômenos o que ela chama de “desintegrações”, ou seja, alterações e desagregação da personalidade. Os diversos estados da consciência algumas vezes aparecem tão distintos e os tipos que surgem são de tal modo tão diferentes do normal, que normalmente levam a crer que se está em presença de diversas consciências autônomas, as quais se alternam no mesmo indivíduo. Acreditamos, como F. Myers, que nada disso acontece. Há aí simplesmente uma variedade de estados sucessivos que coincidem com a permanência do “eu”. A consciência é uma, mas se manifesta de diversos modos: de uma maneira restrita, na vida normal, enquanto está limitada ao campo do organismo; mais completa, mais extensa nos estados de desprendimento; e, enfim, de uma maneira total, perfeita, na ocasião da morte, após a separação definitiva, como demonstram as manifestações e os ensinamentos dos espíritos. A desagregação é, portanto, apenas aparente. A única diferença a ser feita entre os estados variados da consciência é uma diferença de graus, que podem ser numerosos. O espaço que, por exemplo, existe entre o estado de incorporação e a exteriorização completa parece considerável. A personalidade se mantém idêntica mesmo no encadeamento dos fatos da

* Amálgama: nesse caso, mistura de elementos que, embora diversos, contribuem para formar um todo (N.E.).



consciência, no qual um laço contínuo liga entre si desde as mais simples modificações do estado normal até os casos que comportam uma transformação de inteligência e de caráter; desde a simples idéia fixa e os sonhos até a projeção da personalidade no mundo espiritual, nesse além onde a alma recupera a plenitude de suas percepções e de seus poderes.

Vemos, no decorrer da existência terrestre, desde a infância até a velhice, o “eu” se modificar sem cessar; a alma atravessa uma sucessão de estados; ela anda em mudança contínua; entretanto, no meio dessas diversas fases, seu controle sobre o organismo não varia. A fisiologia destacou essa sábia e harmoniosa coordenação de todas as partes do ser, essas leis da vida orgânica e do mecanismo nervoso que não podem ser explicadas sem a presença de uma unidade central. Essa unidade soberana é a fonte e a causa conservadora da vida; ela reúne todos os elementos, todos os aspectos.

Foi por uma conseqüência não menos nociva das teorias materialistas que os “psicólogos” da escola oficial chegaram a considerar o gênio uma neurose, quando ele pode ser a utilização, em maior escala, dos poderes psíquicos ocultos no homem.

F. Myers, falando da categoria dos histéricos que conduzem o mundo, emite a opinião de que *“a inspiração do gênio não seria nada mais que a emergência, no domínio das idéias conscientes, de outras idéias para a elaboração das quais a consciência não tomou parte, mas que se formaram isoladamente, por assim dizer, independentemente da vontade, nas regiões profundas de nosso ser”*⁴⁵.

Em geral, aqueles que levemente são classificados de “degenerados” são muitas vezes “progenerados”*. Nestes, sensitivos, histéricos ou neuróticos, as perturbações do organismo físico, as alterações nervosas podem realmente ser um processo

45 - F. Myers. *La personnalité humaine*.

Acreditamos, todavia, que no exame desse problema do gênio, F. Myers não atendeu bastante às aquisições anteriores, fruto das existências acumuladas, tampouco às inspirações mediúnicas, muito caracterizadas para algumas inteligências geniais, como vimos anteriormente. (*No invisível*, último capítulo.)

* Progenerados: o autor ressalta que nos sensitivos, histéricos e neuróticos afloram dons do espírito que todos possuímos, mas que neles se revelam sem barreiras num tempo e num momento que faz com que os consideremos anormais, fora dos padrões ou “degenerados”. Assim vemos essas criaturas falarem sozinhas e descreverem situações e ambientes que só elas vêem por estarem num estágio evolutivo pelo qual todos deveremos passar, porém, de forma organizada. O autor as chama de “progenerados”, ou seja, o que ainda se gerará (N.E.).



de evolução pelo qual toda a humanidade deverá passar para atingir um grau mais intenso da vida planetária.

As perturbações sempre acompanham o desenvolvimento do organismo até sua expansão completa, do mesmo modo que antecedem o aparecimento de cada novo ser na Terra. Em nossos esforços dolorosos para maior grandiosidade da vida, os valores mórbidos transmutam-se em forças morais. Nossas necessidades são instintos em união que se concretizam em novos sentidos para adquirir mais poder e conhecimento.

Até mesmo no estado comum, acordados e lúcidos, revelações e impulsos do “eu” profundo podem remontar até as camadas exteriores da personalidade, trazendo intuições, percepções, lampejos bruscos sobre o passado e o futuro do ser, que demonstram faculdades bastante extensas que não pertencem ao “eu” normal.

A essa categoria de fenômenos é preciso juntar a maior parte dos casos de animismo. Dizemos a maior parte, pois há outros, sabemos, que têm como causa agentes externos e invisíveis – esses são casos mediúnicos.

Há em nós uma espécie de reservatório de águas subterrâneas de onde, em certas horas, jorra e sobe à superfície uma corrente rápida e em ebulição. Os profetas, os mártires de todas as religiões, os missionários, os inspirados, os entusiastas de todos os gêneros e de todas as escolas conheceram esses impulsos surdos e poderosos. Eles nos têm brindado com as maiores descobertas, revelando aos homens a existência de um mundo superior.





5

A ALMA E OS DIFERENTES ESTADOS DO SONO

O estudo do sono nos fornece indicações de grande importância sobre a natureza da personalidade. Em geral, não se aprofunda muito o mistério do sono. O exame atento desse fenômeno, o estudo da alma e de sua forma fluídica durante a parte da existência que consagramos ao descanso, irão nos conduzir a uma compreensão mais clara das condições do ser na vida do além.

O sono possui não apenas propriedades restauradoras a que a ciência não deu ainda o real destaque, mas também um poder de coordenação e de centralização sobre o organismo material. Pode, além disso, como acabamos de ver, provocar uma extensão considerável das percepções psíquicas, uma maior intensidade do raciocínio e da memória.

O que é então o sono?

É simplesmente o desprendimento da alma, sua saída do corpo. Diz-se: o sono é o prenúncio* da morte. Essas palavras exprimem uma verdade profunda. Seqüestrada da carne no estado de vigília, a alma recupera no sono sua liberdade relativa, temporária e ao mesmo tempo o uso de seus poderes ocultos. A morte será sua libertação completa, definitiva.

Já nos sonhos e nas ilusões vemos entrar em ação os sentidos da alma, esses sentidos psíquicos, que no corpo são a manifestação externa e amortecida. À medida que as percepções externas se enfraquecem e se apagam, quando os olhos estão fechados e os ouvidos suspensos, outros meios mais poderosos despertam nas profundezas do ser. Vemos e ouvimos com a ajuda dos sentidos internos. Imagens, formas, cenas afastadas se

Atualmente se dá grande valor ao estudo dos fenômenos do sono (hipnal ou hipnéia). Nos centros médicos mais avançados já há clínicas especializadas no estudo do sono e dos problemas dele decorrentes.

* Prenúncio: anúncio de coisa futura (N.E.).



sucedem e se desenrolam; são estabelecidas conversas com personagens vivos ou falecidos. Essa ação, muitas vezes incoerente e confusa no sono natural, adquire precisão e aumenta com o desprendimento da alma, no sono provocado, no transe sonambúlico e no êxtase.

Às vezes a alma se afasta durante o repouso do corpo e são as impressões de suas viagens, os resultados de suas pesquisas e de suas observações que se traduzem pelo sonho. Nesse estado, um laço fluídico ainda a liga ao organismo material e, por meio desse laço sutil, uma espécie de fio condutor, as impressões e as vontades da alma podem ser transmitidas ao cérebro. É pelo mesmo processo que, em outras formas de sono, a alma comanda o seu envoltório terrestre, fiscaliza-o, dirige-o. Essa direção, no estado de vigília, durante a incorporação, exerce-se de dentro para fora; ela irá se efetuar em sentido inverso aos diferentes estados de desprendimento. A alma, emancipada, continuará a influenciar o corpo com a ajuda desse laço fluídico que liga continuamente um à outra. Desde então, no seu poder psíquico reconstituído, a alma exercerá sobre seu organismo carnal uma direção mais eficaz e mais segura. A caminhada dos sonâmbulos, à noite, em lugares perigosos com inteira segurança, é uma demonstração evidente desse fato.

O mesmo acontece com a ação terapêutica provocada pela sugestão. Esta é eficaz, sobretudo no sentido de facilitar o desprendimento da alma e lhe dar seu poder absoluto de controle, a liberdade necessária para dirigir a força vital acumulada no perispírito e, por esse meio, reparar as perdas sofridas pelo corpo físico⁴⁶. Constatamos esse fato no caso de dupla personalidade. A segunda personalidade, mais completa, mais integral do que a personalidade normal, substitui-a com um objetivo curativo, por meio de uma sugestão exterior, que é aceita e transformada em auto-sugestão pelo espírito do indivíduo. De fato, este nunca abandona seus direitos e seus poderes de controle. Assim, como disse F. Myers: "*Não é a ordem do hipnotizador, mas a faculdade do*

46 - O espírito exteriorizado pode tirar do organismo mais força vital do que o homem normal, o homem encarnado, pode obter. Experiências demonstraram que um dinamômetro pode ser pressionado mais fortemente pelo espírito por meio do organismo do que pelo espírito encarnado.

Nota do editor: o autor, na nota acima, fala em dinamômetro, que é um instrumento destinado a medir forças por meio da deformação causada por essas sobre um sistema elástico. Remetemos o leitor a pesquisar em *O Livro dos Médiuns*, na segunda parte, capítulo 8: "Laboratório do Mundo Invisível", em que poderá avaliar a capacidade que os espíritos têm de manipular a matéria.



*indivíduo que forma o nó da questão*⁴⁷. O sábio professor de Cambridge disse ainda⁴⁸: “*O objetivo único de todos os processos hipnogênicos* é o de dar energia à vida; é o de atingir o mais rápida e completamente os resultados que a vida abandonada a si mesma só realiza lentamente e de uma maneira incompleta*”.

Em outros termos, o hipnotismo é a aplicação, num grau mais intenso, das energias reparadoras que entram em jogo no sono natural. A sugestão terapêutica é a arte de libertar o espírito do corpo, de abrir-lhe uma saída pelo sono e de lhe permitir exercer, em sua plenitude, seus poderes sobre o corpo doente. As pessoas sugestionáveis são aquelas cuja alma apática ou pouco evoluída não está apta para se desprender por si mesma e agir utilmente em seu sono comum, a fim de reparar as perdas do organismo.

A sugestão, em princípio, é apenas um pensamento, um ato de vontade, diferenciando-se somente da vontade comum por sua concentração e sua intensidade. Em geral, nossos pensamentos são múltiplos e vacilantes; nascem e passam ou, então, quando coexistem em nós, se chocam e se confundem. Na sugestão, o pensamento, a vontade fixam-se sobre um ponto único. Ganham em poder o que perdem em extensão. Por sua ação, que se torna mais penetrante, mais decisiva, provocam no indivíduo o despertar das faculdades ligadas ao indivíduo no estado normal. A sugestão torna-se uma espécie de impulso, de alavanca, que mobiliza a força vital e a dirige para o ponto onde ela deve operar.

A sugestão pode ser exercida tanto na ordem física, por uma influência direta sobre o sistema nervoso, quanto na ordem moral, sobre o “eu” central e a consciência do indivíduo. Bem empregada, constitui um meio bastante apreciável de educação, destruindo as tendências ruins e os hábitos nocivos. Sua ação sobre o caráter produz então os mais felizes resultados⁴⁹.

*

Voltemos ao sono comum e ao sonho. Enquanto o desprendimento da alma estiver incompleto, as sensações, as preocu-

47 - F. Myers. *La personnalité humaine*.

48 - Idem.

* Hipnogênicos: relativos à hipnose. Que produz o sono (N.E.).

49 - Em resumo, eis os frutos que pode e deve proporcionar a sugestão hipnótica e em vista dos quais deve ser aplicada: concentração do pensamento e da vontade; aumento da energia e da vitalidade; fixação da atenção nas coisas essencialmente úteis; alargamento do campo da memória; manifestação dos sentidos novos por meio de impulsões internas ou externas.



pações da vigília, as lembranças do passado misturaram-se com as impressões da noite. As percepções registradas pelo cérebro se desenrolam automaticamente, numa desordem aparente, quando a atenção da alma está desviada do corpo e não mais regula as vibrações cerebrais; daí a incoerência da maior parte dos sonhos. Mas, à medida que a alma se liberta e se eleva, a ação dos sentidos psíquicos torna-se predominante e os sonhos adquirem uma lucidez, uma nitidez notáveis. Clareiras cada vez mais largas, vastas perspectivas abrem-se sobre o mundo espiritual, verdadeiro domínio da alma e lugar do seu destino. Nesse estado, ela pode penetrar as coisas ocultas e até mesmo os pensamentos e os sentimentos de outros espíritos⁵⁰.

Há em nós uma dupla vida, pela qual pertencemos às vezes a dois mundos, a dois planos de existência. Uma está em relação com o tempo e o espaço, como nós os concebemos em nosso meio planetário, com os sentidos do corpo: é a vida material; a outra, por meio dos sentidos profundos e das faculdades da alma, liga-nos ao universo espiritual e aos mundos infinitos. No decorrer de nossa existência terrestre, é sobretudo no estado de sono que essas faculdades podem se exercer e que os poderes da alma podem entrar em vibração. A alma mais uma vez se põe em contato com esse universo invisível que é sua pátria e do qual estava separada pela carne; ela se retempera no seio das energias eternas para continuar, quando desperta, sua tarefa dolorosa e obscura.

Durante o sono, a alma pode, de acordo com as necessidades do momento, aplicar-se a reparar as perdas vitais causadas pelo trabalho cotidiano e a regenerar o organismo adormecido, dando-lhes forças tiradas do mundo cósmico, ou, quando essa ação reparadora está acabada, retomar o curso de sua vida



Homero: escritor clássico grego.



Hipócrates: o médico mais importante da Antiguidade, é considerado o pai da medicina.

50 - Segundo os antigos, existem duas categorias de sonhos: o sonho propriamente dito, em grego *onar*, é de origem física; o sonho *repar*, de origem psíquica. Encontramos essa distinção em Homero, que representa a tradição popular; assim como em Hipócrates, que é o representante da tradição científica. Muitos ocultistas modernos adotaram definições semelhantes. Depois deles, em tese geral, o sonho propriamente dito seria um sonho produzido mecanicamente pelo organismo; o sonho psíquico, um produto da clarividência adivinhadora; um ilusório, o outro verídico. Mas, às vezes, é difícil estabelecer uma delimitação nítida e distinta entre essas duas classes de fenômenos.

O sonho vulgar parece em razão da vibração cerebral automática que continua a se produzir no sono quando a alma está ausente; esses sonhos são muitas vezes absurdos; mas esse próprio absurdo é uma prova de que a alma está fora do corpo físico e deixou de regular-lhe as funções. Com menos facilidade nos lembramos do sonho, pois não impressiona o cérebro físico, mas somente o corpo psíquico, veículo da alma, que é exteriorizado no sono.



superior, pairar sobre a natureza, exercer suas faculdades de visão a distância e penetração das coisas. Nesse estado de atividade independente, já vive antecipadamente a vida livre do espírito. Pois essa vida, que é uma continuação natural da existência planetária, espera-a após a morte, devendo a alma prepará-la não apenas com suas obras terrestres, mas também com suas ocupações, no estado de desprendimento, durante o sono. É graças aos reflexos da luz do alto que cintilam em nossos sonhos e iluminam todo o lado oculto do destino que podemos entrever as condições do ser no além.

Se nos fosse possível abranger com um olhar toda a extensão de nossa existência, reconheceríamos que o estado de vigília está longe de constituir-lhe a fase essencial, o elemento mais importante. As almas que cuidam de nós aproveitam nosso sono para exercitarem-nos na vida fluídica e no desenvolvimento de nossos sentidos de intuição. Efetua-se, então, todo um trabalho de iniciação para os homens ansiosos por se elevarem, cujos vestígios são encontrados no sonho. Assim, quando voamos, quando deslizamos com rapidez pela superfície do solo, é a sensação do corpo fluídico ensaiando-se para a vida superior.

Sonhar que volitamos sem esforço, com uma facilidade surpreendente, através do espaço, sem passar por nenhum embaraço ou medo, ou então que estamos pairando por cima das águas; atravessar muralhas e outros obstáculos materiais sem ficarmos admirados de praticar esses atos impossíveis durante a vigília não é a prova de que nos tornamos fluídicos pelo desprendimento? Tais sensações, tais imagens, que comportam uma completa inversão das leis físicas que regem a vida comum, não poderiam vir ao nosso espírito se elas não fossem o resultado de uma transformação de nosso modo de existência.

Na realidade, já não se trata aqui de sonhos, e sim de ações reais, praticadas num outro domínio da sensação e cuja lembrança se insinuou na memória cerebral. Essas lembranças e essas impressões demonstram isso muito bem: nós possuímos dois corpos, e a alma, sede da consciência, permanece ligada ao seu envoltório sutil, enquanto o corpo material está deitado, mergulhado na ociosidade.

Apontemos, entretanto, uma dificuldade. Quanto mais a alma se afasta do corpo e penetra nas regiões etéreas, mais fraco se torna o laço que os une, tanto mais vaga a lembrança ao acordar. A alma paira muito longe na imensidade, e o cérebro não mais registra suas sensações. Daí resulta não podermos analisar os



nossos mais belos sonhos. Algumas vezes, a última das impressões sentidas no decurso dessas peregrinações noturnas permanece ao despertarmos. E se nesse momento tivermos a precaução de fixá-la fortemente na memória, pode lá ficar gravada. Uma noite, tive a sensação de vibrações percebidas no espaço, as últimas de uma melodia doce e penetrante, e a lembrança das últimas palavras de um canto que terminava assim: “*Há céus inumeráveis!*”

Às vezes sentimos, ao acordar, a vaga impressão de ter entrevisto coisas fantásticas, sem nenhuma lembrança precisa. Essa espécie de intuição, resultante de percepções registradas na consciência profunda, mas não na consciência cerebral, persiste em nós durante certo tempo e influencia nossos atos. Outras vezes, essas impressões se traduzem com clareza no sonho. Eis o que diz F. Myers sobre esse assunto⁵¹:

“O resultado permanente de um sonho é muitas vezes de tal modo que ele nos mostra claramente que o sonho não é o efeito de uma simples confusão com experiências avivadas da vida passada, mas que possui um poder inexplicável que lhe é próprio e que ele tira, semelhante nisto à sugestão hipnótica, das profundezas de nossa existência, a que a vida de vigília é incapaz de atingir. Dois grupos desse gênero se manifestam para serem reconhecidos facilmente; um deles, principalmente, em que o sonho acabou por uma transformação religiosa decidida, e o outro em que o sonho foi o ponto de partida de uma idéia obsessiva ou de um acesso de verdadeira loucura.”

Esses fenômenos poderiam ser explicados pela comunicação, no sonho, da consciência superior à consciência normal, ou por intervenção de alguma inteligência superior que julga, desaprova, condena a conduta do sonhador e lhe causa uma impressão de perturbação, de um receio salutar. A obsessão pode, assim, exercer-se por meio do sonho, até a ponto de causar uma perturbação mental ao despertar. Terá como autores espíritos malfazejos, a quem nosso procedimento no passado e os danos que lhes causamos deram a eles domínio sobre nós.

Insistimos também sobre essa propriedade misteriosa que tem o sono, a que nos faz donos, em certos casos, de camadas mais extensas da memória.

A memória normal é precária e restrita; não vai além do círculo estreito da vida presente, do conjunto dos fatos cujo

51 - F. Myers. *La personnalité humaine*.

conhecimento é indispensável por causa do papel que se há de desempenhar na Terra e do fim que se deve alcançar. A memória profunda abrange toda a história do ser desde sua origem, suas etapas sucessivas, seus modos de existência, planetários ou celestes. Todo um passado, lembranças e sensações, esquecido, ignorado no estado de vigília, está gravado em nós; esse passado só desperta na exteriorização, durante o sono comum ou provocado. Uma regra conhecida de todos os experimentadores é que, nos diferentes estados do sono, à medida que se afasta do estado de vigília e da memória normal, mais a hipnose é profunda e mais se acentua a expansão, a dilatação da memória. F. Myers confirma isso nos seguintes termos⁵²:

“O grau de inteligência que se manifesta no sono varia de acordo com os indivíduos e de acordo com as épocas. Mas todas as vezes que esse grau é suficiente para autorizar um julgamento, achamos que existe durante o sono hipnótico uma memória considerável, que não é necessariamente uma memória completa ou razoável do estado de vigília; ao passo que, na maior parte dos indivíduos acordados, salvo o caso de uma exigência especial dirigida ao ‘eu’ hipnótico, não existe nenhuma lembrança relacionada ao estado de sono.

“O sono comum pode ser considerado como ocupando uma posição intermediária entre a vida acordada e o sono hipnótico profundo; e parece provável que a memória que pertence ao sono comum esteja ligada, por um lado, àquela que pertence à vida acordada e, por outro, àquela que existe no sono hipnótico. Isso de fato acontece, estando os fragmentos da memória do sono comum intercalados nas duas cadeias.”

F. Myers, em apoio de suas palavras, cita⁵³ diversos casos em que fatos retrospectivos esquecidos e outros de que a pessoa em estado de sono jamais teve conhecimento revelam-se no sonho.

Veremos isso quando tratarmos da questão das reencarnações: as experiências de que F. Myers fala foram levadas muito mais longe do que ele previa, e as conseqüências disso são imensas. Não só se têm podido, pela sugestão hipnótica, reconstituir as menores recordações da vida atual, desaparecidas da memória normal dos indivíduos, mas também reatar o encadeamento já interrompido de suas vidas passadas.

52 - Myers. *La personnalité humaine*.

53 - Idem.



Ao mesmo tempo que uma memória mais vasta e mais rica, vemos aparecer no sono faculdades muito superiores a todas aquelas que desfrutamos no estado de vigília. Problemas estudados e sem conclusão, abandonados como insolúveis, são resolvidos no sonho ou no sonambulismo; obras geniais, operações estéticas de ordem mais elevada: poemas, sinfonias, hinos fúnebres são concebidos e executados. Há nisso uma ação exclusiva do “eu” superior ou a colaboração de entidades espirituais que vêm inspirar nossos trabalhos? É provável que esses dois fatores intervenham nos fenômenos dessa ordem.

F. Myers cita o caso de Agassiz que descobre, durante o sono, o arranjo esquelético de ossadas dispersas cuja tentativa de recomposição ele fizera por diversas vezes e sem resultado durante a vigília. Lembraremos os casos de Voltaire, La Fontaine, Coleridge, Bach, Tartini*, etc. que compuseram obras importantes em condições análogas⁵⁴.

Enfim, é importante mencionar uma forma de sonhos cuja explicação escapou, até agora, à ciência. São os sonhos premonitórios, conjunto de imagens e visões que se referem a acontecimentos futuros e cuja exatidão é verificada posteriormente. Parecem indicar que a alma tem o poder de penetrar no futuro ou que este lhe é revelado por inteligências superiores.

Assinalemos o sonho da duquesa de Hamilton, que previu, com detalhes de ordem íntima, a morte do conde de L... 15 dias antes de acontecer⁵⁵. Um fato da mesma natureza foi publicado pelo *Progressive Thinker* de Chicago, no dia 1º de novembro de 1913. Um magistrado de Hauser, M. Reed, teve morte instantânea, em consequência do acidente que sofreu no automóvel em que viajava. Seu filho, de dez anos de idade, tivera duas vezes seguidas, em sonho, a visão detalhada dessa catástrofe com todos os detalhes. Apesar dos avisos e das súplicas de sua mulher, M. Reed achou que não devia renunciar ao passeio planejado, em que veio a encontrar a morte nas circunstâncias idênticas às percebidas no sonho da criança.

M. Henri de Parville, em seu folhetim científico do *Journal des Débats* (maio de 1904), relata um caso confirmado por sérios testemunhos:

* Voltaire, La Fontaine, Coleridge, Bach, Tartini: os três primeiros escritores, e Bach e Tartini compositores. Todos com experiências mediúnicas na criação de algumas de suas obras (N.E.).

54 - Ver *No invisível*.

55 - *Proceedings*, da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres.



“Uma senhora, cujo marido desaparecera sem deixar traços e cujo paradeiro ela não conseguira descobrir, apesar de todas as suas pesquisas, teve um sonho. Um pequeno cachorro, que vivia há muito tempo na casa, mas que o marido havia levado, aparece-lhe, dá latidos de alegria e faz festa para ela. Deita-se aos seus pés e não tira os olhos dela; depois de alguns momentos, se levanta e começa a arranhar a porta. Fez sua visita e precisa ir embora. Ela lhe abre a porta e, em seu sonho, segue o animal, que se afasta correndo. Corre atrás dele e após algum tempo o vê entrar numa casa cujo andar térreo é ocupado por um café. A rua, a casa e o bairro ficaram gravados em sua memória, que conservou a recordação de tudo depois de acordada. Preocupada com esse sonho, ela o conta a três pessoas da vizinhança, que depois testemunharam a autenticidade dos fatos. Decide, enfim, seguir a pista do cachorro e encontra seu marido na rua e na casa que vira em sonho.”

Encontramos ainda na *Revue de Psychologie de la Suisse Romande (Revista de Psicologia da Suíça)*, 1905, o caso de um rapaz que via muitas vezes a si mesmo, em uma alucinação autoscópica*, precipitado do alto de um rochedo e estendido, ensangüentado e ferido, no fundo de um barranco. Essa premonição fatal se realizou, ponto a ponto, no dia 10 de julho de 1904, no monte “du Salève”, perto de Genebra.

*

À medida que vamos nos elevando na ordem dos fenômenos psíquicos, eles vão se apresentando com maior clareza, vão se determinando e nos trazem provas mais decisivas da independência e sobrevivência do espírito.

As percepções da alma no sono são de duas espécies. Verificamos inicialmente a visão a distância, a clarividência, a lucidez. Em seguida, vem um conjunto de fenômenos designados telepatia e telestesia (sensações e simpatias a distância). Compreende a recepção e a transmissão dos pensamentos, das sensações, dos impulsos motrizes. A esses fatos estão relacionados os casos de desdobramentos e de aparições, conhecidos como fantasmas dos vivos. Desses casos, a psicologia teve de constatar um grande número, sem poder explicá-los⁵⁶. Todos esses fatos ligam-se entre si e formam uma cadeia contínua. Em princípio são, no fundo, apenas um único e mesmo fenômeno, variando de forma e de

* Autoscópica: em que vê a si mesmo (N.E.).

56 - Ver *Proceedings*, da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres.



intensidade, ou seja, o desprendimento gradual da alma. Vamos seguir esse desprendimento em suas diversas fases, desde o despertar dos sentidos psíquicos e de suas manifestações em todos os graus até a projeção a distância do espírito por completo, alma e corpo fluídico.

Examinemos inicialmente o caso em que a visão psíquica se exerce com uma clareza e intensidade notáveis. Citamos alguns em nossas obras anteriores. Aqui, mostramos um mais recente, publicado em toda a imprensa londrina:

“O desaparecimento da senhorita Holland, processo criminal que apaixonou a Inglaterra, foi explicado por meio de um sonho. A polícia procurava inutilmente a vítima. Samuel Douglas, suspeito do crime e que estava para ser solto, afirmava que ela havia partido para um destino desconhecido. Os jornais de Londres haviam publicado desenhos que representavam o jardim e a casa em que morava a senhorita Holland. Uma jovem viu a gravura e gritou: ‘Aí está o meu sonho!’ e indicou um lugar, ao pé de uma árvore, dizendo: ‘Ali há um cadáver!’ O ocorrido foi informado à polícia e, na presença dos agentes, a moça confirmou suas declarações. Ela explicou que havia visto o jardim em sonho, e no chão, no local indicado, um corpo enterrado. A polícia mandou escavar o terreno nesse lugar e descobriu o cadáver da senhorita Holland. Ficou provado que a jovem vidente nunca conhecera essa pessoa nem havia colocado os pés nesse jardim.”

Camille Flammarion*, em sua obra *O desconhecido e os problemas psíquicos*, menciona uma série de visões diretas a distância, no sono, resultante de uma pesquisa feita na França sobre os fenômenos dessa natureza.

Eis um dos casos mais complicados. Os *Annales des Sciences Psychiques*, de Paris, setembro de 1905, contém a relação detalhada e autenticada pelas autoridades legais de Castel di Sangro (Itália) de um sonho macabro, coletivo e verídico:

“O guarda da residência rural do barão Raphaël Corrado, na noite de 3 de março último, viu em sonho seu pai morto há dez anos. Este o censurou, assim como censurou seus irmãos e irmãs, de terem-no esquecido e, o mais grave de tudo, por deixarem os seus pobres ossos, desenterrados pelos coveiros, abandonados sobre a neve, atrás da torre do cemitério, à mercê dos lobos. Uma irmã do guarda teve exatamente o mesmo sonho.

* Camille Flammarion: astrônomo e escritor francês. Amigo de Allan Kardec (N.E.).



O guarda, bastante impressionado, pegou sua espingarda e, apesar da tempestade de neve que cobria a região, dirigiu-se para o cemitério, situado num monte que dominava a cidade. Ali, atrás da torre, entre as silvas e por cima da neve que guardava sinais das patas dos lobos, viu ossos humanos.”

Os *Anais* dão em seguida a narrativa detalhada do inquérito e das pesquisas feitas pelo juiz de paz. Ficou apurado que os ossos eram, de fato, do pai do guarda, exumados pelos coveiros no término do prazo legal, e que iam transportá-los para o ossuário, assim que anoitecesse, porém o frio e a neve os obrigaram a deixar a tarefa para o dia seguinte. Os documentos relativos a esse caso, que foi objeto de um processo, estão assinados pelo tabelião, pelo juiz de paz e pelo síndico da localidade; eles foram publicados pelo *Echo del Sangro*, de 15 de março de 1905.

O professor Newbold, da Universidade da Pensilvânia, relatou nos *Proceedings*, da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, capítulo 12, vários exemplos de sonhos indicando uma grande atividade da alma durante o sono e que trazem ensinamentos do mundo invisível. Entre outros, assinalamos o do doutor Hilprecht, professor de língua assíria da mesma universidade, que num sonho teve a revelação de uma inscrição antiga, que até então não havia decifrado. Num sonho mais complexo, em que intervém um sacerdote dos antigos templos de Nippur, recebeu dele a explicação de um enigma difícil de ser decifrado. Todos os detalhes desse sonho foram reconhecidos como exatos. As indicações do sacerdote esclareciam pontos de arqueologia desconhecidos dos seres que vivem na Terra.

Notemos que em todos esses fatos o corpo de quem sonha está em repouso, seus órgãos físicos estão adormecidos; mas nele o ser psíquico continua em vigília, em atividade; vê, ouve e se comunica sem a ajuda das palavras, com outros seres semelhantes a ele, ou seja, com outras almas.

Esse fenômeno tem um caráter geral e se dá com cada um de nós. Na passagem da vigília ao sono, até mesmo nos momentos em que nossos meios comuns de comunicação com o mundo exterior estão suspensos, abrem-se em nós novas saídas para a natureza e por meio delas escapa uma irradiação mais intensa de nossa visão. Já vimos se revelar nisso uma outra forma de vida, a vida psíquica, que vai amplificar-se nos outros fenômenos dos quais vamos nos ocupar, provando que existe para o ser humano um modo de percepção e de manifestação bem diferente daquele dos sentidos materiais.



Depois dos fenômenos de visão no sono natural, eis um caso de clarividência no sono provocado:

O doutor Maxwell, já citado anteriormente, provocou na senhorita Agullana, pessoa bastante sensível, o sono magnético. Ela se desprende, se exteriorizou, se afastou em espírito de sua morada. O doutor Maxwell mandou-lhe observar, a certa distância, o que estava fazendo um de seus amigos, M.B... Eram 22 horas e 20 minutos. Damos a palavra ao experimentador⁵⁷:

“A médium, para nossa grande surpresa, nos disse que estava vendo M.B... seminu, a passear descalço sobre pedras. Isso pareceu-me não ter nenhum sentido. Entretanto, tive a ocasião de ver meu amigo no dia seguinte. Ele se mostrou bastante espantado com o que lhe contei e me disse textualmente: ‘Ontem à noite, eu não estava bem; um de meus amigos, M.S..., que mora comigo, aconselhou-me que experimentasse o método Kneip e insisti tanto que, para satisfazê-lo, fiz pela primeira vez, ontem mesmo, a experiência de andar com os pés descalços na pedra fria. Eu estava, de fato, meio despido quando fiz esta experiência. Eram 22 horas e 20 minutos e andei durante algum tempo nos degraus da escada, que é de pedra’.”*

Os casos de clarividência no estado sonambúlico são numerosos; são relatados em todas as obras e revistas que se ocupam especialmente desses assuntos. A *Médecine Française (Medicina Francesa)*, de 16 de abril de 1906, relata um fato de clarividência relativo às minas de Courrières. A senhora Berthe, a vidente consultada, descreveu exatamente um desabamento na mina e passou pelas torturas dos sobreviventes, dos quais anunciou a morte ou a libertação.

Acrescentemos dois exemplos recentes:

“Apesar de buscas minuciosas, o senhor Louis Cadiou, diretor da usina de la Grand-Palud, perto de Landerneau (Finistère), tendo desaparecido no final de dezembro de 1913, não conseguiu ser encontrado. Buscas efetuadas na beira do rio Elorn não haviam dado nenhum resultado. Uma vidente, moradora de Nancy, a senhora Camille Hoffmann, tendo sido consultada, declarou, no estado de sono magnético, que o cadáver seria encontrado na orla de um bosque vizinho à usina, encoberto por uma ligeira camada de terra. O irmão da vítima, após essas indicações, descobriu o corpo em uma situação idêntica à que a vidente havia descrito.

57 - J. Maxwell. *Les phénomènes psychiques*. Paris, Ed. F. Alcan, 1903.

* Método Kneip: refere-se a Sebastian Kneip (1821-1897), médico naturalista alemão criador do método de cura por banhos e duchas de água (hidroterapia) (N.E.).



“Todos os jornais, entre eles o Le Matin de 5 de fevereiro de 1914, relataram com detalhes o caso Cadiou, que toda a França acompanhou com apaixonado interesse.”

Após alguns dias, um fenômeno semelhante se produziu. Um jovem empregado do correio, chamado Charles Chapeland, afogou-se na Saône, perto de Mâcon. Diante do ocorrido, seu irmão recorreu à senhora Camille Hoffmann para encontrar o cadáver. Ela assegurou que ele seria lançado pelas águas 60 dias após o acidente, perto da portagem de Cormoranche, o que de fato aconteceu⁵⁸.

58 - Ver *Le Matin* de 23 de fevereiro de 1914.



6

DESPRENDIMENTO E EXTERIORIZAÇÃO. PROJEÇÕES TELEPÁTICAS

Chegamos agora a uma ordem de manifestações que se produzem a distância, sem o auxílio dos órgãos, tanto em vigília quanto durante o sono. Esses fenômenos, conhecidos sob o termo um tanto genérico e vago de “telepatia”, não são, como dissemos, atos doentios da personalidade, como certos observadores têm anunciado, mas, ao contrário, são casos parciais, são o desabrochar da vida superior no seio da humanidade. Devemos ver neles a primeira aparição dos poderes futuros com os quais o homem será dotado.

O exame desses fatos nos levará à prova de que o “eu” exteriorizado durante a vida e o “eu” que sobrevive após a morte são idênticos e representam dois aspectos sucessivos da existência de um único e mesmo ser.

A telepatia ou projeção a distância do pensamento e até mesmo da imagem do manifestante nos faz subir mais um degrau na escala da vida psíquica. Aqui, achamo-nos em presença de um ato poderoso da vontade. A alma comunica a si própria, ao emanar sua vibração: demonstração evidente de que a alma não é um composto, uma resultante nem uma associação de forças, mas é, ao contrário, o centro da vida e da vontade em nós, um centro dinâmico que comanda o organismo e dirige-lhe as funções. As manifestações telepáticas não têm limites. O poder e a independência da alma revelam-se nelas de maneira soberana, porque o corpo não representa nenhum papel no fenômeno, ou melhor, é mais um obstáculo do que uma ajuda. Elas também se produzem, por esse motivo, com uma intensidade ainda maior depois da morte, como veremos a seguir.



“A autoprojeção é o único ato definido que o homem parece capaz de executar tanto antes como depois da morte corporal”, diz F. Myers⁵⁹.

A comunicação telepática a distância foi estabelecida por experiências que se tornaram clássicas. Devemos nos lembrar das do senhor Pierre Janet, professor da Sorbonne, e do doutor Gilbert, do Havre, com o paciente Léonie, trazendo-o até eles, à noite, de um quilômetro de distância, mediante chamamentos sugestivos⁶⁰.

Desde então as experiências foram se multiplicando com sucesso constante. Citemos apenas casos de transmissão de pensamento a grande distância.

O *Daily Express*, de 17 de julho de 1903, relatava notáveis ensaios de permuta de pensamentos que haviam acontecido nos escritórios da *Review of Reviews*, em Norfolk Street, Strand, Londres. Essas experiências foram fiscalizadas por um comitê de seis membros, da qual faziam parte o doutor Wallace, da Harley Street, 39, e o conhecido publicista W. Stead. As mensagens telepáticas foram enviadas pelo senhor Richardson, de Londres, e recebidas pelo senhor Franck, de Nottingham, a uma distância de 110 milhas inglesas*.

Finalmente, o *Banner of Light*, de Boston, de 12 de agosto de 1905, relatava que uma americana, a senhora Burton Johnson, de Des Moines, acabava de obter o recorde nesse gênero de transmissão. Sentada no seu quarto do Hotel Vitória, recebeu quatro vezes mensagens telepáticas de Palo Alto (Califórnia), que fica 3 000 milhas de distância. Tratava-se, dizia o jornal, de fatos devidamente comprovados, rigorosamente fiscalizados e que não deixavam nenhuma dúvida.

A transmissão de pensamentos e de imagens opera-se, como dissemos, tanto no sono quanto na vigília. Já relatamos diversos casos; outros serão encontrados, em grande número, em obras especiais; citemos os exemplos de um médico chamado telepaticamente durante a noite e o de Agnés Paquet, mencionados por F. Myers⁶¹. Acrescentemos o caso da senhora Elgee: ela teve, no Cairo, a visão de um de seus amigos que, naquele mesmo momento, na Inglaterra, pensava muito nela⁶².

59 - Myers. *La personnalité humaine*.

60 - Ver *Bulletin de la Société de Psychologie Psychologique* (Boletim da Sociedade de Psicologia Fisiológica), capítulo 1.

* Milha inglesa: medida de distância, equivalente a 1609 metros (N.E.).

61 - *Phantasms of the living* (Fantasmas da vida), capítulo 1. *Proceedings*, capítulo 7.

62 - *Phantasms of the living*, capítulo 2.

“Nos seus últimos dias de vida, minha mãe me via muitas vezes junto dela, em Tours, embora eu estivesse bem longe dali, em viagem, pelo oriente da França.”

Todos esses fenômenos podem ser explicados pela projeção da vontade do manifestante, que evoca a própria imagem do agente. Nos casos a seguir, veremos a personalidade psíquica, a alma, se afastar totalmente de seu envoltório corporal e aparecer em sua forma de fantasma*. A esse respeito, há muitos testemunhos.

Relatamos em outra obra⁶³ os resultados dos inquéritos da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres. Elas permitiram recolher cerca de mil casos de aparições a distância de pessoas vivas, apoiados por atestados de alto valor. Os testemunhos foram registrados em muitos volumes, sob a forma de autos ou processos. Eles trazem as assinaturas de homens de ciência pertencentes a academias ou a diversos corpos científicos. Entre esses nomes, figuram os de Gladstone, Balfour**, etc.

Atribui-se, a esses fenômenos, geralmente um caráter subjetivo. Mas essa opinião não resiste a um exame atento. Certas aparições foram vistas sucessivamente por diversas pessoas, nos diferentes andares de uma casa; outras impressionaram animais: cães, cavalos, etc. Em certos casos, os fantasmas atuam sobre a matéria, abrem portas, deslocam objetos e deixam indícios no pó que cobre os móveis. Ouvem-se vozes que dão informações sobre fatos ignorados e cuja exatidão foi mais tarde reconhecida.

Lembremos, dentre esses casos, o da senhora Hawkins, cujo fantasma foi visto simultaneamente por quatro pessoas e de maneira idêntica⁶⁴.

Na França, diversos fatos da mesma natureza foram recolhidos e publicados pelos *Annales des Sciences Psychiques*, do doutor Dariex e do professor Charles Richet, e por Camille Flammarion, em sua obra *A morte e o seu mistério*, volumes 1 e 2, 1921.

Citemos um caso relatado pelos grandes jornais de Londres, o *Daily Express*, o *Evening News*, o *Daily News*, de 17 de maio de 1905, o *Umpire*, de 14 de maio, dentre outros. Esses órgãos

* Na verdade, a pessoa se manifestou pelo seu perispirito, que é a substância semimaterial que serve de envoltório ao espírito e liga a alma ao corpo (N.E.).

63 - Ver *Depois da morte*, 3ª parte, e *No invisível*, capítulo 11 (N.E.).

** Gladstone: político inglês de grande destaque. Foi primeiro-ministro.

Balfour: físico inglês (N.E.).

64 - Ver *Phantasms of the living*, 2ª parte.





Aksakof: astrônomo, físico e filósofo russo. Foi espírita militante. Sua obra *Animismo e Espiritismo* é um marco nas investigações espíritas e psíquicas.

narram a aparição, em plena sessão do Parlamento, na Câmara dos Comuns, do fantasma de um deputado, o major Carne Raschse, que naquele momento estava em casa vitimado por uma indisposição. Três outros deputados atestaram a realidade dessa manifestação. Eis como se exprimiu o senhor Gilbert Parker⁶⁵:

“Eu queria participar do debate, mas se esqueceram de me chamar. Quando voltava para o meu lugar, meus olhos se voltaram para o senhor Carne Raschse, sentado perto de seu lugar de costume. Como sabia que ele estivera doente, fiz

um gesto amigável, dizendo-lhe: ‘Espero que fique melhor’. Mas ele não fez nenhum gesto em resposta. Isso me espantou. Meu amigo tinha a fisionomia muito pálida. Ele estava sentado, tranqüilo, com a cabeça apoiada na mão; a expressão do rosto era impassível e dura. Pensei por um instante no que deveria fazer; quando me voltei para o senhor Carne, havia desaparecido. Imediatamente fui à sua procura, esperando encontrá-lo no vestíbulo. Mas Raschse não estava lá; ninguém o tinha visto...

“O próprio senhor Carne não duvidou de ter realmente aparecido na câmara, sob a forma de seu duplo, por estar preocupado em participar da sessão para apoiar o governo com seu voto.”

No *Daily News*, de 17 de maio de 1905, o senhor Arthur Hayter acrescentou seu testemunho ao do senhor Gilbert Parker. Diz que ele não só viu o senhor Carne Raschse, como chamou a atenção do senhor Henry Campbell Bannerman sobre sua presença na câmara.

A exteriorização ou desdobramento do ser humano pode ser provocada pela ação magnética. Foram feitas experiências e, diante delas, não restou nenhuma dúvida: o indivíduo, adormecido, desdobra-se e vai produzir, a distância, atos materiais.

Citamos o caso do magnetizador Lewis⁶⁶. Em outras circunstâncias semelhantes, a aparição foi fotografada. Aksakof cita três desses casos em sua obra *Animismo e espiritismo*^{*}. Outros fatos semelhantes foram observados por W. Stead, diretor do *Boderland*.

Assim, a objetividade da alma, em sua forma fluídica, manifestando-se em pontos afastados de onde o corpo se acha em

65 - *The Umpire* de 14 de maio de 1905. Reprodução feita pelos *Anais das Ciências Psíquicas*, julho de 1905.

66 - *Revue Scientifique du Spiritisme (Revista Científica do Espiritismo)*, fevereiro de 1905.

* *Animismo e Espiritismo*: publicado no Brasil pela Ed. FEB (N.E.).



descanso, está demonstrada de uma maneira positiva e não pode ser sensatamente contestada.

Não obstante, basta consultar a História para reconhecer que o passado está repleto de fatos desse gênero. Os fenômenos de *bilocação dos vivos* são freqüentes nas publicações religiosas. O passado não é menos rico em narrações e testemunhos em relação aos espíritos dos mortos, e essa abundância de afirmações, essa persistência através dos séculos, são bem próprias para indicar que no meio das superstições e dos erros deve existir alguma coisa de realidade.

De fato, a manifestação e a comunicação a distância entre espíritos encarnados conduzem, lógica e necessariamente, à comunicação possível entre espíritos encarnados e desencarnados.

Os habitantes do espaço forneceram inúmeras provas experimentais dessa lei da comunicação universal, na medida fraca e estreita em que ela pode ser verificada rigorosamente na Terra.

Assinalemos, entre outros fatos, a experiência da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, à qual o mundo sábio é devedor de tantas descobertas no domínio psíquico. Ela estabeleceu um sistema de troca de pensamentos entre os Estados Unidos e a Inglaterra simplesmente com a ajuda de dois médiuns em transe. Com a ajuda desses intermediários, uma mensagem foi transmitida de um espírito para outro. Essa mensagem era composta de quatro palavras em latim, língua que nenhum dos médiuns conhecia.

Essa experiência foi observada e controlada pelo professor Hyslop, da Universidade de Colúmbia, em Nova York. Todas as precauções necessárias foram tomadas para evitar as fraudes⁶⁷.

Experiências do mesmo gênero foram realizadas durante o ano de 1913 pela senhora De Watteville, com a ajuda de dois médiuns. Os espíritos Roudolphe, Charles e Emilie ditaram a esses médiuns, uma senhora T..., em Paris, e a outra a senhorita R..., em Vimereux (Pas-de-Calais), diversas mensagens simultâneas e absolutamente idênticas, a 200 quilômetros de distância.

“Essas correspondências cruzadas, diz o doutor Geley⁶⁸, possuem um caráter imprevisto, de espontaneidade e variedade, que exclui a idéia de uma fraude preparada anteriormente. Não estava nem no espírito da senhora de W... nem no espírito dos médiuns obter esses fenômenos.”

67 - Pode-se ler a narração deste fato nos *Proceedings*, da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres.

68 - Geley. *Contribution à l'étude des correspondances croisées (Contribuição ao estudo das correspondências cruzadas)*, 12. Paris, Impr. E. Roussel, 1914.



Quando se estuda, nos seus diversos aspectos, o fenômeno da telepatia, as vistas do conjunto que daí resultam aumentam pouco a pouco e somos levados a reconhecer nele um processo de comunicação de alcance incalculável. Inicialmente, viu-se nesse fenômeno uma simples transmissão quase mecânica de

O senhor W. Crookes, em um discurso na British Association, em 1898, sobre a lei das vibrações, declara que é a lei natural que rege “todas as comunicações psíquicas”. A telepatia parece mesmo se estender aos animais. Existem fatos que indicam uma comunicação telepática entre homens e animais. Ver nos *Anais das Ciências Psíquicas*, agosto de 1905, o estudo muito documentado de M.E. Bozzano, *Perceptions psychiques et animaux (As percepções psíquicas e os animais)*.

de pensamentos e de imagens entre dois cérebros. Mas o fenômeno vai tornar-se evidente nas formas mais variadas e mais impressionantes. Depois dos pensamentos, são as projeções a distância dos fantasmas dos vivos, as dos moribundos e, enfim, sem que nenhuma solução de continuidade interrompa o encadeamento dos fatos, as aparições dos mortos, quando o vidente não tem, na maioria dos casos, nenhum conhecimento do falecimento

das pessoas que aparecem. Há aí uma série contínua de manifestações que se vão graduando nos seus efeitos e concorrem para demonstrar a indestrutibilidade da alma.

A ação telepática não conhece limites. Ela ultrapassa todos os obstáculos e liga os vivos da Terra aos vivos do espaço, o mundo visível aos mundos invisíveis, o homem a Deus; ela os une da maneira mais estreita, mais íntima.

Os meios de transmissão que ela nos revela constituem a base das relações sociais entre os espíritos, seu modo de permutarem as idéias e as sensações. O fenômeno chamado de telepatia na Terra não é outra coisa senão o método de comunicação entre todos os seres pensantes da vida superior, e a prece é uma de suas formas mais poderosas, uma de suas aplicações mais altas e mais puras. A telepatia é a manifestação de uma lei universal e eterna.

Todos os seres, todos os corpos, trocam vibrações. Os astros influenciam através das imensidades siderais; da mesma forma, as almas, que são sistemas de forças e focos de pensamentos, impressionam-se reciprocamente e podem se comunicar a todas as distâncias. A atração estende-se às almas, assim como aos astros; ela os atrai para um centro comum, centro eterno e divino. Uma dupla relação se estabelece: suas aspirações sobem para ele sob a forma de apelos e de preces; o socorro desce sob a forma de graças e de inspirações.

Os grandes poetas, escritores, artistas, os sábios e os puros conhecem esses impulsos, essas inspirações repentinas,



esses clarões de gênio que iluminam o cérebro como relâmpago e parecem vir de um mundo superior, refletem-lhe a grandeza e deslumbrante beleza, ou então são visões da alma; num impulso extático, ela vê esse mundo inacessível se entreabrir, percebe nele as radiações, as essências, as luzes.

Tudo isso nos demonstra que a alma pode ser impressionada por outros meios diferentes dos órgãos, pode recolher conhecimentos que ultrapassam o alcance das coisas terrestres e nascem de uma causa espiritual. É graças a esses clarões, a esses relâmpagos, que ela entrevê na vibração universal o passado e o futuro, que percebe a gênese das formas, formas de arte e de pensamento, de beleza e de santidade, das quais derivam perpetuamente novas formas, em uma variedade inesgotável como a fonte de onde se originam.

Consideremos essas coisas sob um ponto de vista mais imediato; vejamos suas conseqüências no meio terrestre. Desde então, por meio dos fatos telepáticos, acentua-se a evolução humana. O homem conquista novos poderes psíquicos que lhe permitirão, um dia, manifestar seu pensamento a todas as distâncias, sem intermediário material. Esse progresso constitui uma das etapas mais magníficas da humanidade para uma vida mais intensa e mais livre. Ele poderá ser o início da maior revolução moral que se há realizado em nosso globo; por esse modo, de fato, o mal seria vencido ou consideravelmente atenuado. Quando o homem não tiver mais segredos, quando os pensamentos em seu cérebro puderem ser lidos, ele não se atreverá mais a pensar no mal e, por conseguinte, a fazer o mal.

Assim, a alma humana sempre se elevará, subindo a escala dos desenvolvimentos infinitos. Chegará o tempo em que a inteligência predominará cada vez mais, desprendendo-se da crisálida* carnal, estendendo, afirmando seu império sobre a matéria, criando com seus esforços novos e mais amplos meios de percepção e manifestação. Os sentidos, por sua vez, apurados, verão se ampliar seu círculo de ação. O cérebro humano se tornará um templo misterioso, de naves vastas e profundas, cheias de harmonias, vozes, perfumes, instrumento admirável ao serviço de um espírito que se tornou mais sutil e mais poderoso.

Ao mesmo tempo que a personalidade humana – alma e organismo – a pátria terrestre se transformará. Para que o meio

* Crisálida: estado intermediário entre lagarta e borboleta. Nesse contexto, significa a transformação, a libertação do espírito (N.E.).



evolua, é preciso que primeiramente o indivíduo evolua. É o homem quem faz a humanidade, e a humanidade, por sua ação constante, transforma sua morada. Há equilíbrio absoluto e relação íntima entre o moral e o físico. O pensamento e a vontade são as ferramentas por excelência com as quais podemos transformar tudo em nós e ao redor de nós. Tenhamos apenas pensamentos elevados e puros; aspiremos a tudo o que é grande, nobre e belo. Pouco a pouco sentiremos nosso próprio ser se regenerar e, com ele, do mesmo modo, todas as camadas sociais, o globo e a humanidade!

Em nossa ascensão, chegaremos a compreender melhor e a praticar essa comunhão universal que une todos os seres. Inconsciente nos estados inferiores da existência, essa comunhão torna-se cada vez mais consciente à medida que o ser se eleva e percorre os degraus inumeráveis da evolução, para chegar, um dia, ao estado de espiritualidade em que cada alma, irradiando o brilho das potências adquiridas, nos impulsos de seu amor, vive da vida de todos e se sente unida a todos na obra eterna e infinita.





7

MANIFESTAÇÕES DEPOIS DA MORTE

No capítulo anterior, acabamos de seguir o espírito do homem nas suas diferentes fases de desprendimento: sono comum, sono magnético, sonambulismo, transmissão do pensamento, telepatia sob todas as suas formas. Vimos que sua sensibilidade e seus meios de percepção aumentam à medida que os laços que o prendem ao corpo se afrouxam. Vamos vê-lo agora no estado de liberdade absoluta, ou seja, após a morte, manifestando-se física e intelectualmente aos seus amigos da Terra. Nenhuma fronteira separa esses diferentes estados psíquicos. Mesmo que aconteçam durante ou após a vida material, são idênticos em suas causas, em suas leis, em seus efeitos; produzem-se segundo modos constantes.

Há continuidade absoluta e gradação entre todos esses fatos; dessa forma, desaparece a noção do sobrenatural que, por muito tempo, os tornou suspeitos aos olhos da ciência. O antigo adágio: *a natureza não dá saltos*, verifica-se mais uma vez. A morte não é um salto; é a separação e não a extinção dos elementos que constituem o homem terrestre; é a passagem do mundo visível para o invisível, cuja delimitação é puramente arbitrária, em razão simplesmente da imperfeição de nossos sentidos. A vida de cada um de nós no além é o prolongamento natural e lógico da vida atual, o desenvolvimento da parte invisível de nosso ser. Há um encadeamento coerente tanto no domínio psíquico quanto no físico.

Vimos que nas duas ordens de aparições, seja dos vivos exteriorizados, seja dos desencarnados, é sempre a forma fluídica, o veículo da alma, reprodução ou, antes, esboço do corpo físico*

* Veículo da alma, reprodução ou esboço do corpo físico nada mais são do que palavras para designar o perispírito (N.E.).



que se concretiza e se torna perceptível para os sensitivos. A ciência, depois dos trabalhos de Becquerel, Curie, Le Bon, etc. familiariza-se dia após dia com esses estados sutis e invisíveis da matéria, com esses fluidos utilizados pelos espíritos em suas manifestações, os quais os espíritas conhecem bem. Graças às recentes descobertas, a ciência entrou em contato com um mundo de elementos, de forças, de potências insuspeitáveis e com a possibilidade de formas de existência durante muito tempo ignoradas.

Os sábios que estudaram o fenômeno espírita: William Crookes, Wallace, Dale Owen, Aksakof, O. Lodge, Paul Gibier, F. Myers, etc. constataram inúmeros casos de aparições de espíritos. O espírito de Katie King, que se materializou durante três anos na casa do senhor Crookes, membro da Real Academia Britânica, foi fotografado em 26 de março de 1874 na presença de um grupo de experimentadores⁶⁹.

O mesmo aconteceu com os espíritos de Abdullah e de John King, fotografados por Aksakof. O acadêmico Wallace e o doutor Thompson obtiveram a fotografia do espírito de sua mãe, falecida havia muitos anos⁷⁰.

Myers fala de 231 casos de aparições de espíritos de pessoas mortas. Cita alguns tirados dos *Phantasms*⁷¹. Assinalemos, entre eles, uma aparição anunciando uma morte que aconteceria em breve⁷²:

“Um caixeiro-viajante, homem bastante positivo, teve numa manhã a visão de uma de suas irmãs, que havia falecido havia nove anos. Quando contou o fato à família, foi ouvido com incredulidade e ceticismo. Porém, ao descrever sua visão, mencionou a existência de um arranhão na face da irmã. Esse detalhe espantou de tal modo sua mãe, que ela caiu desmaiada. Depois que voltou a si, contou que havia sido ela que, sem querer, havia feito esse arranhão no rosto da filha no momento em que a colocara no caixão e que, em seguida, para o disfarçar, tinha coberto com pó, de tal modo que ninguém no mundo sabia desse detalhe. O sinal que seu filho havia percebido era uma prova da veracidade

69 - Ver W. Crookes. *Recherches sur les phénomènes du spiritualisme* (Pesquisas sobre os fenômenos do espiritualismo).

70 - Aksakof. *Animismo e Espiritismo*.

71 - F. Myers. *La personnalité humaine*.

72 - Idem.



de sua visão, e ela viu nisso ao mesmo tempo o anúncio de sua morte que, de fato, aconteceu algumas semanas depois⁷³.”

Devem ser citados igualmente os seguintes casos:

O de um jovem que se havia comprometido, se morresse primeiro, a aparecer para uma donzela sem assustá-la. Ele de fato apareceu, um ano depois, para a irmã dessa pessoa, no momento em que ia subir numa carruagem⁷⁴; o caso da senhora de Fréville, que gostava muito, enquanto era viva, de freqüentar o cemitério e de orar no túmulo de seu marido. Ela foi vista, sete ou oito horas após seu falecimento, por um jardineiro que por ali passava⁷⁵. Depois, o caso de um pai de família, que morreu durante uma viagem e apareceu para sua filha com roupas desconhecidas com as quais, depois de morto, havia sido vestido por estranhos, e lhe falou de uma quantia de dinheiro que ela ignorava que ele havia guardado. Esses dois casos foram de fato constatados mais tarde⁷⁶; enfim, o caso de Robert Mackenzie. Quando seu patrão ainda ignorava sua morte, ele lhe apareceu para se desculpar de uma acusação de suicídio que lhe pesava na consciência. Essa acusação foi constatada depois como falsa, porque sua morte tinha sido acidental⁷⁷.

No congresso espiritualista realizado em 1900 em Paris, na sessão de 23 de setembro, o doutor Bayol, senador das Bocas do Ródano, ex-governador de Dahomey, expunha verbalmente os fenômenos de aparições dos quais foi testemunha em Arles e em Eyguières. O fantasma de Acella, donzela romana cujo túmulo está em Arles, no antigo cemitério de Aliscamps, materializou-se a ponto de deixar gravado o rosto na parafina fervente, não em entalhe, como geralmente são produzidas as moldagens, mas em relevo, o que seria impossível para qualquer ser vivo. Essas experiências, cercadas de todas as precauções necessárias, haviam acontecido na presença de pessoas tais como o prefeito das Bocas do Ródano, o poeta Mistral, um general de divisão, além de médicos, advogados, etc.⁷⁸

73 - É necessário lembrar que o espírito quis aparecer com esse “arranhão” somente para dar uma prova de sua identidade. Acontece o mesmo em muitos casos em que os espíritos se mostram com roupas ou atributos que constituíam outros tantos elementos de convicção para os assistentes.

74 - *Proceedings*, capítulo 10.

75 - *Phantasms*, capítulo 1.

76 - *Proceedings*, capítulo 10.

77 - *Proceedings*, capítulo 2.

78 - Ver *Compte rendu du Congrès Spiritualiste International (Relatório do Congresso Espiritualista Internacional) de 1900*, Leymarie Ed.



Numa ata datada de 11 de fevereiro de 1904 e publicada pela *Revue des Études Psychiques* (*Revista de Estudos Psíquicos*), de Paris⁷⁹, o professor Milèsi, da Universidade de Roma, “um dos médicos mais estimados da nova escola de psicologia italiana”, conhecido na França por suas conferências na Sorbonne sobre a obra de Auguste Comte, deu um testemunho público da realidade das materializações dos espíritos, entre outros o de sua própria irmã, falecida em Cremona havia três anos. Eis um resumo dessa ata:

“O que houve de mais maravilhoso nessa sessão foram as aparições, de natureza luminosa, uma vez que se produziram na penumbra; foram em número de nove; todos os assistentes puderam vê-las... As três primeiras foram as que reproduziram as feições da irmã do professor Milèsi, falecida havia três anos, em Cremona, no convento das Filhas do Sacré-Coeur, com 32 anos de idade. Ela apareceu, sorrindo, com o esquisito sorriso que lhe era habitual.”

Em seu livro *A morte e o seu mistério*, Camille Flammarion relata a aparição simultânea em Toulon do almirante Peyron para dois oficiais que o haviam conhecido e que ainda ignoravam sua morte; um deles capitão de fragata e o outro mecânico comandante da marinha; faziam parte do Estado-Maior do almirante quando ele comandava a esquadra de evolução no Mediterrâneo. Os dois, em pontos afastados, viram a aparição, e os detalhes de suas visões coincidiam totalmente.

No grupo de estudos que por muito tempo dirigi em Tours, os médiuns descreviam aparições de desencarnados visíveis apenas para eles, é bem verdade, mas que jamais haviam conhecido, de quem nunca tinham visto nenhum retrato, ouvido nenhuma descrição, e que os assistentes reconheciam pelas suas indicações.

Às vezes os espíritos se materializam a ponto de poderem escrever, na presença de todos e sob seus olhos, numerosas mensagens que ficam como outras tantas provas de sua passagem. Foi o que aconteceu com a esposa do banqueiro Livermore, que reconheceu a letra como idêntica àquela que ele possuía durante sua existência terrestre⁸⁰.

Na maioria das vezes, os espíritos incorporam em médiuns adormecidos, falam, escrevem, gesticulam, conversam com os assistentes e fornecem provas concretas de sua identidade.

79 - Edição de março de 1904.

80 - Ver Aksakof. *Animismo e Espiritismo*.

Nesses fenômenos, o médium fica momentaneamente alheio ao seu corpo; a substituição da personalidade é completa. A linguagem, a atitude, a letra e o jogo de fisionomia são os de um espírito estranho ao organismo de que dispõe por alguns instantes.

Os fatos de incorporação da senhora Piper, minuciosamente observados e controlados pelo doutor Hodgson, os professores Hyslop, W. James, Newbold, O. Lodge e F. Myers, constituem o complexo de provas mais poderoso em favor da sobrevivência⁸¹. A personalidade (o espírito) de G. Pelham revelou-se, após sua morte, para seus próprios parentes, para seu pai, sua mãe, assim como para seus amigos de infância, mais de 30 vezes, a tal ponto de não deixá-los com nenhuma dúvida em relação à causa dessas manifestações.

O mesmo aconteceu no caso do professor Hyslop que, tendo feito ao espírito de seu pai 205 perguntas sobre assuntos que lhe eram ignorados, obteve 152 respostas absolutamente exatas, 16 inexatas e 37 duvidosas, por não poderem ser verificadas. Essas verificações foram feitas no decurso de diversas viagens efetuadas pelos Estados Unidos, para chegar a reconhecer detalhadamente a história da família Hyslop, antes do nascimento do professor, história a que essas perguntas se referiam.

Os *Anais das Ciências Psíquicas*, de Paris, junho de 1907, lembram o seguinte fato, que igualmente se produziu nos Estados Unidos no ano de 1860:

“O importante juiz Edmonds, presidente da Suprema Corte de Justiça do Estado de Nova York, vice-presidente do Senado dos Estados Unidos, tinha uma filha, Laura, na qual se manifestou uma mediunidade de fenômenos espontâneos que se produziam em volta dela e que não tardaram a despertar sua curiosidade, de tal maneira que começou a freqüentar as sessões espíritas. Foi então que ela se tornou ‘médium falante’. Quando uma outra personalidade se manifestava nela, Laura falava às vezes diferentes línguas que ignorava.

“Numa noite, quando umas 12 pessoas estavam reunidas na casa do senhor Edmonds, em Nova York, o senhor Green, artista nova-iorquino, veio acompanhado por um amigo que ele apresentou sob o nome de senhor Evangelides, da Grécia. Logo se manifestou um espírito pela senhorita Laura, que dirigiu a palavra ao visitante em inglês e lhe comunicou um grande número de

81 - Ver o caso da senhora Piper, *Proceedings*, capítulos 13, 284 e 592; e capítulos 14, 6 e 49, resumidos na minha obra *No invisível*, capítulo 19.



fatos que tendiam a provar que ele era um amigo falecido havia muitos anos, em sua casa, mas que nenhum dos assistentes sabia de sua existência. Em algumas partes da comunicação a moça pronunciava palavras e frases inteiras em grego, o que permitiu ao senhor Evangelides perguntar se podia falar em grego. De fato ele falava inglês com dificuldade. A conversação continuou em grego, da parte de Evangelides, e alternadamente em grego e em inglês, da parte da senhorita Laura. Por alguns momentos, Evangelides parecia bastante emocionado. No dia seguinte, retomou sua conversação com a senhorita Laura; depois, explicou aos assistentes que o espírito que se manifestava pela médium era o de um de seus amigos íntimos, falecido na Grécia, irmão do patriota grego Marc Bótzaris; esse amigo informava-o da morte de um de seus filhos, que também se chamava Evangelides, que ficara na Grécia e estava em perfeita saúde no momento em que seu pai partira para os Estados Unidos.

“Evangelides encontrou-se com o senhor Edmonds ainda diversas vezes, e, dez dias após sua primeira visita, informou que acabava de receber uma carta noticiando a morte de seu filho. Essa carta devia estar a caminho no momento em que se realizou a primeira conversa do senhor Evangelides com a senhorita Laura.

“Gostaria muito – disse o juiz Edmonds a respeito do fenômeno – que me dissessem como devo encarar este fato. Negá-lo é impossível, pois é evidente demais. Eu também poderia negar que o sol nos ilumina.’ Isso se passou na presença de dez pessoas, todas instruídas, inteligentes, discretas e também todas capazes de fazerem a distinção entre uma ilusão e um fato real⁸².”

O senhor Edmonds nos diz que Laura, sua filha, até então nunca tinha ouvido uma palavra em grego, e acrescenta que em outras ocasiões chegou a falar até 13 línguas diferentes, entre as quais o polonês e o indiano, quando, em seu estado normal, só conhecia o inglês e o francês, este último aprendido na escola. É preciso notar que o senhor J.W. Edmonds não era uma personalidade qualquer. Nunca ninguém pôs em dúvida a perfeita integridade de seu caráter, e suas obras provam sua luminosa inteligência.

82 - Ver a esse respeito a carta do importante juiz Edmonds ao doutor Gully, publicada em Londres na *Spiritual Magazine* (Revista Espirita) de 1871. Reproduzido pela *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme* (Revista Científica e Moral do Espiritismo) de 1920.



Relataremos ainda um fenômeno de comunicação durante o sono, obtido pelo senhor Chedo Mijatovitch, ministro plenipotenciário* da Sérvia, em Londres, e reproduzido pelos *Annales des Sciences Psychiques* de 1º a 16 de janeiro de 1910.

A pedido de espíritos húngaros para que se colocasse em comunicação com um médium, a fim de elucidar um ponto da História relativo a um antigo soberano sérvio, morto em 1350, dirigiu-se à casa do senhor Vango, de quem muito se falava naquela época e a quem nunca tinha visto antes. Adormecido, o médium anunciou a presença do espírito de um jovem rapaz, bastante desejoso por se fazer ouvir, mas cuja linguagem não se compreendia. Entretanto, acabou reproduzindo algumas palavras.

Elas eram do idioma sérvio. Eis a tradução: “*Peço-te escrever à minha mãe Nathalie, dizendo-lhe que imploro seu perdão*”. O espírito era o do rei Alexandre. O senhor Chedo Mijatovitch não duvidou, sendo que novas provas de identidade se acrescentaram à primeira: o médium fez a descrição do morto, e este se lamentou por não ter seguido um conselho confidencial que o diplomata, seu conselheiro, lhe havia dado, dois anos antes de ser assassinado.

Na França, entre um grande número de casos, assinalaremos o do abade** Grimaud, diretor do asilo dos surdos-mudos de Vaucluse. Por meio da mediunidade da senhora Gallas, adormecida, ele recebeu do espírito Forcade, falecido havia dez anos, uma mensagem que pôde ser decifrada pelo movimento silencioso dos lábios, de acordo com um método especial para surdos-mudos que esse espírito havia inventado e comunicado ao abade Grimaud. Entre os assistentes, esse venerável religioso era o único que podia conhecê-lo. Não faz muito tempo que publicamos a ata dessa notável sessão, a qual contém a assinatura de doze testemunhas e o atestado do abade Grimaud⁸³.

O senhor Maxwell, procurador-geral do Tribunal de Apelação de Bordéus e doutor em medicina, em sua obra *Les phénomènes psychiques*⁸⁴, na qual estuda o fenômeno das incorporações que observou na casa da senhora Agullana, esposa de um estucador, assim se exprimiu:

* Plenipotenciário: enviado de um governo ou de um soberano, que tem plenos poderes para celebrar negociações com outro governo ou soberano (N.E.).

** Abade: superior de ordem religiosa (N.E.).

83 - Ver *No invisível*, capítulo 19.

84 - *Phénomènes psychiques*.



“A personalidade mais curiosa é a de um médico falecido há cem anos. Sua linguagem médica é arcaica. Ele dá às plantas seus nomes medicinais antigos. Seu diagnóstico é geralmente exato, mas a descrição dos fenômenos internos que ele percebe causaria bastante admiração a um médico do século 20... Há dez anos que observo meu colega do além-túmulo. Ele não tem variado e apresenta uma continuidade lógica surpreendente.”

Eu mesmo observei freqüentemente esse fenômeno; pude conversar, como em outra parte expus⁸⁵, por intermédio de diversos médiuns, com inúmeros parentes e amigos falecidos, obter por meio deles indicações que esses médiuns não conheciam e que, para mim, constituíam outras tantas provas de identidade.

Se levarmos em conta as dificuldades que comporta a comunicação de um espírito a ouvintes humanos, por meio de um organismo e, particularmente, de um cérebro que ele não harmonizou, amoldado por uma longa experiência de vida, e se considerarmos que, em razão da diferença dos planos de existência, não se podem exigir de um desencarnado todas as provas que pediríamos a uma pessoa na sua existência física, é preciso reconhecer que o fenômeno das incorporações é um dos que mais concorre para demonstrar a espiritualidade do ser e o princípio da sobrevivência.

Não se trata mais, nesses fatos, de uma simples influência a distância. É um impulso a que o indivíduo não pode resistir e que, na maioria da vezes, se transforma em tomada de posse de todo o organismo. Esse fenômeno é semelhante ao que constatamos no caso de segunda personalidade, quando o “eu” profundo substitui o “eu” normal e assume a direção do corpo físico com finalidade de verificação e regeneração. Porém, aqui é um espírito estranho que desempenha esse papel e se comunica por meio do médium adormecido.

A palavra possessão ou posse, de que acabamos de nos servir, foi muitas vezes tomada em sentido lamentável. Antigamente, atribuía-se aos fatos que ela designa um caráter diabólico e terrível. Porém, como muito bem disse F. Myers⁸⁶: *“O diabo não é uma criatura reconhecida pela ciência. Nesses fenômenos, achamo-nos somente em presença de espíritos que foram antigamente pessoas semelhantes a nós e que hoje são animados pelos mesmos motivos que nos inspiram”*.

85 - *No invisível*. Ver também *Cristianismo e Espiritismo*.

86 - F. Myers. *La personnalité humaine*.

A esse propósito, F. Myers levanta uma questão: a possessão é, algumas vezes, absoluta? E ele responde nesses termos: *“A teoria diz que nenhuma das correntes conhecidas da personalidade humana esgota toda a sua consciência e que nenhuma de suas manifestações conhecidas exprime toda a potencialidade de seu ser, e isso pode igualmente se aplicar aos desencarnados”⁸⁷*.

Chegaríamos então ao ponto central da vida humana, à mola secreta, à ação íntima e misteriosa do espírito sobre um cérebro, quer sobre o dele próprio, quer, nos casos de que nos ocupamos, sobre um cérebro estranho. Considerada sob este aspecto, a questão toma uma importância capital em psicologia. F. Myers acrescenta⁸⁸:

“Por meio desses estudos, as comunicações irão se tornar cada vez mais fáceis, completas, coerentes e atingirão um patamar mais elevado de consciência unitária. As dificuldades devem ter sido grandes e numerosas; mas não poderia ser de outro modo quando se trata de reconciliar o espírito com a matéria e de abrir ao homem, do planeta onde está aprisionado, uma fresta para o mundo espiritual.”

Vê-se que, graças a experiências, a observações, a testemunhos mil vezes repetidos, a existência e a sobrevivência da alma saem, de hoje em diante, do domínio da hipótese ou do simples conceito metafísico para tornar-se uma realidade viva, um fato rigorosamente estabelecido. O sobrenatural venceu; o milagre é apenas uma palavra. Todos os terrores, todas as superstições que sugeriam aos homens a idéia da morte desapareceram. Nossa concepção de vida universal e da obra divina se fortifica, assim como nossa confiança no futuro. Vemos, sob as formas alternadas de existência carnal e fluídica, o progresso do ser, o desenvolvimento da personalidade prosseguindo, e uma lei suprema presidindo à evolução das almas através do tempo e do espaço.

87 - Myers. *La personnalité humaine*.

88 - *La personnalité humaine*.





8

ESTADOS VIBRATÓRIOS DA ALMA. A MEMÓRIA

A vida é uma vibração imensa que enche o universo e cujo foco está em Deus. Cada alma, centelha destacada do foco divino, torna-se, por sua vez, um foco de vibrações que irão variar, aumentar de amplitude e de intensidade de acordo com o grau de elevação do ser. Esse fato pode ser verificado experimentalmente⁸⁹.

Toda alma tem, portanto, sua vibração particular e diferente, seu movimento próprio, seu ritmo e a representação exata de seu poder dinâmico, de seu valor intelectual, de sua elevação moral.

Toda a beleza, toda a grandeza do universo vivo se resumem na lei das vibrações harmônicas. As almas que vibram uníssonas reconhecem-se e chamam-se através do espaço; daí as atrações, as simpatias, a amizade, o amor! Os artistas, os sensitivos, os seres delicadamente harmonizados conhecem essa lei e sentem seus efeitos. A alma superior é uma vibração na posse de todas as suas harmonias.

A entidade psíquica penetra com suas vibrações todo o seu organismo fluídico, o perispírito, que é sua forma e sua imagem, a reprodução exata de sua harmonia pessoal e de sua luz. Mas chega a encarnação e essas vibrações irão reduzir-se, amortecer-se sob o invólucro carnal. O foco interior poderá projetar apenas uma radiação enfraquecida e não contínua. Entretanto, no sono, no sonambulismo, no êxtase, desde que seja aberta para a alma uma saída do envoltório de matéria, o corpo físico, que a

89 - Os doutores Baraduc e Joire construíram aparelhos registradores permitindo medir a força radiante que escapa de cada pessoa e varia segundo o estado psíquico do sujeito. Eu mesmo, muitas vezes, fiz a experiência com a ajuda de placas fotográficas. Essas, na revelação, reproduzem as radiações que se desprendem da extremidade dos dedos sob a forma de espirais ou de correntes de intensidade variável, seguindo a elevação do pensamento e a ação da vontade.



oprime e priva, restabelece a corrente vibratória e o foco retoma toda a sua atividade. O espírito novamente se encontra em seus estados anteriores de poder e liberdade. Tudo o que nele estava adormecido acorda; suas inúmeras vidas se reconstituem, não apenas com os tesouros de seu pensamento, recordações e aquisições, mas também com todas as sensações, alegrias e dores registradas em seu corpo fluídico. Essa é a razão pela qual a alma, no transe, vibrando as recordações do passado, afirma suas existências anteriores e reata a cadeia misteriosa de suas transmigrações.

Os menores detalhes de nossa vida registram-se em nós e deixam traços perpétuos. Pensamentos, desejos, paixões, atos bons ou maus, tudo fica fixado, tudo fica gravado em nós. Durante o curso normal da vida, essas lembranças se acumulam em camadas sucessivas, e as mais recentes acabam por apagar, pelo menos aparentemente, as mais antigas. Parece que esquecemos aqueles mil detalhes de nossa existência dissipada. Entretanto, basta, nas experiências hipnóticas, evocar os tempos passados e levar de novo o indivíduo, pela vontade, a uma época anterior de sua vida, na mocidade ou no estado de infância, para que essas recordações reapareçam em massa. O indivíduo revive seu passado, não apenas com o estado de alma e a associação de idéias que ele tinha nessa época – idéias às vezes bem diferentes daquelas que professa atualmente –, com seus gostos, hábitos e linguagem, mas também reconstituindo automaticamente toda a série de fenômenos físicos contemporâneos daquela época. Isso nos leva a reconhecer que há uma correspondência íntima entre a individualidade psíquica e o estado orgânico.

Cada estado mental é associado a um estado fisiológico; a evocação de um, na memória dos indivíduos, traz imediatamente a reparação do outro⁹⁰.

90 - Esta lei é conhecida na psicologia sob o nome de paralelismo psicofísico. Wundt, em *Leçons sur l'âme (Lições sobre a alma)* 2ª edição. Leipzig, 1892, já dizia: "A cada fato psíquico corresponde um fato físico qualquer".

As experiências dos próprios materialistas fazem sobressair a evidência dessa lei. É assim, por exemplo, que M. Pierre Janet, quando fez sua paciente Rosa regredir dois anos no curso de sua vida, viu se reproduzirem nela todos os sintomas do estado de gravidez no qual se encontrava naquela época. (P. Janet, professor de psicologia em Sorbonne, *L'automatisme psychologique – O automatismo psicológico*.)

Ver também os casos assinalados pelos doutores Bourru e Burot. *Les Changements de la personnalité*, pelo doutor Sollier. *Des hallucinations autoscopiques – Bulletin de l'Institut Psychique*, 1902 (*Alucinações autoscópicas – Boletim do Instituto Psíquico*) e os relatos pelo doutor Pitre, decano da Faculdade de Medicina de Bourdeaux, em seu livro *Le somnambulisme et l'hystérie (O sonambulismo e a histeria)*.





Gabriel Delanne: engenheiro e pesquisador da Metapsíquica de Charles Richet, de quem foi amigo e colaborador. Deixou várias obras espíritas de valor sobre a mediunidade, materializações, etc.

Dadas as flutuações constantes e a renovação integral do corpo físico em alguns anos, esse fenômeno seria incompreensível sem o papel do perispírito, que guarda, gravadas em sua substância, todas as impressões das vidas remotas. É ele que fornece à alma a soma total de seus estados conscientes, até mesmo após a destruição da memória cerebral. Os espíritos demonstram isso nas suas comunicações, pois eles conservaram no além as menores recordações de sua existência terrestre.

Esse registro automático parece efetuar-se sob a forma de agrupamentos ou de zonas, dentro de nós, que correspondem a outros tantos períodos de nossa vida, de maneira que, se a vontade – por meio da auto-sugestão ou da sugestão induzida, o que é a mesma coisa, uma vez que, como vimos, a sugestão, para ser eficaz, deve ser aceita pelo indivíduo e se transformar em auto-sugestão –, se a vontade, dizemos, faz reviver uma recordação pertencente a um período qualquer de nosso passado, todos os fatos de consciência que estão ligados a esse mesmo período imediatamente se desenrolam em um encadeamento metódico. O senhor Delanne comparou esses estados vibratórios com as camadas concêntricas observadas no tronco cortado de uma árvore, as quais lhe permitem calcular o número de anos.

Isso tornaria compreensíveis as variações da personalidade de que falamos. Para observadores superficiais, esses fenômenos se explicam pela dissociação da consciência; estudados de perto e analisados, representam, pelo contrário, aspectos de uma consciência única, correspondendo a outras tantas fases de uma mesma existência. Esses aspectos revelam-se desde que o sono seja bastante profundo e que o desprendimento perispiritual seja suficiente, e quando constatamos as mudanças de personalidade é porque os estados transitórios, intermediários, não são suficientes ou se apagam.

O desprendimento, como dissemos anteriormente, é facilitado pela ação magnética. Os passes feitos em um sensitivo o relaxam pouco a pouco e desatam os laços que une o espírito ao corpo. A alma e sua forma ativada saem do domínio da matéria, e essa saída constitui o fenômeno do sono. Quanto mais profunda é a hipnose, mais a alma se desprende, afasta-se e recupera a plenitude de suas vibrações. A vida ativa se concentra no perispírito, enquanto a vida física está suspensa.



A sugestão também aumenta o ritmo vibratório da alma. Cada idéia contém o que os psicólogos chamam de tendência para a ação, e essa tendência se transforma em ato por meio da sugestão. Esta, de fato, é apenas um modo da vontade. Levada à sua mais alta intensidade, ela se torna uma força motriz*, uma alavanca que levanta e põe em movimento os poderes vitais adormecidos, os sentidos psíquicos e as faculdades transcendentais.

Vemos então se produzirem os fenômenos da clarividência, da lucidez, do despertar da memória. Para que essas manifestações se tornem possíveis, o perispírito deve ser previamente impressionado por um abalo vibratório determinado pela sugestão. Esse abalo, ao acelerar o movimento rítmico, tem por efeito restabelecer a relação entre a consciência cerebral e a consciência profunda, relação que está interrompida no estado normal, durante a vida física. Então as imagens, as recordações armazenadas no perispírito podem reanimar-se e tornar-se novamente conscientes. Porém, ao despertar, a relação cessa, o véu cai, as recordações distantes se apagam pouco a pouco e entram na penumbra.

A sugestão é o processo que se deve empregar, de preferência, nessas experiências. Para reconduzir os indivíduos a uma determinada época de seu passado, eles são adormecidos com a ajuda de passes longitudinais**, praticados de cima para baixo, e depois lhe é sugerido que têm tal ou qual idade. Assim, são levados a remontar a todos os períodos de sua existência; podem ser obtidas reproduções de sua letra, que variam de acordo com as épocas, e sempre estão de acordo quando se trata das mesmas épocas, evocadas no decorrer de diferentes sessões. Por meio de passes transversais***, faz-se com que voltem ao ponto atual, passando de novo pelas mesmas fases.

Pode-se ainda – e nós temos feito dessa maneira – designar ao indivíduo uma data precisa de seu passado, ainda o mais afastado, e fazer com que renasça lá. Se o indivíduo for muito sensível, vê-se então se desenrolarem cenas de um interesse cativante, com detalhes sobre o meio evocado e as personagens que nele vivem, detalhes que são às vezes sujeitos à verificação. “*Tem-se comprovado*, diz o Coronel de Rochas, *que as recordações assim avivadas eram exatas e que os indivíduos tomavam sucessivamente as personalidades correspondentes à sua idade*”⁹¹.

* Motriz: força que dá movimento (N.E.).

** Longitudinal: no sentido do comprimento (N.E.).

*** Transversal: de viés, que passa de atravessado (N.E.).

91 - *Anais das Ciências Psíquicas*, julho de 1905. E também a obra do coronel De Rochas *Les vies successives (As vidas sucessivas)*, Ed. Chacornac, 1911.



Devemos insistir ainda sobre esses fenômenos, cuja análise projeta uma luz viva sobre o mistério do ser. Todos os aspectos variados da memória, a extinção das recordações na vida normal, o seu despertar no transe e na exteriorização, tudo se explica pela diferença dos movimentos vibratórios que ligam a alma e seu corpo psíquico ao cérebro material. A cada mudança de estado as vibrações variam de intensidade, tornando-se mais rápidas à medida que a alma se afasta do corpo. As sensações percebidas no estado normal são registradas com um mínimo de força e de duração; mas a memória total subsiste no fundo do ser. Por pouco que os laços materiais se afrouxem e a alma seja restituída a si mesma, ela encontra, com seu estado vibratório superior, a consciência de todos os aspectos de sua vida, de todas as formas físicas ou psíquicas de sua existência integral. É, como vimos, o que se pode constatar e reproduzir artificialmente no estado hipnótico. A fim de nos orientarmos bem no labirinto desses fenômenos, não podemos esquecer de que esse estado comporta inúmeros degraus. A cada um desses degraus está ligada uma das formas da consciência e da memória; o sono mais profundo faz surgir a memória mais extensa. Esta se restringe cada vez mais à medida que a alma reintegra seu envoltório. A memória mais restrita, a mais pobre, corresponde ao estado de vigília ou de acordado.

O fenômeno da reconstituição artificial do passado nos faz compreender o que se passa depois da morte, quando a alma, livre de seu corpo físico, encontra-se em presença de sua memória ampliada, memória-consciência, memória implacável que conserva a impressão de todas as suas faltas e torna-se seu juiz e, às vezes, seu algoz.

Mas, ao mesmo tempo, o “eu”, fragmentado em camadas distintas durante a vida aqui da Terra, reconstitui-se em sua síntese superior e sua magnífica unidade. Toda a experiência adquirida no decorrer dos séculos, todas as riquezas espirituais, frutos da evolução, muitas vezes isoladas ou, pelo menos, amortecidas, diminuídas nessa existência, reaparecem em seu brilho e frescura, para servir de base a novas aquisições. Nada está perdido. As camadas profundas do ser, se contam os desfalecimentos e as quedas, igualmente proclamam os lentos, os penosos esforços acumulados no decorrer das idades para edificar essa personalidade, que sempre irá crescer, sempre mais rica e mais bela, na feliz expansão de suas faculdades adquiridas, de suas qualidades, de suas virtudes.





9

EVOLUÇÃO E FINALIDADE DA ALMA

A alma, como dissemos, vem de Deus; é em nós o princípio da inteligência e da vida. Essência misteriosa, escapa à análise, como tudo que se origina do Absoluto. Criada pelo amor, criada para amar, tão diminuta que pode ser aprisionada em uma forma limitada e frágil, tão grande que, com um impulso de seu pensamento, abrange o infinito, a alma é uma parcela da essência divina projetada no mundo material.

Desde a hora em que caiu na matéria, qual caminho seguiu para voltar até o ponto atual de sua carreira?

Precisou passar por vias escuras, revestir formas, animar organismos que deixava ao sair de cada existência, como se faz com uma roupa que não serve mais. Todos esses corpos de carne morreram. O sopro do destino dispersou-lhe as cinzas, mas a alma persiste e permanece em sua eternidade; ela persegue sua marcha evolutiva, percorre as inúmeras estações de sua viagem e vai rumo a um objetivo grande e desejável, um objetivo divino, que é a perfeição.

A alma contém, no estado virtual*, o princípio de todos os seus desenvolvimentos futuros. Está destinada a tudo conhecer, a tudo conquistar e a tudo possuir. E como ela poderia conseguir tudo isso numa única existência? A vida é curta, e a perfeição está longe! Poderia a alma, em uma vida única, desenvolver seu entendimento, esclarecer sua razão, fortificar sua consciência, assimilar todos os elementos da sabedoria, da santidade, do gênio? Não! Para realizar esses objetivos, é preciso percorrer, no tempo e no espaço, um campo sem limites. É passando por inúmeras transformações, após milhares de séculos, que o

* Virtual: nesse caso, que existe como faculdade; porém, não é exercido na existência atual (N.E.).



mineral grosseiro se transforma em um diamante puro, brilhando mil cintilações. O mesmo acontece com a alma humana.

O objetivo da evolução, a razão de ser da vida, não é a felicidade terrestre – como muitos acreditam erroneamente –, mas o aperfeiçoamento de cada um de nós, e esse aperfeiçoamento devemos realizá-lo por meio do trabalho, do esforço, de todas as alternativas da alegria e da dor, até que estejamos inteiramente desenvolvidos e elevados ao estado celeste. Se há na Terra menos alegria do que sofrimento, é que este é o instrumento, por excelência, da educação e do progresso, um estimulante para o ser, que sem ele permaneceria retardado nos caminhos da sensualidade. A dor física e moral forma nossa experiência. A sabedoria é o prêmio.

Pouco a pouco a alma se eleva e, à medida que vai evoluindo, nela fica acumulada uma soma sempre crescente de sabedoria e de virtude; ela se sente mais estreitamente ligada aos seus semelhantes; comunica-se mais intimamente com seu meio social e planetário. Elevando-se cada vez mais, logo se liga, por traços poderosos, às sociedades do espaço, e depois ao Ser Universal.

Assim, a vida do ser consciente é uma vida de solidariedade e de liberdade. Livre dentro dos limites que as leis eternas determinam, ele se torna o arquiteto de seu destino. Seu adiantamento é sua obra. Nenhuma fatalidade o oprime, a não ser a de seus próprios atos, cujas conseqüências nele recaem. Mas só pode desenvolver-se e crescer na vida coletiva com a cooperação de cada um e em proveito de todos. Quanto mais sobe, mais se sente viver e sofrer em todos e por todos. Em sua necessidade de elevação própria, atrai para si, para fazê-los chegar ao estado espiritual, todos os seres humanos que povoam os mundos onde viveram. Quer fazer por eles o que por ele fizeram os seus irmãos mais velhos, os grandes espíritos que o guiaram na sua marcha.

A lei de justiça requer, por sua vez, que todas as almas sejam emancipadas, libertadas da vida inferior. Cada ser que chega à plena consciência deve trabalhar para preparar aos seus irmãos uma vida suportável, um estado social que apenas comporta a soma de males inevitáveis. Esses males, necessários para o funcionamento da lei de educação geral, nunca deixarão de existir em nosso mundo. Eles representam uma das condições da vida terrestre. A matéria é o obstáculo útil; ela provoca o esforço e desenvolve a vontade, contribui para a elevação dos seres, impondo-lhes necessidades que os obrigam a



trabalhar. E como poderíamos conhecer a alegria sem a dor? Como poderíamos apreciar a luz sem a sombra? Como poderíamos saborear o bem adquirido, a satisfação alcançada, sem a privação? Eis por que as dificuldades são encontradas de todas as formas em nós e ao nosso redor.

*

A luta do espírito contra a matéria é um grande espetáculo, luta para a conquista do globo, luta contra os elementos, os flagelos, contra a miséria, a dor e a morte. Por toda parte a matéria se opõe à manifestação do pensamento. No domínio da arte, é a pedra que resiste ao cinzel do escultor. Na ciência, é o inapreciável, o infinitamente pequeno que se esconde da observação. Na ordem social, assim como na ordem particular, são os obstáculos inumeráveis, as necessidades, as epidemias, as catástrofes!

E, entretanto, em face das potências cegas que o oprimem e o ameaçam de todos os lados, o homem, ser frágil, ergueu-se. Como recurso, tem apenas a vontade. E com a ajuda desse recurso único, através do tempo, a áspera luta tem continuado, sem trégua, sem piedade. Depois, um dia, pela vontade humana, a formidável potência foi vencida, subjugada. O homem quis e a matéria submeteu-se. Ao seu gesto, os elementos inimigos, a água e o fogo, uniram-se rugindo e têm trabalhado para ele.

É a lei do esforço, lei suprema, pela qual o ser se afirma, triunfa e cresce. É a magnífica epopéia* da História, a luta exterior que enche o mundo. A luta interior não é menos emocionante. Cada vez que renascer, o espírito deverá ajeitar, apropriar o novo envoltório material que lhe vai servir de morada e fazer dele um instrumento capaz de passar e exprimir as concepções do seu gênio. Na maioria das vezes, o instrumento resiste e o pensamento, desanimado, retrai-se, impotente para melhorar, para levantar o pesado fardo que o sufoca e abate. Entretanto, pelo esforço acumulado, pela persistência dos pensamentos e dos desejos, apesar das decepções, dos defeitos no decurso das existências renovadas, a alma consegue desenvolver suas altas faculdades.

Há em nós uma surda aspiração, uma energia íntima, misteriosa, que nos leva para as alturas, que nos faz tender para destinos cada vez mais elevados, que nos impele para o belo e para o bem. É a lei do progresso, a evolução eterna que guia a humanidade

* Epopéia: ação ou série de ações heróicas (N.E.).



através das idades e que instiga cada um de nós, porque a humanidade são as próprias almas; elas voltam, de século em século, para prosseguir, com a ajuda de novos corpos, até que estejam preparadas para os mundos melhores, em sua obra de aperfeiçoamento. A história de uma alma não difere da história da humanidade; só a escala difere: é a escala das proporções.

O espírito molda a matéria. Ele lhe comunica a vida e a beleza. É por isso que a evolução é, por excelência, uma lei de estética. As formas adquiridas são o ponto de partida para formas mais belas. Tudo se liga. A véspera prepara o dia seguinte; o passado gera o futuro. A obra humana, reflexo da obra divina, abre-se em formas cada vez mais perfeitas.

*

A lei do progresso não se aplica unicamente ao homem. Ela é universal. Há, em todos os reinos da natureza, uma evolução que foi reconhecida pelos pensadores de todos os tempos. Desde a célula verde, desde o embrião flutuando nas águas, a cadeia das espécies, no decurso de séries variadas, tem-se desenrolado até nós.

Nessa cadeia, cada elo representa uma forma de existência que conduz a uma forma superior, a um organismo mais rico, mais bem adaptado às necessidades, às manifestações crescentes da vida. Mas, na escala da evolução, o pensamento, a consciência, a liberdade aparecem apenas depois de muitos degraus. Na planta, a inteligência fica adormecida; no animal, ela sonha; apenas no homem ela acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente. A partir daí o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da natureza, só pode realizar-se pelo acordo da vontade humana com as leis eternas.

É por esse acordo, pela união da razão humana com a razão divina, que se edificam as obras preparadoras do reino de Deus, ou seja, do reino da sabedoria, da justiça, da bondade, de que todo ser racional e consciente tem em si a intuição.

Assim, o estudo das leis de evolução, em vez de anular a espiritualidade do homem, vem, pelo contrário, dar-lhe uma nova confirmação. Ele nos ensina como nosso corpo pode derivar de uma forma inferior pela seleção natural, mas também nos mostra que possuímos faculdades intelectuais e morais de uma origem diferente, e encontramos essa origem no universo invisível, no mundo sublime do espírito.

A teoria de evolução deve ser completada pela teoria da percussão, ou seja, pela ação das potências invisíveis, que dirigem



e estimulam essa lenta e prodigiosa marcha ascensional* da vida do globo. O mundo oculto intervém, em certas épocas, no desenvolvimento físico da humanidade, assim como intervém no domínio intelectual e moral pela revelação mediúnica. Quando uma raça que chegou ao apogeu é seguida de uma nova raça, é racional acreditar que uma família superior de alma encarne entre os representantes da raça exausta para fazê-la subir um degrau, renovando-a e moldando-a à sua imagem. É o eterno himeneu** entre o céu e a Terra, a íntima penetração da matéria pelo espírito, a efusão crescente da vida psíquica na forma em evolução.

A aparição dos homens na escala dos seres pode ser explicada dessa maneira. A embriogenia*** mostra que o homem é a síntese de todas as formas vivas que o precederam, o último elo da longa cadeia de vidas inferiores que se desenrola no decorrer dos tempos. Porém, isso é apenas o aspecto exterior do problema das origens; o aspecto interior é, por sua vez, amplo e imponente. Da mesma forma que cada nascimento se explica pela descida de uma alma vinda da espiritualidade à carne, também se explica a primeira aparição do homem no planeta, que deve ser atribuída a uma intervenção das potências invisíveis que geram a vida. A essência psíquica vem comunicar às formas animais em evolução o sopro de uma nova vida. Ela vai criar, para a manifestação da inteligência, um órgão até então desconhecido: a palavra. Elemento poderoso de toda a vida social, o verbo apareceu e, ao mesmo tempo, por meio do seu envoltório fluídico, a alma encarnada conservará a possibilidade de entrar em relações com o meio de onde saiu⁹².

* Ascensional: que obriga a subir (N.E.).

** Himeneu: casamento, festa de núpcias (N.E.).

*** Embriogenia: a produção ou origem do embrião (N.E.).

92 - Qualquer que seja a teoria a que se dê preferência nessas matérias, adote-se a visão de Darwin, de Spencer ou de Haeckel, não é possível crer que a natureza, que Deus apenas tenha um só modo de produzir e de desenvolver a vida. O cérebro humano é limitado. As possibilidades da vida são infinitas. Os pobres teóricos que querem encerrar toda a ciência biológica nos estreitos limites de um sistema fazem-nos sempre lembrar do menino da lenda que queria colocar toda a água do oceano num buraco feito na areia da praia.

O próprio professor Charles Richet declarou em sua resposta a Sully-Prudhomme: "As teorias da seleção são insuficientes". E acrescentamos: "Se há unidade de plano, deve existir diversidade nos meios de execução. Deus é o grande artista que, dos contrastes, sabe fazer sobressair a harmonia. Parece que há no universo duas imensas correntes de vida: uma mostra o abismo pela animalidade; a outra descende das alturas divinas; elas se unem, se confundem e se encadeiam. Não é essa a significação da escada do sonho de Jacob?"



A evolução dos mundos e das almas é regida pela vontade divina, que penetra e dirige toda a natureza, mas a evolução física é apenas a preparação da evolução psíquica, e a ascensão das almas prossegue muito além da cadeia dos mundos materiais.

O que impera nas baixas regiões da vida é a luta ardente, o combate sem trégua de todos contra todos, a guerra perpétua na qual cada ser se esforça para conquistar um lugar ao sol, quase sempre em prejuízo dos outros. Essa luta furiosa arrasta e destrói todos os seres inferiores em seus turbilhões. Nosso globo é como uma arena onde se travam incessantes lutas.

A natureza renova incessantemente esses exércitos de combatentes. Em sua fecundidade prodigiosa, gera novos seres; mas logo a morte ceifa em suas estreitas fileiras. Essa luta, espantosa à primeira vista, é necessária para o desenvolvimento do princípio de vida. Ela dura até o dia em que um raio de inteligência vem iluminar as consciências adormecidas. É na luta que a vontade se apura e se afirma; é da dor que nasce a sensibilidade.

A evolução material, a destruição dos organismos, é apenas temporária: representa a fase primária da epopéia da vida. As realidades imortais estão no espírito. Só ele sobrevive a esses conflitos. Todos esses envoltórios passageiros são apenas vestimentas que se vêm adaptar à sua forma fluídica permanente. Ele os cobre de vestuários para representar os numerosos atos do drama da evolução no vasto palco do universo.

Emergir grau a grau do abismo da vida para se tornar espírito, gênio superior, e isso por seus próprios méritos e esforços; conquistar seu futuro hora a hora; libertar-se um pouco mais todos os dias do domínio das paixões, libertar-se das sugestões do egoísmo, da preguiça, do desânimo; resgatar-se pouco a pouco de suas fraquezas, de sua ignorância, ajudando seus semelhantes a se resgatarem por sua vez, arrastando todo o meio humano para um estado mais elevado: eis o papel destinado a cada alma. E ela tem, para desempenhar esse papel, toda a série de existências inumeráveis na escala magnífica dos mundos.

Tudo o que vem da matéria é instável: tudo passa, tudo foge. As montanhas vão pouco a pouco se abatendo sob a ação dos elementos; as maiores cidades transformam-se em ruínas; os astros iluminam-se, resplandecem, depois apagam-se e morrem; só a alma imortal paira na duração eterna.

O círculo das coisas terrestres nos aperta e limita nossas percepções; mas quando o pensamento se liberta das formas



mutáveis e abrange a extensão dos tempos, vê o passado e o futuro se juntarem, vibrarem e viverem o presente. O canto de glória, o hino da vida infinita, enche os espaços; sobe do interior das ruínas e dos túmulos; sobre os destroços das civilizações mortas surgem novas florescências. A união se faz entre as duas humanidades, visível e invisível, entre aqueles que povoam a Terra e aqueles que percorrem o espaço. A voz deles chama, responde, e esses ruídos, esses murmúrios, embora vagos e confusos para muitos, tornam-se para nós a mensagem, a palavra vibrante, que afirma a comunhão do amor universal.

*

Tal é o caráter complexo do ser humano – espírito, energia e matéria – em que se resumem todos os elementos constitutivos, todas as potências do universo. Tudo o que está em nós está no universo, e tudo o que está no universo se encontra em nós. Pelo seu corpo fluídico e pelo seu corpo material o homem encontra-se ligado à imensa teia da vida universal e, pela sua alma, a todos os mundos invisíveis e divinos. Somos feitos de sombra e de luz.

Somos a carne com todas as suas fraquezas e o espírito com suas riquezas latentes, suas esperanças radiosas, seus vãos magníficos.

E o que está em nós encontra-se em todos os seres. Cada alma humana é uma projeção do grande foco eterno. É isso o que consagra e assegura a fraternidade dos homens. Temos em nós os instintos animais, mais ou menos comprimidos pelo longo trabalho e pelas provas das existências passadas, e temos também a crisálida do anjo, do ser radioso e puro, em que podemos nos tornar pela impulsão moral, pelas aspirações do coração e pelo sacrifício constante do “eu”. Tocamos com os pés as profundezas obscuras do abismo e, com a fronte, as altitudes ofuscantes do céu, o império glorioso dos espíritos.

Quando aplicamos o ouvido ao que se passa no fundo de nosso ser, ouvimos como o ruído de águas ocultas e tumultuadas, ouvimos o fluxo e o refluxo do mar agitado da personalidade que os vendavais da cólera, do egoísmo e do orgulho agitam. São as vozes da matéria, os apelos das baixas regiões que nos atraem e ainda influenciam nossas ações, mas podemos dominar essas influências com a vontade; podemos impor silêncio a essas vozes, e, quando a calma se fizer em nós, quando o murmúrio das paixões se aplacar, então se elevará a poderosa



voz do espírito infinito, o cântico da vida eterna, cuja harmonia enche a imensidade.

E quanto mais o espírito se eleva, purifica e ilumina, mais seu organismo fluídico se torna acessível às vibrações, às vozes, aos sopros do alto. O espírito divino, que anima o universo, age sobre todas as almas, procura penetrá-las, esclarecê-las, fecundá-las; entretanto, a maior parte permanece obscura e fechada; ainda muito grosseiras, não podem sentir sua influência nem ouvir seus chamados. Muitas vezes Ele as cerca, as envolve, procura atingir as camadas profundas de sua consciência, acordá-las para a vida espiritual. Muitas resistem a essa ação, pois a alma é livre; outras a sentem somente nos momentos solenes da vida, nas grandes provas, nas horas desoladas em que experimentam a necessidade de um socorro do alto e o pedem. Para viver a vida superior a que essas influências se adaptam, é preciso ter conhecido o sofrimento, praticado a abnegação, ter renunciado às alegrias materiais, acendido e alimentado em si essa chama, essa iluminação interior que nunca se apaga e cujos reflexos iluminam, desde esse mundo, as perspectivas do além. Só as múltiplas e dolorosas existências planetárias nos preparam para essa vida.

*

Assim se desvenda o mistério da psique, a alma humana, filha do céu, presa por um tempo na carne e que volta para sua pátria de origem ao longo das milhares de mortes e renascimentos.

A tarefa é árdua e as subidas a escalar são difíceis; a espiral assustadora a ser percorrida se desenrola sem um término aparente; mas nossas forças não possuem limites, pois podemos renová-la incessantemente pela vontade e pela comunhão universal.

E, depois, não estamos sozinhos para efetuar essa grande viagem. Não apenas nos reuniremos, cedo ou tarde, com os seres amados, os companheiros de nossas vidas passadas, aqueles que compartilharam nossas alegrias e nossos tormentos, mas também com outros grandes seres, que também foram homens e que agora são espíritos celestes e permanecem ao nosso lado nas passagens difíceis. Aqueles que nos ultrapassaram no caminho sagrado não se desinteressam de nossa sorte, e quando a tormenta maltrata nossa estrada, suas mãos caridosas sustentam nossa caminhada.

Lenta e dolorosamente, amadurecemos para as tarefas cada vez mais elevadas; participamos mais da execução de um plano



cuja majestade enche de uma admiração comovente aquele que nele entrevê as linhas imponentes. À medida que nossa ascensão se acentua, maiores revelações nos são feitas, novas formas de atividade, novos sentidos psíquicos nascem em nós, coisas mais sublimes nos aparecem. O universo fluídico sempre se mostra mais vasto para nosso desenvolvimento; ele se torna uma fonte inesgotável de alegrias espirituais.

Posteriormente, chega a hora em que, após suas peregrinações pelos mundos, a alma, das regiões da vida superior, contempla o conjunto de suas existências, o longo cortejo de sofrimentos por que passou. Ela enfim compreende que esses sofrimentos são o preço de sua felicidade e que essas provas são apenas para o seu bem. E então seu papel muda. De protegida passa a protetora. Envolve com sua influência aqueles que ainda lutam nas terras do espaço, sopra-lhes os conselhos de sua própria experiência, sustenta-os nos caminhos estreitos e ásperos que ela própria percorreu.

A alma conseguirá chegar ao fim de sua viagem? Ao avançar no caminho traçado, ela sempre vê se abrirem novos campos de estudos e de descobertas. Semelhantes à corrente de um rio, as ondas da ciência suprema descem para ela em uma torrente cada vez mais poderosa. Ela chega a penetrar a santa harmonia das coisas, a compreender que nenhuma discordância, nenhuma contradição existe no universo, que por todos os lugares reinam a ordem, a sabedoria, a providência. E sua confiança e seu entusiasmo aumentam cada vez mais; com amor ainda maior pelo poder supremo, ela saboreia, de uma maneira mais intensa, as felicidades da vida bem-aventurada.

Daí em diante está estritamente associada à obra divina, está preparada para cumprir as missões que cabem às almas superiores, à hierarquia de espíritos que, por diversos títulos, governam e animam o cosmo, pois essas almas são os agentes de Deus na obra eterna da criação; são os livros maravilhosos em que Ele escreveu os mais belos mistérios; são como as correntes que vão levar às terras do espaço as forças e as radiações da alma infinita.

Deus conhece todas as almas que formou com seu pensamento e seu amor. Ele sabe qual a finalidade que irá tirar mais tarde para a realização de seu objetivo. A princípio, deixa-as percorrer lentamente o caminho sinuoso, subir os sombrios desfiladeiros das vidas terrestres, acumular pouco a pouco em si os



tesouros da paciência, da virtude, do saber, que são adquiridos na escola do sofrimento. Mais tarde, um dia, engrandecidas pelas chuvas e pelas rajadas da adversidade, amadurecidas pelos raios do sol divino, saem da sombra dos tempos, da obscuridade das vidas inumeráveis, e eis que suas faculdades se desenvolvem em feixes deslumbrantes; sua inteligência se revela em obras que são como um reflexo do gênio divino.





10

A MORTE

A morte é apenas uma mudança de estado, a destruição de uma forma frágil que não mais fornece à vida as condições necessárias para seu funcionamento e sua evolução. Para além do túmulo, uma outra fase da existência se abre. O espírito, sob sua forma fluídica, imponderável, prepara-se para novas reencarnações e encontra em seu estado mental os frutos da última existência que findou.

A vida está por todos os lugares. A natureza inteira nos mostra, em seu quadro maravilhoso, a renovação perpétua de todas as coisas. Em parte alguma existe a morte, tal qual, em geral, é considerada entre nós; em nenhuma parte existe o aniquilamento. Nenhum ser pode morrer no seu princípio de vida, na sua unidade consciente. O universo transborda de vida física e psíquica. Por toda parte está o imenso formigar dos seres, a elaboração de almas que só escapam das lentas e obscuras preparações da matéria a fim de prosseguirem, nas etapas da luz, na sua magnífica ascensão.

A vida do homem é como o sol das regiões polares durante o verão: desce devagar, baixa, vai enfraquecendo, parece desaparecer num instante no horizonte. Aparentemente é o fim; mas logo se eleva para descrever de novo sua imensa órbita no céu.

A morte é apenas um eclipse momentâneo nessa grande revolução de nossas existências. Mas esse instante é o suficiente para nos revelar o sentido grave e profundo da vida. A própria morte pode ter sua nobreza, sua grandeza. Não devemos temê-la, e sim nos esforçar para embelezá-la, preparando-nos para ela continuamente pela pesquisa e pela conquista da beleza moral, a beleza do espírito, que molda o corpo e o orna com um reflexo sublime na hora das separações supremas. A maneira pela qual



cada um sabe morrer já é, por si só, uma indicação do que será, para cada um de nós, a vida espiritual.

Há como uma luz fria e pura à cabeceira de certos leitos de morte. Rostos, até aí insignificantes, parecem emoldurar-se por claridades do além. Um silêncio imponente se faz em volta daqueles que deixaram a Terra. Os vivos, testemunhas da morte, sentem grandes e sérios pensamentos desprenderem-se do fundo banal de suas impressões habituais, dando um pouco de beleza à sua vida interior. O ódio e as más paixões não resistem a esse espetáculo. Diante do corpo de um inimigo, toda animosidade é abrandada, todo desejo de vingança desaparece. À frente de um caixão, o perdão parece mais fácil, o dever, mais imperioso.

Toda morte é um parto, um renascimento. É a manifestação de uma vida até então oculta em nós, vida invisível da Terra que vai reunir-se com a vida invisível do espaço. Após um tempo de perturbação, voltamos a nos encontrar, do outro lado do túmulo, na plenitude de nossas faculdades e de nossa consciência, junto dos seres amados que compartilharam as horas tristes ou alegres de nossa existência terrestre. O túmulo guarda apenas o pó. Elevemos mais alto nossos pensamentos e nossas recordações, se quisermos encontrar de novo o rastro das almas que nos foram queridas.

Não pergunteis às pedras do sepulcro o segredo da vida. Ficai sabendo que os ossos e as cinzas que lá permanecem não são nada. As almas que os animaram deixaram esses lugares e revivem sob formas mais sutis, mais apuradas. Do seio do invisível, onde vossas preces as atingem e as comovem, elas vos seguem com o olhar, vos respondem e vos sorriem. A revelação espírita ensinará a vos comunicar com elas, a unir vossos sentimentos num mesmo amor, numa esperança inexprimível.

Muitas vezes, os seres por quem chorais e que ides procurar no cemitério estão ao vosso lado. Eles voltam e vêm cuidar de vós, aqueles que foram o amparo de vossa juventude, que vos embalaram nos braços, os amigos, companheiros de vossas alegrias e de vossas dores, assim como todas as formas, todos os meigos fantasmas dos seres que encontrastes no vosso caminho, que participaram de vossa existência e levaram com eles alguma coisa de vós mesmos, de vossa alma e de vosso coração. Ao redor de vós flutua a multidão de homens desaparecidos na morte, multidão agitada que revive, que vos chama e vos mostra o caminho a ser percorrido.



Ó, morte! Ó, serena majestade! Tu, de quem fazem um es-pantalho, és para o pensador apenas um momento de descanso, a transição entre dois atos do destino dos quais um se acaba e o outro se prepara! Quando minha pobre alma, errante há tantos séculos pelos mundos, depois de tantas lutas, contratempos e decepções, depois de muitas ilusões desfeitas e de esperanças adiadas, for repousar de novo em teu seio, será com alegria que irá saudar a aurora da vida fluídica. Cheia de admiração e encantada, se elevará do pó terrestre, através dos espaços insondáveis, em direção àqueles a quem amou neste mundo e que a esperam.

Para a maioria dos homens, a morte continua a ser um grande mistério, o sombrio problema que ninguém ousa encarar. Para nós, os espíritos, ela é a hora bendita em que o corpo cansado retorna à grande natureza para deixar à psique, sua prisioneira, livre passagem para a pátria eterna.

Essa pátria é a imensidade radiosa, cheia de sóis e de esfe-ras. Comparada a ela, como nossa pobre Terra irá parecer pouco desenvolvida! O infinito a envolve por todos os lados. Não há mais fim na extensão, assim como não há mais fim na duração, quer se trate da alma, quer do universo.

Da mesma forma que cada uma de nossas existências tem o seu fim e deve desaparecer para dar lugar a uma outra vida, cada um dos mundos semeados no universo deve morrer para dar lugar a outros mundos mais perfeitos.

Chegará o dia em que a vida humana irá se extinguir no globo que se tornou frio. A Terra, vasta necrópole, rolará, abatida, na amplidão silenciosa. Ruínas imponentes irão se elevar nos lugares onde existiram Roma, Paris, Constantinopla, cadáveres de capitais, últimos vestígios das raças extintas, gigantescos livros de pedra que nenhum olhar carnal irá ler de novo. Mas a humanidade terá desaparecido da Terra somente para prosse-guir, em esferas mais bem-dotadas, outras etapas de sua ascensão. A força do progresso terá levado todas as almas terrestres para planetas mais bem preparados para a vida. É provável que civilizações prodigiosas floresçam em Saturno e Júpiter; ali humanidades renascidas irão se expandir numa glória incomparável. Lá está o lugar futuro dos humanos, seu novo campo de ação, os lugares abençoados onde lhes será dado continua-rem a amar e trabalhar para seu aperfeiçoamento.

No meio de seus trabalhos, a triste lembrança da Terra ainda virá talvez afligir esses espíritos; porém, das alturas atingidas, a



memória das dores sofridas, das provas suportadas, será apenas um estimulante para se elevarem a maiores alturas.

Em vão a evocação do passado lhes fará surgir diante dos olhos os espectros da carne, os tristes despojos que jazem nas sepulturas terrestres. A voz da sabedoria lhes dirá:

“Que importa as sombras que se foram! Nada morre. Todo ser se transforma e esclarece, sobe os degraus que conduzem de esfera em esfera, de sol em sol, até Deus. Espírito imortal, lembra-te disto: a morte não existe!”

*

Os ensinamentos e cerimoniais das Igrejas muito têm contribuído para desenvolver um sentimento de terror nos espíritos ao representar a morte de forma sombria. Por sua vez, as doutrinas materialistas não são próprias para reagir contra essa impressão.

À hora do crepúsculo, quando a noite desce sobre a Terra, uma espécie de tristeza apodera-se de nós. Nós a superamos facilmente dizendo: depois das trevas, virá a luz; a noite é apenas a véspera da aurora! No fim do verão, quando ao deslumbramento da natureza vai suceder o inverno abatido, nós nos consolamos com o pensamento das florescências futuras. Por que, então, esse medo da morte, essa ansiedade dolorosa, com relação a um ato que não é o fim de coisa alguma?

É quase sempre porque a morte nos parece ser a perda, a privação repentina de tudo o que fazia a nossa alegria.

O espiritualista, especialmente o espírita, sabe que não é assim. A morte é para ele a entrada num mundo de vida mais rico de impressões e de sensações. Não só não ficamos privados das riquezas espirituais como também essas aumentam com novos recursos, tanto mais extensos e variados quanto melhor a alma se tiver preparado para desfrutá-los.

A morte nem sequer nos priva das coisas deste mundo. Continuaremos a ver aqueles que amamos e deixamos atrás de nós. Do seio dos espaços, seguiremos o progresso deste planeta; veremos as mudanças que ocorrem na superfície; assistiremos às novas descobertas, ao desenvolvimento social, político e religioso das nações. E, até a hora de nosso regresso à carne, participaremos de tudo isso fluidicamente, auxiliando, influenciando, na medida de nosso poder e de nosso adiantamento, aqueles que trabalham em proveito de todos.

Bem longe de afugentar a idéia da morte, como geralmente fazemos, saibamos encará-la face a face, pelo que ela é na reali-



dade. Esforcemo-nos para desembaraçá-la das sombras e fantasmagorias em que a envolveram, e perguntemo-nos de que maneira convém se preparar para esse incidente natural e necessário ao curso da vida.

Necessário, dizemos. De fato, o que aconteceria se a morte fosse suprimida? O globo se tornaria pequeno demais para conter a multidão de humanos. Com a idade e a velhice, a vida nos pareceria, num dado momento, de tal modo insuportável que preferiríamos tudo à sua prolongação indefinida. Chegaria um dia em que, tendo esgotado todos os meios de estudo, de trabalho, de cooperação útil à ação comum, a existência representaria para nós uma monotonia pesada, insuportável.

Nosso progresso, nossa elevação exigem-no: temos de ficar livres, mais dia menos dia, do envoltório carnal que, após ter prestado a função determinada, torna-se impróprio para seguir-nos em outros planos de nosso destino. Como é que aqueles que acreditam na existência de uma sabedoria providente, de um poder ordenador – qualquer que seja, aliás, a forma que idealizem para esse poder – podem considerar a morte como mal?

Se ela representa um papel importante na evolução dos seres, não há de ser uma das fases desejadas por essa evolução, o *pendant** natural do nascimento, um dos elementos essenciais do plano da vida?

O universo não pode falhar. Seu objetivo é a beleza; seus meios são a justiça e o amor. Fortifiquemo-nos no pensamento do futuro sem limites. A confiança em outra vida estimulará nossos esforços e os tornará mais fecundos. Nenhuma obra elevada e que exija paciência pode ter êxito sem a certeza do dia seguinte. A cada vez que, ao nosso redor, a morte, em seu austero esplendor, distribui seus golpes, torna-se um ensinamento, um incentivo para trabalharmos e para agirmos melhor, para aumentarmos constantemente o valor da nossa alma.

*

O aparato com que os sepultamentos são feitos deixa outra impressão não menos dolorosa na memória dos assistentes. O pensamento de que o nosso corpo será depositado na terra provoca uma sensação de angústia e asfixia. Entretanto, todos os corpos que animamos no passado repousam igualmente no solo e vão sendo lentamente transformados em plantas e flores;

* *Pendant*: expressão da língua francesa que significa figurar ao lado de; ser correspondente, harmonioso; ser a natural consequência (N.E.).

esses corpos foram apenas roupas que usamos; nossa personalidade não foi enterrada com eles; pouco nos importa hoje no que eles se transformaram. Por que temos, então, de nos preocupar mais com o destino daquele que dispomos hoje do que com os outros? Sócrates respondia com justeza a essa questão aos seus amigos que lhe perguntavam como ele queria enterrado: “*Enterrai-me como quiserdes, se puderdes vos apoiar de mim*”⁹³.

Muitas vezes a imaginação do homem povoa as regiões do além de criações assustadoras, que se tornam aterrorizantes para ele. Certas religiões também ensinam que as condições boas ou más da vida futura são determinadas na hora da morte, de uma maneira definitiva, irrevogável, e essa afirmação perturba a existência de muitos crentes. Outros temem a solidão, o abandono no seio dos espaços.

A revelação dos espíritos vem pôr fim a todas essas apreensões; ela nos traz sobre a vida do além-túmulo indicações exatas, claras⁹⁴; dissipa a incerteza cruel e o medo do desconhecido que nos atormentam. A morte, ela nos diz, não muda em nada a nossa natureza espiritual, os nossos caracteres, o que constitui o nosso verdadeiro “eu”. Ela apenas nos torna mais livres, dá-nos uma liberdade cuja extensão se mede de acordo com o grau de nosso adiantamento. Tanto de um lado quanto de outro, temos a possibilidade de fazer tanto o bem quanto o mal, a facilidade de nos adiantar, de progredir e de nos reformar. Por todas as partes reinam as mesmas leis, as mesmas harmonias, as mesmas potências



Sócrates (470 a.C.): filósofo grego considerado o pai da filosofia. Precursor do Cristianismo e do Espiritismo (veja *O Evangelho Segundo o Espiritismo* – “Introdução”). A exemplo de Jesus também não deixou nada escrito de seu próprio punho, tendo sido seus ensinamentos divulgados e difundidos pelos seus discípulos, especialmente por Platão.

93 - Pergunta-se muitas vezes se a cremação é preferível ao sepultamento, do ponto de vista da separação do espírito. Os espíritos consultados respondem que em tese geral a cremação provoca um desprendimento mais rápido, mais brusco e violento, até mesmo doloroso para a alma ligada à Terra por seus costumes, seus gostos, suas paixões. É preciso um certo arrebatamento psíquico, um desligamento antecipado dos laços materiais para sofrer sem dilaceração a operação crematória. É o caso da maioria dos orientais, para os quais a cremação está em uso. Nos países do Ocidente, onde o homem psíquico é pouco desenvolvido, pouco preparado para a morte, o sepultamento deve ser preferível, pois proporciona aos indivíduos ligados à matéria um desprendimento lento e gradual do espírito fora do corpo. Deveria, entretanto, ser rodeado de grandes precauções. Os sepultamentos são, para nós, feitos com muita precipitação; ocasionam muitas vezes erros deploráveis, como, por exemplo, enterrar pessoas em estado de letargia.

94 - Ver Allan Kardec. *O Céu e o Inferno*.



divinas. Nada é irrevogável*. O amor que nos chama a esse mundo nos atrai mais tarde para o outro; mas em todos os lugares, amigos, protetores, arrimos esperam por nós. Enquanto nesse mundo choramos a partida de um dos nossos, como se ele fosse se perder no nada, acima de nós seres etéreos glorificam sua chegada à luz, da mesma maneira que nós comemoramos a chegada de uma criancinha cuja alma vem novamente surgir para a vida terrestre. Os mortos são os vivos do céu.

*

Muitas pessoas temem a morte por causa dos sofrimentos físicos que a acompanham. Sofremos, é verdade, na doença que acaba na morte, mas também sofremos nas doenças de que nos curamos. No instante da morte, dizem-nos os espíritos, quase sempre não há dor. Morre-se como se adormece. Essa opinião é confirmada por todos aqueles a quem a profissão e o dever chamam freqüentemente à cabeceira dos moribundos.

Entretanto, se considerarmos a calma, a serenidade de certos doentes na hora derradeira, e a agitação convulsiva, a agonia de outros, deve-se reconhecer que as sensações que antecedem a morte são bastante diversas em relação aos indivíduos. Os sofrimentos são tanto mais vivos quanto mais numerosos e fortes são os laços que unem a alma ao corpo. Tudo o que os pode diminuir, enfraquecer, tornará a separação mais rápida e a mudança menos dolorosa.

Se a morte é quase sempre isenta de sofrimento para aquele cuja vida foi nobre e bela, o mesmo não acontece com os sensuais, os violentos, os criminosos, os suicidas.

Assim que a passagem é feita, uma espécie de perturbação, de entorpecimento, invade a maior parte de almas que não souberam se preparar para a partida. Nesse estado, suas faculdades ficam veladas; só passam a perceber as coisas em meio a um nevoeiro mais ou menos denso. A duração dessa perturbação varia de acordo com a natureza e o valor moral delas. Pode ser muito prolongada para as mais atrasadas e até mesmo durar vários anos. Depois, pouco a pouco, o nevoeiro vai ficando mais claro; as percepções se tornam mais nítidas. O espírito recupera sua lucidez; desperta para a nova vida, a vida do espaço. Instante solene para ele, mais decisivo, mais formidável que a hora da morte, porque, de acordo com seu valor e seu grau de pureza, esse despertar será calmo e delicioso ou cheio de ansiedade e sofrimento.

* Irrevogável: que não se pode anular (N.E.).



No estado de perturbação, a alma está consciente dos pensamentos dirigidos a ela. Os pensamentos de amor, de caridade, as vibrações dos corações afetuosos brilham para ela como raios na neblina que a envolve e a ajudam a se separar dos últimos laços que a prendem à Terra, a sair da sombra em que está imersa. É por isso que as preces inspiradas pelo coração, ditas com calor e convicção, especialmente as improvisadas, são fortalecedoras, benfazejas para o espírito que deixou a vida corporal. Pelo contrário, as orações vagas, infantis, das Igrejas, muitas vezes não têm efeito algum. Pronunciadas maquinalmente, não têm poder vibratório que faz do pensamento às vezes uma força penetrante e, ao mesmo tempo, uma luz.

O cerimonial religioso em uso geralmente traz pouca ajuda e conforto aos mortos. A ignorância das condições da sobrevivência torna os participantes dessas manifestações indiferentes e distraídos. É quase um escândalo ver a displicência com que se assiste, em nossa época, a uma cerimônia fúnebre. A atitude dos assistentes, a falta de recolhimento, as conversas banais durante o funeral, tudo causa dolorosa impressão. Bem poucos dos que acompanham o enterro pensam no defunto e sentem como um dever projetar para ele um pensamento afetuoso.

As preces fervorosas de seus amigos, de seus parentes, são bem mais eficazes para o espírito do morto do que as manifestações do culto mais pomposo. Entretanto, não é bom nos entregarmos desmedidamente à dor da separação. Certamente que as lamentações da partida são legítimas e as lágrimas sinceras são sagradas; porém, se essas lamentações são muito exageradas, entristecem e desanimam aquele a quem são dirigidas e, muitas vezes, testemunha delas. Em vez de lhe facilitarem o vôo para o espaço, elas o prendem nos lugares onde sofreram e onde ainda estão sofrendo aqueles que lhe são caros.

Pergunta-se às vezes o que se deve pensar das mortes prematuras, das mortes acidentais, das catástrofes que destroem, de uma só vez, numerosas existências humanas. Como conciliar esses fatos com a idéia de plano, de providência, de harmonia universal? E para os que deixam voluntariamente a vida por um ato de desespero, o que acontece? Qual é o destino dos suicidas?

As existências interrompidas prematuramente em acidentes chegaram ao seu fim previsto. São, em geral, complementos de existências anteriores que foram truncadas por causa de abusos ou de excessos. Quando, em consequência de hábitos desregrados, gastaram-se os recursos vitais antes da hora marcada



pela natureza, deve-se voltar e completar, em uma existência mais curta, o lapso de tempo que a existência anterior devia ter normalmente preenchido. Acontece que os seres humanos passíveis dessa reparação reúnem-se num ponto pela força do destino, para resgatar numa morte trágica as conseqüências dos atos que estão relacionados com o passado anterior ao nascimento. Daí as mortes coletivas, as catástrofes que lançam no mundo um aviso. Aqueles que partem assim acabaram o tempo que tinham de viver e vão se preparar para existências melhores.

Quanto aos suicidas, a perturbação em que se encontram mergulhados após a morte é profunda, terrível, dolorosa. A angústia os oprime e os segue até sua reencarnação seguinte. Seu gesto criminoso causa ao corpo fluídico, o perispírito, um abalo violento e prolongado, que será transmitido ao organismo carnal no renascimento. A maior parte deles volta enferma à Terra. Estando a vida no suicida em toda a sua força, o ato brutal que a despedaça produzirá longas repercussões em seu estado vibratório e determinará doenças ou desequilíbrios nervosos em suas futuras vidas terrestres.

O suicida procura o nada e o esquecimento de todas as coisas, mas se defronta, ao contrário, em face de sua consciência, na qual permanece gravada, para todo o sempre, a lembrança lastimável de ter fugido do combate da vida. A prova mais dura, o sofrimento mais cruel que haja na Terra, é preferível a essa perpétua mancha da alma, à vergonha de não poder mais se prezar. A destruição violenta de recursos físicos que ainda lhe poderiam ser úteis e até mesmo fecundos não livra o suicida das provas de que quis fugir, porque ele terá que reatar a cadeia quebrada de suas existências e tornar a passar pela série inevitável das provas, agravadas por atos e conseqüências que ele mesmo causou.

Os motivos do suicídio são de ordem passageira e humana; as razões de viver são de ordem eterna e sobre-humana. A vida, resultado de todo um passado, instrumento do futuro, é, para cada um de nós, o que ela deve ser na balança infalível do destino. Aceitemos com coragem a sucessão dos fatos, que são outros tantos remédios para nossas imperfeições, e saibamos esperar com paciência a hora fixada pela lei justa para o encerramento de nossa permanência na Terra.

*

O conhecimento que pudemos adquirir das condições da vida futura exerce uma grande influência sobre nossos últimos momentos. Ele nos dá mais segurança; abrevia a separação da alma.





Ernesto Bozzano: sábio de grande renome, italiano, desencarnado em 1943, pesquisador das questões do espírito. Aceitou a Doutrina após incansáveis estudos e debates com os mais brilhantes sábios de sua época. Deixou várias obras publicadas.

Para se preparar utilmente para a vida do além, é preciso não apenas estar convencido de sua realidade, mas também compreender suas leis, ver com o pensamento as vantagens e as consequências de nossos esforços para o ideal moral. Nossos estudos psíquicos, as relações estabelecidas durante a vida com o mundo invisível, nossas aspirações a modos de existência mais elevados desenvolvem nossas faculdades adormecidas e, quando chega a

hora definitiva, estando a separação corporal já em parte efetuada, a perturbação tem pouca duração. O espírito se reconhece rapidamente; tudo o que vê lhe é familiar; adapta-se sem esforço e sem emoção às condições de seu novo meio.

Quando se aproxima a hora derradeira, os moribundos muitas vezes entram em posse de seus sentidos psíquicos e percebem os seres e as coisas do invisível. Os exemplos são numerosos. Apresentamos alguns, extraídos das investigações feitas pelo senhor Ernesto Bozzano, cujos resultados foram publicados pelos *Anais das Ciências Psíquicas* de março de 1906:

1º CASO – Num livro que conta a vida do reverendo Dwight L. Moody (fervoroso propagandista evangélico nos Estados Unidos), escrito por seu filho, encontra-se o seguinte relato de seus últimos momentos:

“Ouviram-no, de repente, murmurar: ‘A Terra se afasta, o céu se abre diante de mim; passei os seus últimos limites. Não me chameis outra vez; tudo isso é belo; dir-se-ia uma visão de êxtase. Se isto é a morte, como é suave!’ Seu rosto reanimou-se com uma expressão de alegre reconsideração: ‘Dwight! Irene! Vejo as crianças!’ (ele fazia alusão a dois de seus netos que tinham morrido.) Em seguida, voltando-se para sua mulher, lhe disse: ‘Sempre foste uma boa companheira para mim’. Após essas palavras, perdeu os sentidos.”

2º CASO – O senhor Alfred Smedley, em sua obra *Some reminiscences (Algumas reminiscências)*, conta do seguinte modo os últimos momentos de sua mulher:

“Alguns instantes antes de sua morte, seus olhos fixaram-se em algo que parecia enchê-los de uma surpresa viva e agradável; então disse: ‘Como! Estão aqui minha irmã Charlotte, minha



mãe, meu pai, meu irmão Jean, minha irmã Maria! Agora também me trazem Bessy Heap! Estão todos aqui. Oh! Como isto é belo! Não os está vendo?’ ‘Não, minha querida – respondi – e sinto muito’. ‘Então não os podes ver? – Repetia a doente com surpresa. – Entretanto, estão todos aqui; eles vieram para me levar com eles. Uma parte de nossa família já atravessou o grande mar, e logo estaremos todos reunidos na nova morada celeste’. Acrescentarei aqui que Bessy Heap tinha sido uma criada bastante fiel, muito ligada à nossa família e que sempre tivera uma afeição especial por minha mulher.

Após essa visão extática, a doente permaneceu por algum tempo como esgotada; enfim, voltando fixamente o olhar para o céu e erguendo os braços, expirou.

3º CASO – O doutor Paul Edwards escreveu, em abril de 1903, ao diretor do *Light* de Londres:

“Por volta de 1887, quando morava em uma cidade da Califórnia, fui chamado até a cabeceira de uma amiga a quem eu era bastante ligado e que se achava na hora extrema, em consequência de uma doença dos pulmões. Todo mundo sabia que essa mulher era pura e nobre, essa mãe exemplar estava se encaminhando para uma morte próxima. Ela acabou também por se dar conta do fato e quis então se preparar para o grande momento. Tendo mandado vir seus filhos para perto da cama, os abraçava um a um, e depois os mandava embora. Seu marido aproximou-se por último, a fim de dar-lhe e receber o último adeus. Ele a encontrou em plena posse de suas faculdades intelectuais. Começou por dizer: ‘Newton (o nome do marido)... não chores, pois não sofro e tenho a alma pronta e serena. Amei-te na Terra; irei te amar ainda mais após minha partida. Pretendo vir até ti, se me for possível, ou então do céu cuidarei de ti, dos meus filhos, esperando a tua vinda. Agora, meu desejo mais vivo é ir-me embora... Percebo diversas sombras que se movem ao nosso redor... todas vestidas de branco... Ouço uma melodia deliciosa... Oh, aí está minha Sadie! Ela está perto de mim’ (Sadie fora sua filhinha que havia morrido havia dez anos). ‘Sissy – disse-lhe o marido –, minha Sissy, não vês que estás sonhando?’ ‘Ah! Meu querido – respondeu a doente –, por que me chamaste? Agora será mais difícil ir embora. Eu estava me sentindo tão feliz no além, era tão belo!’ Após cerca de três minutos, a agonizante acrescentou: ‘Vou-me embora mais uma vez, e dessa vez não voltarei, nem mesmo quando me chamares’.



“Essa cena durou oito minutos. Via-se bem que a agonizante desfrutava da visão completa de dois mundos ao mesmo tempo, pois ela falava de figuras que se moviam ao redor dela, no além, e, ao mesmo tempo, dirigia a palavra aos mortais deste mundo... Nunca me aconteceu assistir a uma morte tão impressionante, tão solene.”

Os *Anais das Ciências Psíquicas* relatam ainda um grande número de casos em que o doente percebe aparições de desencarnados cujo falecimento ignorava. Cinco casos sensacionais encontram-se nos *Proceedings*, da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres; esses casos apóiam-se em testemunhos de alto valor.

O senhor Ernesto Bozzano, ao terminar sua exposição, perguntou se esses fenômenos poderiam ser explicados pela subconsciência ou pela leitura dos pensamentos. Ele conclui pela negativa e assim se exprime⁹⁵:

“Estas hipóteses pouco se recomendam pela simplicidade e não têm o dom de convencer facilmente um investigador imparcial. É claro que, com semelhantes teorias, tão confusas e bem mais ingênuas do que sérias, as fronteiras da indução científica são ultrapassadas, para mergulhar no domínio ilimitado do fantástico.”

Eis ainda dois outros fatos, publicados pelos *Anais das Ciências Psíquicas* em maio de 1911. Eles apresentam certos traços de semelhanças com os anteriores e, além disso, se enriquecem de detalhes que nos ensinam como se opera, na morte, a separação entre o corpo fluídico e o corpo material.

A senhora Florence Marryat escreveu o que se segue no *The spirit's world (O mundo dos espíritos)*:

“Conto entre meus mais caros amigos uma jovem, pertencente às altas classes da aristocracia, dotada de faculdades mediúnicas maravilhosas. Há alguns anos, ela teve a infelicidade de perder sua irmã mais velha, então com a idade de 20 anos, em consequência de uma forte pleurisia. Edith (chamarei por esse nome a jovem médium) não quis afastar-se nenhum instante da cabeceira de sua irmã, e, junto dela, em estado de clarividência, pôde assistir ao processo de separação entre o espírito e o corpo. Ela começou inicialmente a perceber uma espécie de nebulosidade, semelhante à fumaça que, condensando-se*

95 - *Anais das Ciências Psíquicas*, março de 1906.

* Pleurisia: inflamação muito grave da pleura, membrana que envolve externamente os pulmões (N.E.).

gradualmente acima da cabeça, acabou por assumir as proporções, as formas e os traços de sua irmã moribunda, em que cada detalhe era semelhante. Essa forma flutuava no ar, a pouca distância da doente.

“À medida que o dia terminava, a agitação da doente se acalmava, situação essa anterior à da agonia. Edith contemplava ansiosamente sua irmã: o rosto havia se tornado lívido, o olhar havia se obscurecido, mas, ao alto, a forma fluídica se ruborizava e parecia se animar gradualmente com a vida que abandonava o corpo. Um momento depois a moribunda permanecia imóvel e sem conhecimento sobre os travesseiros, mas a forma havia se transformado em espírito vivo. Entretanto, cordões de luz, semelhantes a fluorescências elétricas, ainda se ligavam ao coração, ao cérebro e aos outros órgãos vitais. Quando chegou o momento supremo, o espírito moveu-se algum tempo de um lado a outro, para ir em seguida se colocar ao lado do corpo sem sentidos. Aparentemente ele estava muito fraco e mal se podia sustentar.

“E enquanto Edith contemplava essa cena, eis que se apresentaram duas formas luminosas nas quais reconheceu seu pai e sua avó, ambos falecidos nessa mesma casa. Aproximaram-se do espírito recém-nascido, sustentaram-no afetuosamente e o abraçaram. Depois, arrancaram os cordões de luz que ainda o ligavam ao corpo e, apertando-o sempre nos braços, dirigiram-se à janela, subiram e desapareceram.”

W. Stainton Moses, professor da Universidade de Oxford e pastor da Igreja Anglicana, publicou no *Light*:

“Tive recentemente, e pela primeira vez em minha vida, ocasião de estudar os processos de transição do espírito. Aprendi tantas coisas com essa experiência que me orgulho de ser útil para os outros contando o que vi... Tratava-se de um parente meu com quase 80 anos... Eu havia percebido, por alguns sintomas, que seu fim estava próximo, e corri para preencher meu último e triste dever...”

“Graças a meus sentidos mediúnicos, podia perceber que ao redor e acima de seu corpo se formava a aura nebulosa com a qual o espírito devia preparar seu corpo espiritual; e eu percebia que ela ia aumentando em volume e densidade, ainda que submetida a variações maiores ou menores, de acordo com as oscilações da vitalidade do moribundo. Pude assim notar que, às vezes, um leve alimento ingerido pelo doente ou uma influência magnética desprendida por uma pessoa que se aproximava dele



tinha como resultado avivar momentaneamente o corpo. A aura parecia continuamente em fluxo e refluxo.

“Assisti a esse espetáculo durante 12 dias e 12 noites e, apesar de no sétimo dia o corpo já ter dado sinais de sua breve partida, essa flutuação da vitalidade espiritual, em via de exteriorização, persistia. Contudo, a coloração da aura havia mudado; essa última tomava, além disso, formas cada vez mais definidas à medida que a hora da liberação se aproximava para o espírito. Vinte e quatro horas, somente, antes da morte, quando o corpo permanecia imóvel, foi que o processo de liberação progrediu. No momento supremo, vi aparecerem formas de ‘espíritos guardiães’ que se aproximaram do moribundo e, sem nenhum esforço, separaram o espírito do corpo consumido.

“Quando os cordões magnéticos enfim se quebraram, os traços do morto, nos quais se liam os sofrimentos pelos quais havia passado, se tranqüilizaram completamente e ficaram com uma tranqüila expressão de paz e de repouso.”

Citemos, enfim, dois testemunhos franceses: o doutor Haas, presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos de Nancy, escreveu no *Boletim* dessa sociedade, em 1906: *“Um fato a ser assinalado e do qual fui testemunha é que freqüentemente, poucos instantes antes de morrer, alienados encontram sua completa lucidez”*. O doutor Teste, em *Manuel pratique du magnetisme animal (Manual prático do magnetismo animal)*, declara igualmente ter encontrado loucos que pararam de agonizar, ou seja, quando a consciência pára, o corpo fluídico também pára.

*

Em resumo, o melhor meio de garantirmos uma morte suave e tranqüila é viver dignamente, com simplicidade e sobriedade, com uma vida sem vícios nem fraquezas, desligando-nos antecipadamente de tudo o que nos prende à matéria, idealizando nossa existência, povoando-a com pensamentos elevados e com ações nobres.

O mesmo acontece com as condições boas ou ruins da vida de além-túmulo. Elas também dependem unicamente da maneira pela qual desenvolvemos nossas tendências, nossos apetites, nossos desejos. É no presente que é preciso se preparar, agir, se reformar, e não no momento em que se aproxima o fim terrestre. Seria tolice acreditar que nossa situação futura depende de certas formalidades mais ou menos bem cumpridas na hora da partida. É a nossa vida inteira que responde pela vida futura.



Tanto uma quanto a outra estão ligadas estreitamente; elas formam uma série de causas e efeitos que a morte não interrompe.

Não é menos importante pôr fim às fantasias que preocupam certos cérebros, a respeito de lugares reservados às almas após a morte, aonde seres hediondos devem conduzi-las para as atormentar. Aquele que cuidou do nosso nascimento colocando-nos, ao virmos ao mundo, em braços amantes, estendidos para nos receberem, também nos reserva afeições em nossa chegada no além. Expulsemos para longe de nós os terrores vãos, as visões infernais, as beatitudes ilusórias. O futuro, assim como o presente, é a atividade, o trabalho. É a conquista de novos postos. Tenhamos confiança na bondade de Deus, em seu amor por suas criaturas, e avancemos com o coração firme para o alvo que para todos Ele marcou.

Não temos outro juiz ou algoz no além-túmulo a não ser a nossa própria consciência. Livres dos obstáculos terrestres, ela adquire um grau de importância difícil de ser compreendido por nós. Muitas vezes adormecida durante a vida, ela acorda com a morte e sua voz se eleva; evoca as lembranças do passado; livres de qualquer ilusão, aparecem-lhe sob sua verdadeira luz, e nossas menores faltas tornam-se causa de lamentações.

Como disse F. Myers: *“Não há necessidade de purificação pelo fogo; o conhecimento de si mesmo é a única punição e a única recompensa do homem”*. A harmonia está em toda parte, tanto na marcha solene dos mundos quanto na dos destinos. Cada um é classificado de acordo com suas aptidões na ordem universal. Aos grandes espíritos cabem as altas tarefas, as criações do gênio; às almas fracas, as obras medíocres, as missões inferiores. Em todas as atividades de nossas vidas, tendemos para o lugar que nos convém e nos pertence legitimamente.

Façamo-nos almas poderosas, ricas de ciência e de virtude, aptas para as obras grandiosas, e elas criarão por si mesmas um lugar nobre na ordem eterna. Pela alta cultura moral, pela conquista da energia, da dignidade, da bondade, esforçemo-nos para atingir o nível dos grandes espíritos que trabalham pela causa da humanidade, e mais tarde iremos saborear com eles as alegrias reservadas ao verdadeiro mérito. Então, a morte, em vez de ser um espantinho, irá se tornar, para nós, um benefício, e poderemos repetir as palavras célebres de Sócrates: *“Ah! Se é assim, deixai que eu morra muitas vezes!”*





11

A VIDA NO ALÉM

O ser humano, como dissemos, pertence desde esta vida a dois mundos. Pelo seu corpo físico, está ligado ao mundo visível; pelo seu corpo fluídico, ao invisível. O sono é a separação temporária desses dois envoltórios; a morte é a separação definitiva. Nos dois casos, a alma se separa do corpo físico e, com ela, a vida se concentra no corpo fluídico. A vida de além-túmulo é simplesmente a permanência e a liberação da parte invisível de nosso ser.

A Antiguidade conheceu esse mistério⁹⁶, mas por muito tempo os homens possuíam sobre as condições da vida futura apenas noções de um caráter vago, incerto. As religiões e as filosofias nos transmitem dados muito incertos sobre esses problemas, absolutamente desprovidos de controle, de confirmação e, sobre quase todos os pontos, em desacordo completo com as idéias modernas de continuidade e de evolução.

A ciência, por seu lado, estudou e conheceu até aqui no homem terrestre apenas a superfície, a parte física. Acontece que essa é, para o ser integral, quase o que a casca é para a árvore. Quanto ao homem fluídico, etéreo, de que nosso cérebro físico não pode ter consciência, ela o tem ignorado até os nossos dias. Daí sua impotência para resolver o problema da sobrevivência, uma vez que é apenas o ser fluídico que sobrevive. A ciência nada tem compreendido das manifestações psíquicas que se produzem no sono, o desprendimento, a exteriorização, o êxtase em todas as fugas da alma para a vida superior. Acontece que é unicamente pela observação desses fatos que conseguiremos adquirir, desde esta vida, um conhecimento positivo da natureza do “eu” e de suas condições de existência no além.

96 - Ver León Denis, *Depois da morte*, primeira parte.



Apenas a experiência podia resolver a questão. Tratava-se de estudar no homem atual o que pode nos esclarecer sobre o homem futuro. Não há outra saída para o pensamento humano que a religião, a ciência e a filosofia, em sua insuficiência, encurralaram no materialismo. É esse o preço da salvação social, pois o materialismo fatalmente nos conduziria à anarquia.

Foi somente após a Doutrina Espírita que o problema da sobrevivência entrou no domínio da observação científica e rigorosa. O mundo invisível pôde ser estudado com a ajuda de processos e métodos idênticos aos adotados pela ciência contemporânea nos outros campos de investigação. Esses métodos foram descritos por nós em outra obra⁹⁷. E já podemos constatar que, em vez de cavar um fosso, de estabelecer uma solução de continuidade entre os dois modos de vida, terrestre e celeste, visível e invisível, como faziam as diferentes doutrinas religiosas, esses estudos nos mostraram na vida do além o prolongamento natural, a continuidade do que observamos em nós.

A persistência da vida consciente, com todos os atributos que comporta, ou seja: memória, inteligência, faculdades afetivas, foi estabelecida pelas inúmeras provas de identidade pessoal recolhidas no decurso de experiências e pesquisas dirigidas por sociedades de estudos psíquicos em todos os países. Os espíritos dos mortos têm se manifestado aos milhares, não apenas com todos os traços de caráter e o conjunto das recordações que constituem sua personalidade moral, mas também com os traços físicos e os detalhes de sua forma terrestre, conservados pelo perispírito ou corpo etéreo. Este, sabemos, não é nada além do molde do corpo material. É por isso que os traços e as formas humanas reaparecem nos fenômenos de materialização.

Além disso, o conhecimento das condições variadas da vida do além foi exposto pelos próprios espíritos com a ajuda dos meios de comunicação de que dispõem. Suas indicações, recolhidas e registradas em volumes inteiros, servem como base à concepção que podemos fazer atualmente das leis da vida futura.

Entretanto, na falta das manifestações dos mortos, as experiências sobre o desdobramento dos vivos já nos forneceriam preciosos indícios sobre o modo de existência da alma no domínio do invisível.

O coronel De Rochas demonstrou isso experimentalmente: na anestesia e no sonambulismo, a sensibilidade e as percepções não são suprimidas, mas simplesmente exteriorizadas,

97 - Ver *No invisível*, primeira parte.



transferidas para fora⁹⁸. Já podemos deduzir logicamente disso que a morte é o estado de exteriorização total e de libertação do “eu” sensível e consciente.

O nascimento é como uma morte para a alma. Ela é encerrada com seu corpo etéreo, o perispírito, no túmulo da carne. O que chamamos de morte é simplesmente o retorno da alma à liberdade, enriquecida com as aquisições que pôde fazer no decorrer de sua vida terrestre. Vimos também que os diferentes estados do sono são outros tantos retornos momentâneos à vida do espaço. Quanto mais profunda for a hipnose, mais a alma se emancipa e se afasta. O sono mais intenso é o limite com a primeira fase da vida invisível.

Na realidade, as palavras sono e morte são impróprias. Quando adormecemos na vida terrestre, acordamos na vida do espírito. O mesmo fenômeno se produz na morte: a diferença está apenas na duração.

Carl du Prel cita dois exemplos significativos:

“Uma sonâmbula fez um dia a descrição de seu estado: ela lamentava não poder conservar as lembranças depois de seu sono; mas acrescentava: ‘Verei tudo isso novamente depois da morte’. Ela considerava, portanto, seu estado sonambúlico como idêntico ao estado depois da morte. (Kerner, Magikon).

“Dois espíritos visitaram um dia a vidente de Prévorst. Ela não apreciava muito essas visitas:

“‘Por que vindes a minha casa?’ – Perguntou ela.

“‘O quê?! – Os espíritos responderam com muito acerto. – Tu é que estás em nossa casa!’” (Perty, I).

Esses fatos, aos quais poderíamos acrescentar outros do mesmo gênero, demonstram que nosso mundo e o além não estão separados um do outro. Estão um no outro; de alguma forma se enlaçam e se confundem estreitamente. Os homens e os espíritos se misturam. Testemunhas invisíveis associam-se à nossa vida e compartilham nossas alegrias e provações.

*

A situação do espírito após a morte é a conseqüência direta de suas inclinações, seja para a matéria, seja para os bens da inteligência e do sentimento. Se as inclinações sensuais dominam, o ser forçosamente se imobiliza sobre os planos inferiores, que são os mais densos, os mais grosseiros. Se alimenta

98 - Ver A. de Rochas. *Etats profonds de l'hypnose, l'extériorisation de la sensibilité, les frontières de la science (Os estados profundos da hipnose; a exteriorização da sensibilidade, as fronteiras da ciência).*



pensamentos belos e puros, eleva-se a esferas em relação com a própria natureza de seus pensamentos.

Swedenborg disse, com razão: “*O céu está onde o homem colocou seu coração*”.

Entretanto, esse selecionamento não é imediato nem a transição é repentina. Se o olhar humano não pode passar bruscamente da obscuridade para a luz, o mesmo acontece com a alma. A morte nos faz entrar num estado transitório, uma espécie de prolongamento da vida física e anterior à vida espiritual. É o estado de perturbação de que falamos, estado mais ou menos prolongado, conforme a natureza espessa ou etérea do perispírito.

Livre do fardo material que a oprimia, a alma acha-se ainda envolvida na rede dos pensamentos e das imagens – sensações, paixões, emoções – gerada por ela no decurso das suas vidas terrestres; terá de familiarizar-se com a sua nova situação, tomar consciência do seu estado, antes de ser levada para o meio cósmico adequado ao seu grau de luz ou densidade.

A princípio, para a grande maioria, tudo é motivo de espanto nesse outro mundo, onde as coisas diferem essencialmente do meio terrestre. As leis da gravidade são menos rígidas. As paredes não são mais obstáculos. A alma pode atravessá-las e elevar-se nos ares. E, entretanto, certos entraves que ela não pode definir ainda a retêm. Tudo a deixa com medo e hesitação. Mas os seus amigos de lá vigiam-na e guiam-lhe os primeiros vãos.

Os espíritos adiantados libertam-se rapidamente de todas as influências terrestres e tomam consciência de si mesmos. O véu material se rasga ao impulso de seus pensamentos e perspectivas imensas se abrem. Compreendem quase de imediato sua situação e adaptam-se a ela com facilidade. Seu perispírito, esse instrumento volitivo, organismo da alma da qual nunca se separa, que é a obra de todo o seu passado, pois ela o construiu e teceu pessoalmente com sua atividade, flutua algum tempo na atmosfera. Depois, de acordo com seu estado de sutileza, de poder, correspondente às atrações distantes, ele se sente naturalmente atraído para associações similares, para agrupamentos de espíritos da mesma ordem, espíritos luminosos que rodeiam o recém-chegado com solicitude, para iniciá-lo nas condições de seu novo modo de existência.



Emanuel Swedenborg: sábio e poliglota sueco. Inteligência brilhante de sua época, levou as revelações espíritas de que era precursor para um caminho personalista, chegando a fundar uma religião a que chamou Nova Igreja.



Os espíritos inferiores conservam por muito tempo as impressões da vida material. Acreditam ainda viver fisicamente e continuam a sentir, às vezes durante anos, o engano de suas ocupações habituais. Para os materialistas, o fenômeno da morte permanece incompreensível. Por falta de conhecimentos prévios, confundem o corpo fluídico com o corpo físico. As ilusões da vida terrestre ainda persistem neles. Pelos seus gostos e até mesmo pelas suas necessidades imaginárias, estão como que amarrados à Terra. Depois, lentamente, com a ajuda de espíritos benfazejos, sua consciência desperta, sua inteligência se abre à compreensão desse novo estado de vida. Mas, desde que procuram se elevar, sua densidade os faz recair na Terra. As atrações planetárias e as correntes fluídicas do espaço os reconduzem violentamente para nossas regiões, como folhas secas varridas pela tempestade.

Os crentes ortodoxos* vagueiam na incerteza e procuram a realização das promessas do sacerdote e do pastor, o gozo das beatitudes prometidas. Às vezes, sua surpresa é grande, e um longo aprendizado é necessário para se iniciarem nas verdadeiras leis do espaço. Em vez de anjos ou demônios, encontram os espíritos dos homens que, como eles, viveram na Terra e os precederam. Sua decepção é grande ao verem suas esperanças malogradas**, suas convicções transformadas por fatos que de nenhum modo, na educação recebida, os havia preparado. Mas se durante a vida foram bons e submissos ao dever – tendo os atos sobre o destino ainda mais influência do que as crenças – essas almas não poderão ser infelizes.

Para os descrentes e todos aqueles que com eles se recusaram a admitir a possibilidade de uma vida independente do corpo, julgam-se mergulhados em um sonho, cuja duração irá se prolongar até que seu erro seja desfeito.

Suas impressões são bastante variadas, assim como os valores das almas. Aquelas que, durante a vida terrestre, conheceram a verdade e a serviram, recolhem, logo que desencarnam, o benefício de suas investigações e de seus trabalhos. A comunicação a seguir, entre muitas outras, dá testemunho disso. Provém de um espírita militante, homem de coração e convicção esclarecida: Charles Fritz, fundador do jornal *La Vie d'Outre-Tombe* (*A Vida do Além-Túmulo*), em Charleroi. Todos aqueles que

* Ortodoxo: nesse caso, aquele que segue uma doutrina, não aceitando novas idéias (N.E.).

** Malogrado: malsucedido, que não atingiu o seu ideal (N.E.).



conheceram esse homem reto e generoso irão reconhecê-lo pela sua linguagem. Ele descreve as impressões sentidas depois de sua morte e acrescenta:

“Senti que os laços se desfaziam pouco a pouco e que minha personalidade espiritual, meu ‘eu’, ia se desligando. Vi ao meu redor bons espíritos que esperavam por mim; foi com eles, enfim, que me elevei da superfície terrestre.

“Não sofri com essa desencarnação a morte do corpo físico; meus primeiros passos foram os da criança que começa a andar.

“A luz espiritual, cheia de força e de vida, nascia em mim; a luz não vem dos outros, e sim de nós. É um raio que sai do envoltório fluídico e que nos penetra por inteiro.

“Quanto mais tiverdes trabalhado na verdade, no amor e na caridade, mais essa luz será maior, até se tornar deslumbrante para aqueles que vos são inferiores.

“Pois bem! Meus primeiros passos foram inseguros; entretanto, pouco a pouco a força foi-me vindo e pedi a Deus sua assistência e sua misericórdia. Após ter constatado o completo desprendimento de minha individualidade, enfrentei, afinal, o trabalho que tinha de fazer. Vi o passado de minha última vida e me esforcei para que ela viesse com clareza das profundezas da memória.

“O passado se encontra no fluido do homem e, conseqüentemente, do espírito. Seu perispírito é como uma miragem de todas as suas ações e sua alma: se foi má a sua vida, contempla com tristeza suas faltas, inscritas, ao que parece, nas dobras do corpo perispiritual.

“Não tive dificuldade alguma em reconhecer minha vida tal qual ela fora. Evidentemente, constatei que não havia sido infalível, pois quem se pode vangloriar de o ter sido na Terra? Mas devo dizer-vos que, após essa constatação, senti-me bastante satisfeito e feliz com meu trabalho na Terra.

“Lutei, trabalhei e sofri pela causa do Espiritismo. Essa luz, dei-a, juntamente com a esperança, a muitos irmãos da Terra, por meio da palavra, dos meus estudos e meus trabalhos; por isso, volto a encontrar essa luz.

“Sou feliz por ter trabalhado em reerguer a fé, o coração e a coragem das pessoas. Recomendo a todos esta fé inabalável fundada no Espiritismo.

“Ainda tenho de me desenvolver, a fim de rever o passado de minhas encarnações anteriores. É um estudo, um trabalho completo que tenho de fazer. Vejo bem uma parte desse passado,



mas não posso defini-lo bem, conquanto esteja completamente consciente. Em pouco tempo, espero, essas vidas passadas aparecerão para mim claramente. Possuo luz o bastante para caminhar com segurança vendo o que está diante de mim, o meu futuro, e já ajudo espíritos infelizes.”

A lei de atração no espaço é a das afinidades. Todos os espíritos estão sujeitos a ela. A orientação de seus pensamentos os leva naturalmente para o lugar que lhes é próprio, porque o pensamento é a própria essência do mundo espiritual, sendo a forma fluidica apenas o vestuário. Por todos os lugares, reúnem-se os que se amam e se compreendem.

Herbert Spencer, num momento de intuição, formulou um axioma igualmente aplicável ao mundo visível e invisível. “A vida – disse ele – é apenas uma adaptação das condições interiores às condições exteriores”.

Se é apegado às coisas materiais, o espírito permanece ligado à Terra e se mistura aos homens que têm os mesmos gostos, os mesmos apetites. Quando é voltado para o ideal, para os bens superiores, se eleva sem esforço para o objeto de seus desejos. Une-se às sociedades do mundo espiritual, participa de seus trabalhos e desfruta dos espetáculos, das harmonias e do infinito.

Se o pensamento cria, a vontade edifica. A fonte de todas as alegrias, de todas as dores está na razão e na consciência. É por isso que encontramos, cedo ou tarde, no além, as criações de nossos sonhos e a realização de nossas esperanças. Mas o sentimento da tarefa inacabada traz, ao mesmo tempo que os afetos e as lembranças, a maior parte dos espíritos para a Terra. Toda alma encontra o meio que os seus desejos reclamam e irá viver nos mundos sonhados, unida aos seres que estima; aí também encontrará as lamentações, os sofrimentos morais que seu passado gerou.

Nossas concepções e nossos sonhos nos seguem por toda parte. No surto de seus pensamentos e no ardor de sua fé, os adeptos de cada religião criam imagens nas quais acreditam reconhecer os paraísos entrevistados. Depois, pouco a pouco, percebem que essas criações são imaginárias, de pura aparência e comparáveis a vastos panoramas pintados na tela ou a imensos afrescos. Aprendem, então, a se desprender e desejam realidades mais altas e mais sensíveis. Sob nossa forma atual e no estreito limite de nossas faculdades, não poderíamos compreender as alegrias e os êxtases reservados aos espíritos



superiores, nem as angústias profundas experimentadas pelas almas delicadas que chegaram aos limites da perfeição. A beleza está por toda parte; só os seus aspectos variam ao infinito, de acordo com o grau de evolução e de depuração dos seres.

O espírito adiantado possui fontes de sensações e de percepções infinitamente mais extensas, mais intensas do que as do homem terrestre. Nele, a clarividência*, a clariaudiência**, a ação a distância, o conhecimento do passado e do futuro coexistem numa síntese indefinível, que constitui, de acordo com a expressão de F. Myers: “*o mistério central da vida*”. Ao falar das faculdades dos espíritos de situação média, esse autor assim se exprime:

“O espírito, sem ser limitado pelo espaço e pelo tempo, tem um conhecimento parcial do espaço e do tempo. Ele pode se orientar, encontrar uma pessoa viva e segui-la à vontade. É capaz de ver no presente coisas que aparecem para nós como situadas no passado, e outras que estão situadas no futuro. O espírito tem conhecimento dos pensamentos e emoções dos amigos que se referem a ele.”

Quanto à diferença de percepção nas impressões, já podemos fazer uma idéia pelos sonhos chamados “emotivos”. A alma, quando está desprendida, embora parcialmente, não somente percebe, mas também sente com uma intensidade mais viva que no estado de vigília. Cenas, imagens, quadros que, quando estamos acordados, nos impressionam fracamente, tornam-se no sonho causas de alta satisfação ou de vivo sofrimento. Isso nos dá uma idéia do que pode ser a vida do espírito e seus modos de sensação quando, livre do envoltório carnal, sua memória e sua consciência recuperam a plenitude de suas vibrações. Compreendemos desde então como a reconstituição das lembranças do passado pode se tornar uma fonte de tormentos. A alma traz em si mesma seu próprio juiz, a marca gravada e infalível de suas obras, boas ou más.

Isso foi constatado em acidentes que podiam ter causado a morte. Em certas quedas, durante a trajetória do corpo humano a partir de um ponto elevado acima do solo, ou então na asfixia por submersão, a consciência superior da vítima passa em revista toda a vida passada com uma rapidez espantosa. Ela a revê completamente em poucos segundos, nos seus mínimos detalhes.

* Clarividência: dom que possibilita às pessoas ver os espíritos e o ambiente espiritual em que eles se encontram (N.E.).

** Clariaudiência: dom que possibilita às pessoas ouvir os espíritos (N.E.).



Carl du Prel⁹⁹ dá diversos exemplos disso. Haddock cita, entre outros fatos, o caso do almirante Beaufort¹⁰⁰:

“O almirante Beaufort, quando jovem, caiu de um navio nas águas do porto de Portsmouth. Antes que fosse possível socorrê-lo, desapareceu: ia se afogar. À angústia do primeiro momento sucedera-se um sentimento de calma e, ainda que se tivesse como perdido, nem sequer se debateu. Aliás, não havia nenhum sofrimento. Pelo contrário, as sensações eram de uma natureza agradável, participando do vago bem-estar que precede o sono pelo cansaço.

“Com esse enfraquecimento dos sentidos, coincidia uma extraordinária superexcitação da atividade intelectual; as idéias se sucediam com uma rapidez prodigiosa. Inicialmente, o acidente que acabava de ocorrer, o descuido que o motivara, o tumulto que deveria ter acontecido logo a seguir, a dor que iria atingir o pai da vítima, outras circunstâncias estreitamente associadas ao lar doméstico foram o objeto de suas primeiras reflexões. Em seguida, lembrou-se de seu primeiro cruzeiro, viagem interrompida por um naufrágio, depois a escola, os progressos que havia feito nela, enfim, de suas ocupações e suas aventuras quando criança. Em resumo, a subida de todo o rio da vida, e como era detalhada e precisa! É ele próprio quem diz: ‘Cada incidente de minha vida atravessava sucessivamente minhas lembranças, não como um simples esboço, mas com os detalhes e os acessórios de um quadro completo! Em outras palavras, toda a minha existência desfilava perante mim em uma espécie de vista panorâmica; cada fato com sua apreciação moral ou reflexões sobre sua causa e seus efeitos. Pequenos acontecimentos sem consequência, há muito tempo esquecidos, apresentavam-se em minha imaginação como se tivessem ocorrido na véspera’. E tudo isso aconteceu em dois minutos.”

Podemos citar ainda o atestado de Perty¹⁰¹, a respeito de Catherine Emmerich, que reviu, do mesmo modo, ao morrer, toda a sua vida passada. Constatamos assim, de tudo isso, que esse fenômeno não se limita aos casos de acidentes, parecendo acompanhar regularmente o falecimento.

99 - Carl du Prel. *Philos. der mystik.*

100 - Haddock. *Somnolism et psychism (Sonambulismo e psiquismo)*, extraído do *Journal de Médecine de Paris (Jornal de Medicina de Paris)*.

101 - Perty, *Myst. erscheinungen (Aparições místicas)*.

Esses três autores são citados pelo doutor Pascal em sua memória, apresentada no Congresso de Psicologia de Paris, em 1900.



Tudo o que o espírito fez, quis, pensou reflete-se nele. Semelhante a um espelho, a alma reflete todo o bem e todo o mal realizados. Essas imagens nem sempre são subjetivas*; pela intensidade da vontade, podem revestir um caráter substancial. Elas vivem e se manifestam, para nossa felicidade ou nosso castigo.

Tendo se tornado transparente no além, a alma julga a si mesma, assim como é julgada por todos aqueles que a contemplam. Apenas em presença de seu passado, vê reaparecer todos os seus atos e suas conseqüências, todos os seus erros, até mesmo os mais ocultos. Para o criminoso não há descanso nem esquecimento; sua consciência, como um justiceiro impiedoso, o persegue incessantemente. Em vão procura escapar às suas obsessões; seu suplício só poderá acabar se o remorso se converter em arrependimento e se ele aceitar novas provas terrestres, o único meio de reparação e de regeneração.

* Subjetivo: que pertence unicamente ao pensamento humano, em oposição ao mundo físico (N.E.).





12

AS MISSÕES, A VIDA SUPERIOR

Todo espírito que deseja progredir trabalhando na obra de solidariedade universal recebe dos espíritos mais elevados uma missão particular, apropriada às suas aptidões e ao seu grau de adiantamento.

Alguns têm por tarefa acolher os espíritos em seu retorno à vida espiritual, guiá-los, ajudá-los a se desprenderem dos fluidos espessos que os envolvem; outros são encarregados de consolar, instruir as almas sofredoras e atrasadas. Espíritos de químicos, físicos, naturalistas, astrônomos, prosseguem em suas pesquisas, estudam os mundos, suas superfícies, suas profundezas ocultas, atuam em todos os lugares sobre a matéria sutil, que fazem passar por preparações, modificações destinadas a obras que a imaginação humana teria dificuldades em imaginar. Outros se aplicam às artes, ao estudo do belo sob todas as suas formas. Espíritos menos evoluídos auxiliam os primeiros em suas tarefas variadas e lhes servem de auxiliares.

Um grande número de espíritos se consagra aos habitantes da Terra e dos outros planetas, estimulando-os em suas pesquisas, fortalecendo os ânimos abatidos, guiando os hesitantes pelo caminho do dever. Aqueles que praticaram a medicina e possuem o segredo dos fluidos curativos, reparadores, ocupam-se mais especialmente dos doentes¹⁰².

102 - Os casos de curas feitas pelos espíritos são muito numerosos e serão encontradas relações em toda a literatura espírita. (Ver, por exemplo, o caso citado por F. Myers. *Human personality – Personalidade humana*). A mulher de um grande médico, de reputação européia, sofrendo de um mal que seu marido não podia curar, foi radicalmente curada pelo espírito de um outro médico.

Ver também o caso da senhora Claire Galichon, que foi curada por magnetizações do espírito de cura de Ars. O fato é contado por ela mesma em *Souvenirs et problèmes spirites (Lembranças dos problemas espíritas)*.



A mais bela de todas as missões é a dos espíritos de luz. Vêm dos espaços celestes para trazer à humanidade os tesouros de sua ciência, de sua sabedoria, de seu amor. Sua tarefa é um sacrifício constante, porque o contato dos mundos materiais é penoso para eles; porém, encaram todos os sofrimentos por dedicação aos seus protegidos, a fim de assisti-los em suas provas e infiltrarem no coração deles grandes e generosas intuições. É justo atribuir-lhes esses clarões de inspiração que iluminam o pensamento, esses desafios da alma, essa força moral que nos sustenta nas dificuldades da vida. Se soubéssemos a quantos constrangimentos esses nobres espíritos se impõem para chegarem até nós, responderíamos melhor às suas solicitações, faríamos esforços enérgicos para nos desligarmos de tudo o que é insignificante e impuro, unindo-nos a eles na comunhão divina.

Nas horas de dificuldade, é para esses espíritos, para meus guias bem-amados, que voam meus pensamentos e meus apelos. É deles que me vêm o apoio moral e as consolações supremas.

Subi com muita dificuldade os atalhos da vida; minha infância foi dura. Logo conheci o trabalho manual e os pesados encargos de família. Mais tarde, em minha carreira de propagandista, muitas vezes me machuquei nas pedras do caminho; fui mordido pelas serpentes do ódio e da inveja. E agora, a hora crepuscular chegou para mim; as sombras sobem e me rodeiam; sinto minhas forças diminuir e meus órgãos se enfraquecerem. Mas nunca me faltou a ajuda de meus amigos espirituais, nunca minha voz os evocou em vão. Desde meus primeiros passos neste mundo sua influência me envolveu. Muitas vezes senti suas doces emanções de energia passarem sobre minha cabeça como asas batendo brandamente. É às suas inspirações que devo minhas melhores páginas e minhas expressões mais vibrantes. Compartilharam minhas alegrias e tristezas e, quando rugia a tempestade, sabia que estavam firmes ao meu lado, no meu caminho. Sem eles, sem seu socorro, há muito tempo teria sido obrigado a interromper a minha marcha, a suspender o meu trabalho. Mas suas mãos estendidas me têm amparado e dirigido na áspera via. Algumas vezes, no recolhimento da tarde ou no silêncio da noite, suas vozes me falam, me embalam, me confortam; ressoam em minha solidão como uma vaga melodia. Ou, então, são sopros que passam, semelhantes a carícias, sábios conselhos murmurados, indicações preciosas sobre as imperfeições de meu caráter e os meios de remediá-las.



Então esqueço as misérias humanas para me alegrar na esperança de um dia rever esses amigos, de reunir-me a eles na luz, se Deus me julgar digno disso, com todos aqueles que amei e que, do seio do além, me ajudaram a percorrer a etapa terrestre.

Que para todos vós, espíritos protetores, entidades protetoras, se eleve meu pensamento de reconhecimento, o melhor de mim mesmo, o tributo de minha admiração e de meu amor!

*

A alma vem de Deus e retorna a Deus percorrendo o imenso ciclo de seus destinos. Por mais baixo que tenha descido, cedo ou tarde, pela atração divina, sobe de novo para o infinito. O que ela procura ali? O conhecimento sempre mais perfeito do universo, a assimilação sempre mais completa de seus atributos: beleza, verdade, amor! E, ao mesmo tempo, uma libertação gradual das escravizações à matéria, uma colaboração crescente na obra eterna.

Cada espírito, no espaço, tem sua vocação e a persegue com facilidades desconhecidas na Terra; cada um encontra seu lugar nesse soberbo campo de ação, nesse vasto laboratório universal. Por todos os lados, tanto na amplidão como nos mundos, objetos de estudo e de trabalho, meios de elevação, de participação na obra divina, oferecem-se à alma laboriosa.

Já não é o céu frio e vazio dos materialistas, nem mesmo o céu contemplativo* e beato de certos crentes. É um universo vivo, animado, luminoso, repleto de seres inteligentes em via constante de evolução.

E quanto mais esses seres espirituais se elevam, mais sua tarefa se acentua, mais suas missões aumentam de importância. Um dia, tomam lugar entre as almas mensageiras que vão levar aos confins do tempo e do espaço as forças e as vontades da alma infinita.

Para o espírito mais inferior, assim como para o mais importante, o domínio da vida não possui limites. Seja qual for a altura a que tenhamos chegado, sempre há um plano superior a ser alcançado, uma nova perfeição a ser realizada.

Em toda alma, até mesmo na mais inferior, um futuro grandioso se prepara. Cada pensamento generoso que começa a despontar, cada demonstração de amor, cada esforço que tende para uma vida melhor, é como a vibração, o pressentimento, o apelo

* Céu contemplativo: onde não se faz nada. Onde se vive ou se está em eterna meditação (N.E.).



de um mundo mais elevado que a atrai e que, cedo ou tarde, a receberá. Todo impulso de entusiasmo, toda palavra de justiça, todo ato de abnegação repercute em progressão crescente na escala dos seus destinos.

À medida que ela vai se distanciando das esferas inferiores, onde reinam as influências pesadas, onde se agitam as vidas grosseiras, banais ou culpadas, as existências de lenta e penosa educação, a alma vai percebendo as altas manifestações da inteligência, da justiça, da bondade e sua vida se torna cada vez mais bela e divina. Os murmúrios confusos, os ruídos discordes dos centros humanos vão pouco a pouco se enfraquecendo para ela, até se extinguirem por completo; ao mesmo tempo, começa a perceber os ecos harmoniosos das sociedades celestes. É o limiar das regiões felizes, onde reina uma eterna claridade, onde paira uma atmosfera de benevolência, de serenidade e de paz, onde todas as coisas saem perfeitas e puras das mãos de Deus.

A diferença profunda que existe entre a vida terrestre e a vida do espaço reside no sentimento de libertação, de alívio, na liberdade absoluta que desfrutam os espíritos bons e puros.

Desde que os laços materiais estejam rompidos, a alma pura faz seu vôo para as regiões mais altas; lá, vive uma vida livre, pacífica, intensa, ao lado da qual o passado terrestre lhe parece apenas um sonho doloroso. Na demonstração das ternuras recíprocas, numa vida isenta de males, de necessidades físicas, a alma sente suas faculdades se multiplicarem; elas adquirem uma aptidão e uma extensão que os fenômenos de êxtase nos fazem entrever os esplendores velados.

A linguagem do mundo espiritual é a das imagens e dos símbolos, rápida como o pensamento. É por isso que nossos guias espirituais se servem de preferência de representações simbólicas para nos prevenir, no sonho, de um perigo ou de uma desgraça. O éter, fluido brando e luminoso, toma com extrema facilidade as formas que a vontade lhe imprime. Os espíritos comunicam-se entre si e compreendem-se por processos diante dos quais a arte oratória mais perfeita, toda a magia da eloquência* humana pareceriam apenas um balbuciar grosseiro. As inteligências elevadas percebem e realizam sem esforço as mais maravilhosas concepções da arte e do gênio. Porém, essas concepções não poderiam ser transmitidas integralmente aos

* Eloquência: a arte e o talento de convencer, deleitar ou comover por meio da palavra (N. E.).

homens. Até mesmo em suas manifestações mediúnicas mais perfeitas, o espírito superior tem de se submeter às leis físicas de nosso mundo, e apenas vagos reflexos ou ecos enfraquecidos das esferas celestes, algumas notas perdidas da grande sinfonia eterna, é que ele pode fazer chegar até nós.

Tudo é graduado na vida espiritual. A cada grau de evolução do ser para a sabedoria, para a luz, para a santidade, corresponde um estado mais perfeito de seus sentidos receptivos, de seus meios de percepção. O corpo fluídico, cada vez mais transparente, cada vez mais diáfano*, deixa passagem livre às radiações da alma. Daí uma aptidão maior para apreciar, para compreender os esplendores infinitos; daí uma lembrança mais viva do passado, uma familiarização cada vez maior com os seres e as coisas dos planos superiores, até que a alma, em sua progressão, tenha atingido as altitudes supremas.

Quando atinge essas alturas, o espírito vence toda paixão, toda tendência para o mal; ele libertou-se para sempre do domínio material e da lei dos renascimentos. É a entrada definitiva nos reinos divinos, de onde só descerá voluntariamente ao círculo das gerações para desempenhar missões sublimes.

Nessas alturas, a existência é uma festa eterna da inteligência e do coração. É a comunhão íntima no amor com todos aqueles que nos foram caros e que percorreram conosco o ciclo das transmigrações e das provas. Acrescentai a isso a visão constante da eterna beleza, uma profunda compreensão dos mistérios e das leis do universo, e tereis uma vaga idéia das alegrias reservadas a todos aqueles que, por seus méritos e seus esforços, alcançaram os céus superiores.

* Diáfano: que dá passagem à luz (N.E.).

Ao terminar a leitura deste livro, provavelmente você tenha ficado com algumas dúvidas e perguntas a fazer, o que é um bom sinal. Sinal de que está em busca de explicações para a vida. Todas as respostas de que você precisa estão nas Obras Básicas de Allan Kardec.

Se você gostou deste livro, o que acha de fazer com que outras pessoas venham a conhecê-lo também? Poderia comentá-lo com aquelas do seu relacionamento, dar de presente a alguém que talvez esteja precisando ou até mesmo emprestar àquele que não tem condições de comprá-lo. O importante é a divulgação da boa leitura, principalmente a literatura espírita. Entre nessa corrente!



O problema do Ser

A grandeza de uma obra reconhecida como um clássico está no seu conteúdo e na força da sua expressão, que, atravessando os tempos e as diferentes culturas, consegue manter a atualidade e o caráter universal de sua mensagem.

O problema do ser, de Léon Denis, lançado em 1908, é um exemplo da literatura que está acima dos modismos, demonstrando rara do talento de um escritor na vanguarda de sua época.

Envolvendo o leitor com a temática sempre atual do entendimento da morte não como um final, mas como o início da vida em outro plano, das tragédias que nos cercam e que escapam ao nosso controle e da breve existência terrestre, na qual a felicidade não faz morada permanente, Léon Denis aponta nossas fraquezas e vícios, ao mesmo tempo que desperta nossas potencialidades pela fé renovadora da moral elevada.

Nesta edição atualizada de **O problema do ser**, de leitura agradável e repleta de notas complementares que enriquecem ainda mais a obra e auxiliam os estudiosos e pesquisadores, Léon Denis apresenta-se ao nosso alcance em toda a sua grandeza, conduzindo o leitor para o encontro da harmonia interior e do sucesso, em todos os sentidos.

petit
editora

Uma passagem segura para o terceiro milênio

ISBN 85-7211-044-9



www.petit.com.br
petit@petit.com.br